



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JOSICLEIDE CABRAL DA SILVA GUEDES

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Campina Grande – PB

2025

Josicleide Cabral da Silva Guedes

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGEd/UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Fabiana Ramos.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas e diversidade.

Campina Grande-PB

2025

G924c

Guedes, Josicleide Cabral da Silva.

Concepções e práticas de contação de histórias de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental / Josicleide Cabral da Silva Guedes. - Campina Grande, 2025.

162 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Profa. Dra. Fabiana Ramos."

Referências.

1. Educação Infantil. 2. Narrativas Literárias Infantis. 3. Concepções de Contação de Histórias. 4. Formação Leitora. 5. Ensino Fundamental de Algodão de Jandaíra–PB. I. Ramos, Fabiana. II. Título.

CDU 373.2(043)

Josicleide Cabral da Silva Guedes

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGE/ UFCG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FABIANA RAMOS**
Data: 02/05/2025 17:26:38-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabiana Ramos
Orientadora – PPGE/ UFCG

Documento assinado digitalmente
 **NELSÂNIA BATISTA DA SILVA**
Data: 03/05/2025 19:28:50-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva
Membro Externo – UEPB

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DAS GRACAS OLIVEIRA**
Data: 02/05/2025 08:46:08-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria das Graças Oliveira
Membro Interno – PPGE/ UFCG

Data da aprovação: 27 de Março de 2025.

Esta obra é dedicada a todos os/as professores/professoras que lutam diariamente para vencerem os desafios que surgem em suas salas de aula, principalmente no que se refere à Inclusão. A eles/as toda minha admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que em sua infinita sabedoria colocou força em meu coração para vencer essa etapa de minha vida. A fé no Senhor, sem dúvidas, me ajudou a lutar até o fim.

Gratidão ao meu esposo, Josinaldo Guedes da Silva, que sempre me incentivou a estudar e realizar meus sonhos, que sempre me ajudou assumindo minha parte nas tarefas que compartilhamos, para que eu tivesse mais tempo para realizar minhas leituras. Ao meu filho, Júlio Guedes da Silva Cabral, que foi minha calma nos momentos em que eu ficava tensa, angustiada para cumprir prazo, meu amor e dedicação.

Ao meu pai, Severino José Cabral, e à minha mãe, Margarida Fernandes da Silva (in memoriam), que não puderam participar dessa fase tão especial da minha vida. Porém, se hoje consegui chegar até aqui, devo tudo a eles. Seus ensinamentos e valores alimentaram minha alma e conduziram meus passos até aqui. Saudades eternas!

A minha avó, dona Zefinha, a artesã da colcha de retalhos (in memoriam), por ter me ensinado que a vida é feita de retalhos e que precisamos valorizar cada um deles. Foram 104 anos bem vividos, costurando alguns retalhos cinza e muitos coloridos. Obrigado por acompanhar a tessitura da minha “colcha de retalhos” de algum lugar.

Agradeço de forma especial às minhas amigas da turma 8 do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEd, em especial à Evânia, Jozelma e Michele, que sempre foram porto seguro nos momentos difíceis, companheiras de risos largos nas horas felizes.

Obrigada Ednalva de Luna Alves Félix, por todo apoio e incentivo. A você, pessoa de um coração tão generoso, minha eterna gratidão.

Sou grata à minha orientadora, Dr^a. Fabiana Ramos, que acreditou em mim e me oportunizou vivenciar essa experiência ímpar. Ser sua orientanda foi um sonho que se tornou realidade. Sou grata pelos seus ensinamentos, pela sua paciência e pela sua compreensão.

Aos membros da banca examinadora deste trabalho, Profa. Dr.^a Maria das Graças Oliveira e Dr.^a Nelsânia Batista da Silva, pela leitura criteriosa e valiosas contribuições. Gratidão por tudo!

A todos os professores do PPGEd, por partilharem conosco um desejo comum, de pesquisar sobre educação e promover mudanças significativas na escola pública, para que ela seja de fato referenciada socialmente.

Agradeço ainda a todas as professoras participantes desta pesquisa, as quais denomino neste trabalho de P1A, P1B, P2A, P2B, P3A E P3B. Profissionais que permitiram adentrarmos em seus espaços de trabalho e disponibilizaram um pouco de seu escasso tempo para nos atender. A vocês, meu respeito e agradecimento.

Por fim, agradeço a todos e todas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada.

Gratidão!

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de 'nós'".

(Cora Coralina)

RESUMO

O contar de histórias vem trilhando novos caminhos e chegando cada vez mais a espaços diversos. Na escola, essa prática vem cada vez mais sendo fortalecida, seja com o propósito de trabalhar a intersubjetividade, exercer a função terapêutica, abordar a existência humana, ser utilizada como performance, para educar, ou como incentivo à leitura. O contar histórias, atualmente, não se restringe apenas ao uso de ferramentas, como voz, gestos e recursos literários, mas tem incorporado novos elementos ao ato de contar histórias, a exemplo de objetos, cenários, iluminação, musicalidade, performance elaborada, caracterização do contador/professor, além de buscar a utilização de novas técnicas de aprimoramento do seu fazer, inclusive no âmbito da escola. Como referencial teórico, a pesquisa adotou os estudos de autores, como Busatto (2013), Girardello (2014), Matos (2005), Stocker (2022), Santos e Oliveira (2021), Corsino (2019) e Teixeira (1996), dentre outros/as. Diante desse contexto, discutimos, nesta pesquisa, as concepções de contação de histórias e suas contribuições para a formação de leitores literários, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Algodão de Jandaíra–PB. Nosso principal objetivo foi investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaíra–PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola. A pesquisa aqui relatada é de natureza qualitativa, caracterizada como Estudo de Caso, e foi desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa, realizamos a observação, visando compreender como as participantes abordavam a contação de histórias em suas turmas. Em um segundo momento, analisamos os planos de aulas das referidas professoras para percebermos com que frequência as atividades envolvendo contação de histórias eram referenciadas no planejamento e, na sequência, realizamos entrevistas com as mesmas com intuito de verificar qual a concepção de contação adotadas por elas, bem como qual importância elas atribuem a utilização da contação de história como uma ferramenta que pode contribuir com a formação literária de seus alunos. Como resultados, foi possível detectarmos que as professoras colaboradoras da pesquisa consideram a contação de histórias uma importante aliada para aproximar as crianças das narrativas literárias infantis. Além disso, percebemos diferentes concepções de contação adotadas por elas, com predominância da concepção de contação de história Educativa por parte de P1A, P1B e P3A, seguida da concepção de contação enquanto Performance, trabalhada por P1A e P2B, e da concepção de contação de história Intersubjetiva, por P3B. Entretanto, as dificuldades apontadas por P2A, como a falta de preparo/formação, somada à pouca frequência de eventos de contação nos planos de aula e à falta de um planejamento bem elaborado para que isso de fato ocorra, são aspectos que não têm colaborado com essa aproximação de forma efetiva.

Palavras-chave: Concepções de contação de histórias; narrativas literárias; Formação leitora.

ABSTRACT

Storytelling has been treading new paths and reaching more and more diverse spaces. At school, this practice is increasingly being strengthened, whether for the purpose of working on intersubjectivity, exercising a therapeutic function, addressing human existence, being used as a performance, to educate, or as an incentive to read. Storytelling today is not restricted to the use of tools such as voice, gestures and literary resources, but has incorporated new elements into the act of storytelling, such as objects, scenery, lighting, musicality, elaborate performance, characterization of the storyteller/teacher, as well as seeking to use new techniques to improve its performance, including in the context of schools. As a theoretical reference, the research adopted the studies of authors such as Busatto (2013), Girardello (2014), Matos (2005), Stocker (2022), Santos and Oliveira (2021), Corsino (2019) and Teixeira (1996), among others. In this context, we discussed the conceptions of storytelling and their contributions to the formation of literary readers in a municipal primary school in Algodão de Jandaíra-PB. Our main objective was to investigate how the conceptions of storytelling adopted by elementary school teachers in the municipality of Algodão de Jandaíra-PB influence the approach to children's literary narratives at school. The research reported here is qualitative in nature, characterized as a case study, and was carried out in three stages. In the first stage, we conducted an observation to understand how the participants approached storytelling in their classes. Secondly, we analyzed the lesson plans of these teachers to see how often activities involving storytelling were referenced in the planning and then conducted interviews with them in order to see what concept of storytelling they adopted, as well as the importance they attach to using storytelling as a tool that can contribute to their students' literary education. As a result, it was possible to detect that the teachers who collaborated in the research consider storytelling to be an important ally in bringing children closer to children's literary narratives. In addition, we noticed different conceptions of storytelling adopted by them, with a predominance of educational storytelling by P1A, P1B and P3A, followed by Performance storytelling by P1A and P2B, and Intersubjective storytelling by P3B. However, the difficulties pointed out by P2A, such as the lack of preparation/training, coupled with the infrequency of storytelling events in lesson plans and the lack of well-developed planning for this to actually happen, are aspects that have not contributed to this approach effectively.

Keywords: Conceptions of storytelling; literary narratives; Reading training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dissertações resultantes da busca no Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2016-2023) -----	18
Quadro 2 - Levantamento de pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre a temática pesquisada -----	21
Quadro 3 - Quantidade de alunos do município de Algodão de Jandaíra-PB distribuídos por segmentos -----	65
Quadro 4 – Quantidade de alunos da escola pesquisada distribuída por ano/turma -----	66
Quadro 5 - Recursos e materiais-----	72
Quadro 6 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa -----	74
Quadro 7 – Observações realizadas para identificar o trabalho com a literatura infantil em sala de aula -----	76
Quadro 8 - Objetivos de pesquisa, procedimentos de geração de dados e categorias de análise-----	81
Quadro 9 - Importância e objetivos da contação de histórias-----	83
Quadro 10 - Escolha das histórias a serem contadas pelas professoras-----	86
Quadro 11 - Caracterização do contador de histórias -----	90
Quadro 12 - A contação de histórias e sua influência na ampliação do contato das crianças com o texto literário -----	92
Quadro 13 - Priorização de histórias a serem contadas -----	94
Quadro 14 - Inserção da contação de histórias nos planos de aula -----	98
Quadro 15 - Dificuldades para planejar atividades de contação de histórias ---- -----	101
Quadro 16 - Estudo da história a ser contada -----	106
Quadro 17 - Instrumentos utilizados como suporte para contar histórias ----	109
Quadro 18 - Espaços para contar histórias-----	115
Quadro 19 - Procedimentos adotados após a contação de histórias -----	120
Quadro 20 – Os alunos como contadores de histórias -----	127

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sala de leitura da escola -----	68
Imagem 2 – Cantinho da leitura da sala de aula de P1A -----	68
Imagem 3 – Cantinho da leitura da sala de aula de P1B -----	69
Imagem 4 – Cantinho da leitura da sala de aula de P2A -----	69
Imagem 5 – Cantinho da leitura da sala de aula de P2B -----	69
Imagem 6 – Cantinho da leitura da sala de aula de P3A -----	70
Imagem 7 – Cantinho da leitura da sala de aula de P3B -----	70
Imagem 8 – Espaço de leitura no pátio da escola -----	71
Imagem 9 – Alguns objetos confeccionados para o projeto de leitura -----	71
Imagem 10 – Mediação de leitura na turma de P2A -----	96
Imagem 11 – Mediação de leitura na turma de P1B -----	97
Imagem 12 – Mediação de leitura na turma de P3A -----	97
Imagem 13 – Contação da história A cigarra e a formiga na turma de P1A ----	111
Imagem 14 – Contação da história O monstro das cores na turma de P1B ----	112
Imagem 15 – Contação da história A galinha ruiva na turma de P2B -----	113
Imagem 16 – Contação da história do poema narrativo na turma de P2B -----	113
Imagem 17 – Contação da história Chapeuzinho Vermelho na turma de P3A -	114
Imagem 18- Contação da história improvisada O mundo encantado na turma de P3B-----	114
Imagem 19 – Elementos de P2B que podem ser utilizados para contar histórias - -----	117
Imagem 20 – Contação de história realizada no pátio da escola pelos alunos de P2B -----	118
Imagem 21 – Contação de história realizada na sala de aula por P2B -----	118
Imagem 22 – Contação de história realizada na sala de leitura da escola por P3B -----	119
Imagem 23 – Primeira atividade realizada pelos alunos de P1B após a contação da história O monstro das cores -----	122
Imagem 24 – Segunda atividade realizada pelos alunos de P1B após a contação da história O monstro das cores -----	122

Imagem 25 – Primeira atividade realizada pelos alunos de P3A após a contação da história Chapeuzinho vermelho -----	124
Imagem 26 – Segunda atividade realizada pelos alunos de P3A após a contação da história Chapeuzinho vermelho -----	125
Imagem 27 – Momento de discussão acerca da história O mundo Encantado com a turma de P3B-----	126

LISTA DE SIGLAS

- BDTD** – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CAED** – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNCA** – Compromisso Nacional Criança Alfabetizada
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBICT** – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- PNAIC** – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
- PNBE** – Programa Nacional Biblioteca na Escola
- PNLD** – Programa Nacional do livro didático
- PP** – Projeto Pedagógico
- SIAVE** – Sistema de Avaliação da Educação Básica da Paraíba
- SOMA** – Pacto pela Alfabetização na Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. CONCEITOS EM DESTAQUE	26
1.1. Literatura infantil: percorrendo a história e discutindo os conceitos	26
1.2. As narrativas infantis e as práticas de contar histórias ao longo do tempo - -----	30
1.3. A contação de histórias: concepções, práticas e formação do leitor-----	36
1.4. A formação do professor e a contação de histórias na escola-----	54
2. PERCURSO METODOLÓGICO -----	59
2.1. Natureza da pesquisa	59
2.2. Contexto da pesquisa-----	64
2.3. Participantes-----	73
2.4. Geração de dados-----	75
2.5. Procedimento de análise dos dados-----	79
3. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL -----	83
3.1. As concepções de professoras sobre o contar histórias na escola-----	83
3.2. As práticas das professoras quanto ao trabalho com a contação de histórias-----	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
ANEXOS	143
APÊNDICES	151

INTRODUÇÃO

A narração de histórias figura entre os fazeres mais antigos da humanidade, como aborda Farias (2011). Segundo o autor, essa prática começou como uma tentativa de organização social e compreensão do mundo, quando os primeiros coletores e caçadores se reuniam em volta da fogueira em chamas, com o intuito de contar histórias uns para os outros, histórias estas que abordavam suas aventuras de luta pela sobrevivência, apresentando eventos naturais e sobrenaturais.

Dessa forma, a contação de histórias estabelece uma forte relação do ser humano com a linguagem e suas formas de representação, como as pinturas rupestres, os grunhidos e a fala propriamente dita. Ela faz parte da vida do ser humano e do seu processo de humanização. Hábitos, vivências e costumes comuns a grupos sociais foram difundidos através da contação de histórias e a humanidade foi se relacionando e construindo sua cultura.

Assim como muitos autores definem o que é contar história, Sisto (2012) afirma que:

Contar histórias é dialogar em várias direções: na Arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar – recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é interagir – podem se alternar, mas nunca acabar com o prazer de escutar! De participar! De criar junto! (SISTO, 2012, p. 86-87).

Ao decorrer do tempo, a contação de histórias ganhou novos espaços e possibilidades, no entanto, o prazer do encantamento a partir da escuta, do afloramento de sentimentos e emoções permaneceram vivos.

O contador tradicional, que priorizava a transmissão das histórias fazendo uso exclusivamente da sua voz e do seu corpo, viu surgir o contador moderno, que acrescenta ao contar histórias uma vestimenta elaborada, adereços e uma performance precisa. Atualmente, contam-se histórias nos mais variados ambientes e eventos, como praças, clubes, festas de aniversário, feiras, escola, dentre tantos outros.

Assim como passou a haver possibilidades de se contar histórias em ambientes diversificados, essa prática também passou a fazer uso de diversos materiais de apoio, com cenários bem elaborados, musicalização, iluminação, adereços variados, como tapetes, luvas, fantoches, palitoches, dedoches, caixas, malas, painéis, livros gigantes, aventais, entre tantos outros.

No âmbito pessoal, minha relação com a literatura infantil e com a contação de histórias começou aos 4 anos, quando deixei minha cidade natal, João Pessoa–PB, juntamente com meus pais, e passamos a morar na zona rural do município de Areia–PB, em uma casa de fazenda com meus avós maternos. No interior dela, havia um salão enorme, onde durante muito tempo funcionou uma escola e, em um cantinho desse espaço, encontrei um tesouro do qual usufruí por muitos anos: era um baú repleto de livros de literatura infantil. De início, não conseguia decifrar o código escrito, mas lia as imagens presentes naqueles livros. A escola deixou de funcionar naquele ambiente, mas foi construída uma escola no terreiro da nossa casa, com condições físicas bem melhores do que aquele espaço onde funcionava anteriormente. Nossas noites na fazenda, durante alguns anos, eram iluminadas por candeieiros. Tínhamos o costume de jantarmos todos juntos e depois ouvir histórias e causos contados por meu pai e minha avó durante a semana e, aos finais de semana, sempre recebíamos um primo que recitava cordéis para toda a família.

Já na escola, na primeira série, comecei a decifrar o código escrito e minha relação com o texto literário foi estreitada. Na segunda série, tive uma professora que me influenciou na busca pelo texto literário infantil e, dessa forma, meu tesouro passou a ser muito mais explorado. Essa professora morava na cidade onde atualmente resido, Remígio–PB, e se deslocava até a zona rural onde eu morava. Ela chegava meia hora antes de começar a aula e sempre trazia em mãos um livro de literatura infantil. A espera de entrar para a sala de aula, nos sentávamos na calçada e ela contava para mim, assim como para as demais crianças, o que estava lendo, que história tinha naqueles livros e isso me marcou muito. Hoje não lembro com precisão o que se passava no interior da sala de aula, mas lembro com uma saudade boa dos momentos informais de contação de história na calçada da escola.

O tempo passou e decidi cursar Pedagogia na UFCG, e durante essa formação comecei a conhecer melhor a literatura infantil, e busquei me debruçar mais na contação de histórias. A paixão pela literatura infantil me fez trilhar um caminho que chegou até a contação de histórias, e daí realizei vários trabalhos focados nessa área, tanto na escola quanto em outros ambientes. No entanto, é no trabalho com a contação de histórias na escola que venho me debruçando como pesquisadora, pois acredito que a contação de histórias pode

servir de caminho para o encontro da criança com o texto literário e, conseqüentemente, para que busque cada vez mais histórias nos livros de literatura infantil.

A escola, como fora citada anteriormente, passou a incorporar a contação de histórias em suas práticas, porém, sendo ela uma importante aliada do professor para aproximar o leitor de texto literário. Nesse sentido, para que a criança goste e se sinta motivada a ler, é necessário que esse hábito seja cultivado, sobretudo no âmbito escolar, porque quanto mais cedo for inserida no “universo dos livros”, maiores serão as chances de futuramente termos um leitor competente. Isso porque a criança que não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras.

Sendo assim, através da oralidade, o contador de histórias leva às crianças a palavra escrita, que as conduz às leituras dos livros onde habitam as histórias. A partir da escuta atenta de outras histórias, pode surgir o interesse em conhecer/ler histórias diferentes, recontar essas histórias de forma simples para cada criança.

Nessa perspectiva, Havelock (1995 apud MATOS, 2014, p.140-141) defende que:

bons leitores surgem de bons falantes. Bons falantes, por sua vez, surgem de bons ouvintes, [...] O prazer com a leitura e com a escrita talvez possa vir de uma forma muito natural, como o passo seguinte no processo de relacionamento do indivíduo com as várias formas de expressão da palavra.

Além disso, a contação de histórias proporciona a ativação de recursos que só o ser humano possui, como, por exemplo, a capacidade de criar, de memorizar e de imaginar, também fazendo com que possamos despertar nossas emoções, contribuindo para nos humanizar.

Considerando tais funções da contação de histórias, o professor pode buscar caminhos para, de fato, desenvolver um trabalho com a contação de histórias de modo substancial e significativo, a partir de situações de contação planejadas e voltadas à contribuição da formação cultural e leitora das crianças.

Muitos autores tratam da importância da contação de histórias para a formação literária das crianças. Diante disso, buscamos obter conhecimentos

acerca do que vem sendo pesquisado e discutido sobre contação de histórias e sua contribuição para a formação do leitor literário por meio de uma revisão da literatura produzida sobre a temática nos últimos sete anos (2016–2023), focando especificamente nas pesquisas nacionais. Em relação a esse recorte temporal, anteriormente pensamos em focar nas pesquisas desenvolvidas nos últimos cinco anos, mas, quando ampliamos os anos de publicação, encontramos uma pesquisa bastante significativa no ano de 2016 e, por isso, delimitamos a pesquisa no tempo supracitado.

A busca foi realizada no Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). De início, iríamos analisar apenas as pesquisas sobre a temática disponíveis no portal de busca da CAPES, no entanto, o número de pesquisas encontradas era bem reduzido, então decidimos pesquisar também no portal do BDTD, buscando, assim, obter conhecimento sobre a temática na sua essência. Para realizarmos a busca, adotamos o seguinte conjunto de palavras-chave: contação, histórias e leitores.

As pesquisas encontradas foram separadas conforme os dados obtidos em cada portal de busca e serão apresentadas a seguir.

O quadro abaixo apresenta 4 (quatro) dissertações encontradas no Portal de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, sendo uma no ano de 2016, uma no ano de 2020, uma no ano de 2021 e uma no ano de 2023. Ambas apontam para a importância da contação de histórias na formação leitora. Vejamos:

Quadro 1 – Dissertações resultantes da busca no Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2016-2023)

Nº	Ano de Publicação	Título	Autor	Dissertações
1	2016	A formação do Leitor literário: um olhar sobre a Escola Municipal Léia Raquel Dias Mota	MELIAN, Valdivina Telia Rosa de	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Do Tocantins.

2	2020	A contação de histórias como ferramenta para a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	SILVA, Jordania Quirino de Souza e	Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
3	2021	A Contação de História como Recurso para a Formação de Leitores: Proposição de Práticas Leitoras para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental	SOUZA, Neide Figueiredo de	Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.
4	2023	Expressão criativa e imaginação na infância: relações entre a contação e o reconto de história na formação leitora	PAIVA, Antonia Sara Sammilly Regis	Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

De forma geral, as pesquisas aqui apontadas focam as discussões na influência da contação de histórias na formação leitora. A primeira pesquisa aborda a utilização da contação de história em sala de aula de forma transdisciplinar, com foco no ensino de literatura e formação leitora literária. A segunda discute a contação de histórias como instrumento facilitador para a formação leitora, enquanto a terceira discute a contação de história como recurso pedagógico para a formação de leitores e a quarta enfatizam como a imaginação e a criatividade despertadas na criança a partir das histórias contadas podem influenciar a prática leitora.

A pesquisa de número 1, intitulada “A formação do leitor literário: um olhar sobre a Escola Municipal Léia Raquel Dias Mota”, publicada em 2016, pela pesquisadora Valdivina Telia Rosa de Melian na UFT (Universidade Federal do Tocantins), disserta sobre a contação de histórias em sala de aula como uma possibilidade transdisciplinar para o ensino de literatura na formação do leitor literário, em uma escola da rede municipal, na cidade de Araguaína–TO. Os resultados do estudo revelaram que a prática pedagógica, de forma transdisciplinar, com a contação de histórias em sala de aula como uma proposta metodológica, representa uma possibilidade de prática de letramento literário na perspectiva da formação do leitor literário.

A pesquisa de número 2, que tem como título “A contação de histórias como ferramenta para a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental”, publicada no ano de 2020, pela pesquisadora Jordania Quirino de Souza e Silva na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aborda a contação de histórias como uma ferramenta metodológica para a formação de leitores, com foco na utilização da contação de histórias como um instrumento facilitador da formação leitora. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino, localizada em um bairro periférico da cidade de Cajazeiras–PB. Os dados confirmam a utilização da contação de histórias como uma ferramenta que contribui significativamente para a construção de sujeitos leitores, levando em consideração o papel da leitura literária para a construção humana, bem como a relevância da prática docente nesse processo. Destaca a importância da contação de histórias, ao contribuir para esta formação, quando apresenta a realização do trabalho com crianças, em especial em uma realidade eivada de problemas sociais que podem causar dificuldades e desinteresse pela leitura.

A pesquisa de número 3, que tem como título “A Contação de História como Recurso para a Formação de Leitores: Proposição de Práticas Leitoras para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, publicada no ano de 2021, pela pesquisadora Neide Figueiredo de Souza na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, aborda a contação de história como recurso pedagógico para a formação de leitores, focando a análise de dissertações e teses sobre o tema, assim como de artigos acadêmicos que procuram investigar as relações entre as diretrizes teóricas e orientativas e a exploração da estratégia da contação de história para a formação do leitor. Explora, ainda, trabalhos e proposições teórico-críticas e orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre a leitura e a formação de leitores, a contação de histórias e a formação leitora. A maioria dos artigos encontrados e selecionados para a construção do estado da arte na pesquisa apresentou a contação de história como recurso didático para a alfabetização e mecanismo de formação leitora.

O trabalho de número 4, intitulado “Expressão criativa e imaginação na infância: relações entre a contação e o reconto de história na formação leitora”, foi publicado no ano de 2023, pela pesquisadora Antonia Sara Sammilly Regis Paiva, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A pesquisa analisa como a contação e o reconto de história podem contribuir para a formação

leitora na infância, a partir da criatividade e imaginação despertadas. O locus da pesquisa foi uma escola de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Ereré–CE. Os sujeitos colaboradores foram crianças em turmas do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. A referida pesquisa apresentou alcance dos objetivos propostos, deixando especificada a importância da imaginação e da criatividade despertada a partir da contação e do reconto de histórias e sua contribuição para a formação leitora.

As 4 (quatro) pesquisas apontadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sendo uma no ano de 2020, uma no ano de 2021 e duas no ano de 2023, também focam suas discussões em torno da contação de histórias e sua contribuição para a formação leitora. Sendo que a primeira aborda a transmídia *storytelling* e sua utilização na alfabetização; já a segunda traz uma discussão sobre a contação de histórias como prática para o letramento literário, enquanto a terceira foca na discussão sobre como a leitura e a contação de histórias podem influenciar na formação de valores em crianças dos anos iniciais e a quarta discute a utilização de atividades educativas a partir de histórias contadas. Essas pesquisas estão listadas abaixo.

Quadro 2 – Levantamento de pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre a temática pesquisada.

Nº	Ano de Publicação	Título	Autor	Dissertação
1	2020	A contribuição da transmídia storytelling no desenvolvimento da leitura proficiente das crianças em processo de alfabetização.	ALVES, Lúcia de Fátima	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba.
2	2021	Contação de histórias: uma prática para o letramento literário.	SAN MARTIM, Carla Alessandra Garibaldi	Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande.

3	2023	Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais.	LIMA, Elisângela	Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.
4	2023	Práticas docentes para sujeitos de ação: a contação de histórias pela estética da recepção no ensino fundamental I.	LIBARDI, Franciele Lucia	Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

A pesquisa de número 1, intitulada "A contribuição da transmídia *storytelling* no desenvolvimento da leitura proficiente das crianças em processo de alfabetização", publicada no ano de 2020, pela pesquisadora Lúcia de Fátima Alves, na Universidade Federal da Paraíba, aborda o desenvolvimento da leitura proficiente dos alunos, em turma do 2º ano inicial do ensino fundamental, de uma escola municipal localizada no município de Bayeux, tomando como suporte a contação de histórias (narrativas curtas), de quatro livros paradidáticos digitalizados, utilizando-se da ferramenta proposta pela Narrativa Transmídia ou Transmídia *Storytelling*. Os resultados da pesquisa apontam para que, ao se realizar a contação, utilizando as proposições da Transmídia *Storytelling*, os alunos participantes mobilizaram conhecimentos e habilidades outrora adquiridos e que se fizeram úteis na ampliação da história contada. Logo, as conclusões do estudo indicam o envolvimento dos alunos na direção de uma prática leitora realmente proficiente.

A pesquisa de número 2, que tem como título "Contação de histórias: uma prática para o letramento literário", publicada no ano de 2021, pela pesquisadora Carla Alessandra Garibaldi San Martin, na UFRG (Universidade Federal do Rio Grande), reflete sobre algumas questões acerca dos múltiplos papéis que a contação de histórias pode desempenhar na construção do letramento literário de sujeitos leitores no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica a partir da análise da contação de histórias pelas vozes de três mediadoras de leitura literária, mas, principalmente, contadoras de histórias que vivenciam esta arte de ensinar a cultura, o conhecimento, bem como

divertir, entreter, ampliar a visão de mundo e de si, além de ser decisiva no desenvolvimento da imaginação, da oralidade e incentivo pelo gosto da leitura. Os resultados apresentados focam na contribuição da contação de histórias para a mediação da leitura literária no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

A pesquisa de número 3, que tem como título "Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais", publicada em 2023, pela pesquisadora Elisângela Lima, pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), buscou verificar as práticas de leitura e contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito de estimular a percepção crítica e analítica do leitor iniciante acerca dos valores sociais inclusos nos textos de literatura infantil trabalhados em sala de aula. A pesquisa reivindica a importância da escuta da criança, valorização das diferentes linguagens e a criação de uma escola mais humana, com a presença da arte e dos valores e lutas contra o racismo.

A pesquisa de número 4, intitulada "Práticas docentes para sujeitos de ação: a contação de histórias pela estética da recepção no ensino fundamental I", publicada em 2023, pela pesquisadora Franciele Lucia Libardi, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, busca conhecer as formas como a contação de histórias, por meio de uma estratégia lúdica de aplicação de atividades, reverbera na recepção dos alunos pesquisados e se este fazer pedagógico pode se multiplicar e influenciar na formação de outros sujeitos leitores. A contação de histórias foi utilizada em um quinto ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública municipal localizada em Planalto, Paraná. Essa pesquisa destaca que a literacia é um processo inacabado que perdurará por toda a vida dos educandos; no entanto, por meio de atividades que promovam o seu desempenho maturacional e ampliação do conhecimento sobre a sua materialidade sócio-histórica, podemos incentivar a formação leitora e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social.

Diante do que foi abordado nas pesquisas analisadas, pudemos observar que em sua totalidade destacam de alguma forma a importância da contribuição da contação de histórias para a formação leitora, embora com enfoques diversificados. Com base nessa revisão, verificamos uma lacuna na

produção do conhecimento sobre a relação entre as concepções e as práticas docentes quanto à contação de histórias no âmbito dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, nossa pesquisa se justifica pela necessidade de preencher tal lacuna. Pretendemos, assim, contribuir com a ampliação do conhecimento no que diz respeito à temática estudada, além de colaborar com a reflexão dos docentes sobre as práticas desenvolvidas no campo de pesquisa e suas implicações na formação do leitor criança.

Dessa maneira, nossa pesquisa tem como tema as concepções de contação de histórias e suas contribuições para a formação de leitores literários, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Algodão de Jandaíra–PB. Nosso principal objetivo foi investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaíra–PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola. Diante disso, buscamos, especificamente: 1) identificar que concepções de contação de histórias são adotadas pelos (as) professores(as) em suas respectivas turmas; 2) Identificar com que frequência as contações de histórias estão inseridas nos planejamentos semanais de cada professor(a); e 3) Analisar as práticas de contação de histórias desenvolvidas pelos professores com seus alunos, atentando para a preparação, o estudo da história, a escolha do espaço, a utilização de instrumentos/objetos, a caracterização e os encaminhamentos após a realização da contação.

A pesquisa aqui relatada é de natureza qualitativa, caracterizada como Estudo de Caso, desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa, realizamos a observação, visando compreender como as participantes abordavam a contação de histórias em suas turmas (Roteiro de observação no apêndice A). Em um segundo momento, analisamos os planos de aulas das referidas professoras (Anexos A, B, C, D, E, F), para percebermos com que frequência as atividades envolvendo contação de histórias eram referenciadas no planejamento. Na sequência, realizamos entrevistas com as mesmas com intuito de verificar qual a concepção de contação adotada por elas, bem como qual importância elas atribuem à utilização da contação de história como uma

ferramenta que pode contribuir com a formação literária de seus alunos. (Roteiro de entrevista no apêndice B).

A presente dissertação está estruturada em três capítulos. O capítulo I foca na trajetória da Literatura Infantil no Brasil, nas concepções de contação de histórias adotadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como nas contribuições da contação de histórias para a formação do leitor infantil. O capítulo II, por sua vez, apresenta o percurso metodológico da pesquisa, enquanto o capítulo III discute os dados da pesquisa, com base no referencial teórico adotado. Por fim, tecemos as nossas considerações finais sobre a pesquisa.

CAPÍTULO I: CONCEITOS EM DESTAQUE

O presente capítulo, de natureza teórica, visa à discussão de conceitos maturados por diversos autores/as sobre literatura infantil e concepções de contação de histórias utilizadas no âmbito escolar, que embasam as análises dos dados gerados durante a realização da pesquisa.

No primeiro momento, abordamos o percurso histórico da literatura infantil no Brasil, a partir de Aguiar (2001), D'Ávila e Caldin (2019) e Coelho (1991). Na sequência, tratamos das narrativas literárias no fazer pedagógico, bem como dos conceitos da literatura em contraposição com Corsino (2015), Martins (2003) e Perrone-Moisés (2000). Discutimos, ainda, as práticas de contar histórias ao longo do tempo, buscando diferenciar o ler do contar histórias, a partir das discussões de Busatto (2013) e Assis (2012).

Enfatizamos, também, as concepções de contação de histórias com as contribuições de Santos e Oliveira (2021) e a abordagem das narrativas nas práticas de contar na escola. Além de refletirmos sobre como a contação de histórias pode contribuir para a formação de leitor infantil, com base nos conhecimentos de Araújo (2009), Matos (2005), Stocker (2022), dentre outros.

Por fim, discorreremos sobre a formação do professor para realizar o trabalho com a contação, a partir de Zilberman (1994), Ramos (2011) e Souza (2011).

1.1 Literatura infantil: percorrendo a história e discutindo os conceitos

Ao analisarmos a literatura infantil no Brasil, devemos nos concentrar no contexto histórico em que ela foi ganhando espaço, especialmente para compreendermos suas características e o papel social que exerce.

De acordo com Aguiar et al. (2001), o surgimento da literatura Infantil se dá com a ascensão da burguesia na Europa no século XVIII e a necessidade de mão de obra qualificada para realizar o trabalho de forma eficaz e com garantia de lucros, a educação tornou-se a ferramenta para preparar os sujeitos para a vida adulta. Isso porque, nesse contexto, passou-se a ter um olhar para a infância, para a instituição escola, tendo a literatura infantil como instrumento à proposta de formar mentalidades conforme a ideologia burguesa.

No Brasil, a literatura infantil desenvolveu-se em quatro diferentes fases históricas (Aguiar et al., 2001). A primeira delas enfatiza a necessidade de se criar uma identidade com base no modo de vida dos europeus, mas também foca no patriotismo e no nacionalismo ideológico. Com a chegada da família real ao Brasil em 1808, ocorreu a instalação da Imprensa Régia, que era responsável por publicar os atos e proclamações de D. João, e que também passou a publicar obras literárias, didáticas e jornais (Lajolo; Zilberman, 1999). As primeiras obras literárias produzidas eram traduções ou adaptações de obras estrangeiras, europeias ou orientais.

D'Ávila e Caldin (2019) apontam que, com o crescimento urbano e o aumento dos postos de exportação, cresceu o consumo de produtos culturais. No momento em que passa a existir uma valorização do consumidor criança, a escola também ascende como instituição indispensável para colaborar com a adaptação das pessoas advindas da zona rural na cidade. A preocupação em formar pedagogicamente a criança brasileira passa a abraçar, também, as escolas onde se encontravam os filhos dos pobres, não mais se restringindo apenas aos tutores e às casas de elite. A preocupação pedagógica era apenas instruir. Utilizavam cartilhas tediosas e o uso da memorização e da palmatória era comum. Aos poucos foram introduzidas nos livros escolares histórias que educavam, mas também divertiam.

Os textos infantis presos à cultura europeia priorizavam os valores ideológicos da nova era, focando no progresso, na ciência e no iluminismo francês, porém, tanto na narrativa quanto na ilustração, permitia-se a presença do lúdico. Na medida que o Brasil foi caminhando para o processo de modernização no final do século XIX, passou-se a ter uma preocupação com o gênero literário, buscando melhorar a imagem do Brasil. Logo, as adaptações dos textos portugueses precisavam ser abasileiradas e de fácil compreensão para as crianças, além de focar no patriotismo, civismo e nacionalismo.

A segunda fase é marcada por uma nova era na literatura infantil, que trouxe mudanças na pedagogia, uma vez que o viés pedagógico ganhou mais leveza e prazer. D'Ávila e Caldin (2019) apontam Francisco Vianna, Alexina de Magalhães Pinto, Presciliana Duarte de Almeida, Viriato Correia, Olavo Bilac, Amélia Rodrigues e Manuel Bonfim como nomes que marcaram presença na

literatura infantil. Os primeiros passos da literatura infantil brasileira foram marcados pelas obras desses autores.

Nessa fase, entre 1921 e 1942, Monteiro Lobato contribuiu significativamente com a literatura infantil brasileira. Coelho (2006, p. 47) aponta sua obra como um “divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”, pois ele “rompe pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para novas ideias e formas que o novo século exigia”. Com a publicação de “A menina do Narizinho Arrebitado”, “estava criada a literatura infantil brasileira moderna”. Suas obras juntam fantasia e realidade com personagens infantis questionadores, curiosos e petulantes.

A terceira fase tem como destaque as novas concepções de pedagogia e de educação alicerçadas no desejo de mais liberdade e de novas experiências, buscando atender às exigências da sociedade, bem como incorporar novas tecnologias. De acordo com Caldin (2001, p. 36), “na década de 50, o Brasil passou por uma crise de leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem”.

Já, de acordo com Coelho (1991), na década de 1960 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei número 4.024, de 20/12/1961), que mudou o conceito de literatura na escola, uma vez que ela exigia a democratização do ensino, aumentando a escolarização para 8 anos e estimulando a leitura como habilidade formadora básica, o que impulsionou o uso do texto literário para o ensino de gramática.

A partir da década de 70, houve discussões e questionamentos da crítica literária, devido ao crescente interesse pela literatura direcionada às crianças e jovens, pontuando os riscos que o estreito vínculo entre pedagogia e a literatura causaria ao valor estético das obras (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013).

A quarta fase, por sua vez, marca um olhar para a literatura infantil não como instrumento a serviço do fazer pedagógico, mas como uma produção lúdica e libertadora, que ajuda a preparar as crianças para o mundo das diferenças culturais e étnicas, do respeito, da diversidade, do empoderamento feminino, das questões de gênero e da inclusão, questões essas que elas podem vivenciar no seu cotidiano.

No entanto, na atualidade, para além do caráter pedagógico atribuído a ela, o que se observa é uma massiva produção literária infantil, por vezes sem

atentar para a qualidade dessa produção, que busca servir a um projeto político ligado à educação numa perspectiva mercadológica. Corsino (2015) aponta que a escolarização, que passou a ser direito de todos, tem estado a serviço do mercado editorial e produz todo tipo de livro infantil: informativos, de autoajuda, didáticos, literários, brinquedo, dentre tantos outros. Diante disso, as obras acabam perdendo seu valor estético, quando, na verdade, deveriam instigar a criança a observar o mundo, desenvolver as ideias do cotidiano, conhecer e compreender melhor a realidade que a cerca, sensibilizando-a e ampliando suas perspectivas de enxergar a vida.

Como o mercado deseja vender e, cada vez mais, alimentar o consumo, não importa a qualidade da obra, mas sim a quantidade produzida, desde que sirva às medidas do mercado. Daí, o que podemos observar, por vezes, são livros de qualidade péssima em impressão, com ilustrações descontextualizadas e linguagem rasa, que chegam ao leitor com muitas falhas, inclusive relacionadas ao conteúdo, com textos empobrecidos e abordagens banais. Acerca dessa temática, Perrone-Moisés (2000, p. 345) destaca que

Os problemas atuais [...] da literatura decorrem da situação incerta em que se encontra a própria literatura nesse fim de século, época que se convencionou chamar de pós-moderna. No momento atual, a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos.

Essa literatura é, muitas vezes, considerada literatura de massa. O projeto de alguns livros acaba ignorando a capacidade intelectual de seus leitores, bem como o desejo dos consumidores. Quando os mesmos buscam adquirir uma determinada obra, muitas vezes são limitados pela indicação de faixas etárias.

No entanto, como destaca Corsino (2015), atualmente também há muitos livros significativos, de qualidade artístico-literária, através dos quais editores, autores e ilustradores acreditam na capacidade das crianças de significar os textos. De acordo com Corsino (2015), tanto o herói, o autor, o designer gráfico e o ouvinte/leitor constituem a obra, pois deixam suas marcas na conexão entre os discursos visual e verbal. Nessa direção, compreende-se a literatura infantil como arte, com textos que propõem a reflexão, por meio da

ficção e de um ponto de vista subjetivo, proporcionando-nos enxergar o invisível e perceber o imperceptível.

Sendo assim, a literatura infantil, enquanto arte, faz parte da existência humana, não podendo ser indiferente a ela. Bakhtin (2003, p. 74) considera que a arte “me dá a possibilidade de vivenciar, em vez de uma, várias vidas e, assim, enriquecer a experiência de minha vida real, comungar de dentro com outra vida em prol desta, em prol de sua significação vital”. Isso permite que se possa viver várias vidas e várias possibilidades humanizadamente. Nesse sentido, para as crianças, o texto literário infantil pode ser lugar de liberdade e formação, espaço de conhecimento de si e do outro, bem como do mundo. Pode, também, colaborar com a ampliação do conhecimento e trabalhar a humanização e a sensibilidade.

Tendo refletido sobre a história e o conceito de literatura infantil, a seguir nos debruçamos sobre as narrativas literárias e as práticas de contar histórias.

1.2 As narrativas infantis e as práticas de contar histórias ao longo do tempo

As narrativas literárias voltadas para o público infantil, grafadas em livros, nasceram nos contos populares e nos livros produzidos para o público adulto, no Brasil, e ganharam destaque nos séculos XIX e XX. Corsino (2015) afirma que, a partir do século XX, a linguagem dos textos infantis deixa de lado o foco na mensagem e caminha para servir à função pedagógica, de acordo com pesquisas de natureza psicanalítica e pedagógica. Diante disso, passa a haver uma confusão entre literatura e pedagogia.

A voz do adulto passa a ser entendida como aquela que tem conhecimento e a mensagem dessa voz adulta é transmitida para a criança, entendida como "menor", que apenas recebe, compreende e copia. No decorrer do tempo, essas narrativas chegaram ao espaço educativo, espaço este onde a criança se depara com inúmeros desafios e descobertas.

Frequentemente, essas narrativas figuram em rodas de conversa que utilizam trabalhos literários, musicalizações e/ou brincadeiras para acolhida e consequente socialização das crianças. Logo, ter a oportunidade de vivenciar as possibilidades emitidas do ato de ler, contar e ouvir histórias envolvendo as

crianças no universo da leitura, despertando nelas a curiosidade e o prazer contidos nas experiências literárias, são passos importantes para a apresentação do mundo efetivada nos anos iniciais da Educação Básica.

As narrativas literárias presentes nos livros e trabalhadas nas salas de aula estimulam a proximidade das crianças com o universo leitor, bem como favorecem a apropriação das estruturas linguísticas por elas, contribuindo na elaboração de frases, na fluência, no enriquecimento do vocabulário, na autonomia ao questionar, na iniciação da escrita, entre outras contribuições.

Os textos narrativos envolvem elementos como personagem, narrador e espaço-tempo, o que indica a necessidade de nos concentrarmos na relação que esses elementos estabelecem ao longo da narrativa. Dessa forma, para que o professor possa conduzir o trabalho com a leitura, a oralidade, a escrita de textos e a contação de histórias, é fundamental o conhecimento dos elementos do texto infantil.

Para Abramovich (1999), quando as crianças ouvem narrativas, passam a visualizar, de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias tematizam problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de despertarem a reflexão sobre temas variados.

Nessa direção, o professor é um mediador essencial da experiência literária de seus alunos, cabendo a ele proporcionar vivências que contemplem a exploração, as descobertas e a apropriação de saberes, a partir das narrativas presentes nos livros. É interessante atentar também para que “um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro” (Martins, 2003, p. 42). Diante disso, mesmo as crianças envolvidas não sabendo ler alfabeticamente, elas no mínimo veem, observam, folheiam, tocam, amassam, apreciam, descobrem, identificam, rasgam, sentem, na interação com os livros.

Zilberman (1994, p. 22) esclarece que “a literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente”. Dessa forma, acreditamos que contar ou mediar uma história, além de oferecer uma atividade lúdica, instiga e auxilia o desenvolvimento emocional, social, linguístico e cognitivo da criança, isto é, estimula as múltiplas dimensões que constituem o ser humano, desvelando a

curiosidade, a excitação, a instigação e a estimulação da imaginação, desenvolvendo a autonomia e o pensamento crítico e criativo.

Logo, afirmamos que ouvir e ler histórias, questioná-las, expressar-se sobre elas, interagir com os demais ouvintes, emocionar-se, sonhar, viajar por lugares incríveis, vivenciar novas experiências a partir do imaginário, tudo pode ser experimentado na escola, desde que o professor reconheça a importância do trabalho com as narrativas literárias infantis e que também tenha a sensibilidade de enxergar e buscar possibilidades que favoreçam a aproximação da criança com a literatura infantil por meio de sua mediação.

Acerca da mediação, Vygotsky (1991a, 1991b) aponta dois elementos cruciais: os instrumentos e os signos. Esses elementos têm sua complexidade construída na particularidade de cada cultura, de cada ambiente. Diante disso, os instrumentos podem ser caracterizados como objetos sociais, que permitem ao homem a capacidade modificadora sobre o meio, bem como as funções reproduzidas através da cultura e, com isso, permanecem em épocas diversas da história humana. Os signos, por sua vez, são representações mentais que se tornam existentes no plano psíquico, registrados e armazenados através da memória, se tornando um instrumento psicológico.

Tanto os instrumentos quanto os signos ajudam a criança no seu desenvolvimento, possibilitando que ela agregue significados para o mundo e para si, pensando criticamente sobre o contexto que a cerca, bem como, a capacidade de criar, que está atrelada ao processo de imaginação da criança. Acerca desse processo, Vigotski (2018, p. 16) ressalta que:

A psicologia denomina imaginação ou fantasia a essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência pressupõe com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter qualquer significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica. Neste sentido, necessariamente tudo o que cerca foi feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

Diante da posição vigotskiana, percebemos que a imaginação é indispensável quando se trata de desenvolvimento humano, permitindo à

criança tanto a capacidade de pensar quanto a capacidade de criar. Nesse sentido, defendemos a literatura infantil e, de forma mais específica, a narrativa infantil como um dos elementos fomentadores da imaginação criativa, por meio dos mundos que cria e, portanto, como um dos diversos instrumentos mediadores da experiência infantil com o mundo.

Assumindo o quanto as narrativas são fundamentais para o desenvolvimento humano, destacamos que contar histórias não é uma prática que surgiu na sociedade contemporânea, pelo contrário, a partir dos estudos realizados ao longo dessa pesquisa, pudemos observar que ela é bastante antiga e, oposto ao que se esperava diante do cenário tecnológico e conectado à internet em que vivemos, não se perdeu na história, ao invés disso, foi potencializada como aquela que objetiva prender a atenção do ouvinte, bem como despertar seu interesse pela escuta.

Segundo Busatto (2013), a contação de histórias, também denominada narração de histórias, é entendida como a ação de contar histórias. Em sua obra, ela distingue o contador tradicional do contador contemporâneo. O primeiro está associado à oralidade primária ou mista, em que a narração propriamente dita é realizada na rotina diária. Já no segundo caso, o contador contemporâneo é aquele que se utiliza da oralidade secundária, em que se verifica uma cultura letrada, e explora a escrita, a impressão e as tecnologias disponíveis.

Busatto (2013) observa que o narrador de histórias, sobretudo o tradicional, narra as histórias porque gosta do que faz. É aquele que utiliza a oralidade, os gestos e expressões corporais para encantar os ouvintes/participantes das histórias, tendo adquirido a capacidade de narrar através do meio em que vive, tornando-se detentor da memória coletiva de uma comunidade e, também, transmissor das raízes culturais de um povo mediante contos, lendas e mitos.

Podemos observar que, atualmente, o contador de histórias contemporâneo não conta histórias apenas guardadas na memória, mas também as histórias presentes nos livros e utiliza diversos canais para contar, como, por exemplo, as rádios, TVs, vídeos, canal de YouTube, dentre outros. Busatto (2013) vem reforçar a ideia supracitada, afirmando que

O contador contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. O contador contemporâneo agenda e se prepara para sua apresentação, ajusta-se ao espaço físico, muitas vezes usa um figurino que o caracteriza enquanto personagem-narrador, aguarda o público entrar, e só então inicia o espetáculo, em alguns casos permeados por aparatos cênicos.

Dessa forma, observamos que as performances utilizadas pelos contadores da atualidade estão cada vez mais incrementadas, ao ponto de, em alguns casos, a contação se confundir com apresentação teatral, por haver toda uma preparação para que ela aconteça. Muitos desses contadores se especializam fazendo cursos para realizarem as contações. Também estudam as histórias que serão contadas, definem figurinos específicos para isso; outros adotam um personagem para realizarem a contação. Alguns geralmente utilizam cenário, iluminação, sonorização e musicalização para contar. Há também quem inclua na contação objetos como aventais, luvas, tapetes, malas, sombrinhas, caixas, dentre outros.

Há uma gama imensa de objetos/instrumentos que podem ser utilizados nas contações, desde um simples pedaço de papel a objetos mais elaborados, não sendo necessário gastar muito para criar objetos que possam servir de suporte para contar histórias. Busatto (2012) afirma que

Um simples lenço poderá ser muito versátil [...] Além de ser um objeto de uso pessoal que você poderá estar usando naquele instante, ele irá brincar com o imaginário. No momento oportuno, irá indicar o vento soprando, uma flor desabrochando, uma pena caindo, um barco navegando, uma criança crescendo. (BUSATTO, 2012, p. 77).

Dessa maneira, o modo de contar uma história pode utilizar diversos recursos (bonecos, tecidos, teatro de sombra, avental, objetos variados, máscaras, etc.), como elementos poéticos e estéticos da cena. Esses materiais são valiosos, por incentivarem o acesso a narrativas diferenciadas, auxiliando o contar e a apropriação da história pelo ouvinte.

Sobre o contar histórias, Néri (2022) diz ser normal que alguns contadores reúnam seu público em rodas, assim como os povos antigos faziam em volta das fogueiras. Ela destaca também que há aqueles contadores que contam histórias em ambientes com pouca luz, utilizando uma simples luminária no centro da roda de contação. Ela destaca que preparar o cenário

traz encantamento. Também ressalta a importância da presença de cores no ambiente e de objetos para compor o espaço, pois isso desperta sensações. A presença de aromas também é muito importante porque traz equilíbrio, tranquilidade e prepara o público. Como exemplo, ela destaca o cheirinho do café que pode nos transportar para a casa de nossos avós. Alguns contadores utilizam o pau de chuva, um instrumento que reproduz o barulho da chuva e passa uma sensação de paz e harmonia.

Voltando aos tipos de contadores, podemos destacar um terceiro tipo, os contadores virtuais, que se articulam através da interferência direta de um navegador, como vemos bastante nas redes sociais. As histórias que, anteriormente, permaneciam nas mentes das pessoas agora estão armazenadas na memória física de um computador, de um telefone celular ou de um tablet. Nesse sentido, é preciso considerar que aspectos como memória, tempo, espaço e recepção na contação virtual são ressignificados.

Quando tratamos do contar histórias no ciberespaço, Busatto (2013) destaca o conceito de memória, principalmente no que se refere à memória humana e à memória digital (memória física). Diferentemente da memória digital de uma máquina, a memória humana é responsável por reter as impressões íntimas do momento da narração, armazenando as significações, sendo criteriosa e seletiva, só guardando o que afeta o ouvinte, ou seja, aquilo que passa pelo seu crivo de sentidos.

O tempo também merece destaque em relação ao contar nos meios digitais. Ele pode ser o elo entre os ouvintes e os narradores, seja no momento real ou virtual. Busatto (2013) destaca que

Tempo e espaço são únicos. Não há fronteiras para a realidade virtual. A virtualidade transfigura a noção de realidade, propõe diferentes vivências, uma nova maneira de lidarmos com os afetos e traz a elaboração e a fruição do tempo sob uma visão sistêmica, na qual o olhar se dirige para o contexto e para as situações relacionais oferecidas pelos dispositivos do sistema, com a relação estabelecida entre criador e interlocutor da obra permeada pela estética digital. Os dois interagem num único sistema, em que a parte já é o todo. Porém, há uma ruptura daquela noção de tempo concebido e conhecido, e já confortável, da narração presencial.

Quando se pensa no espaço em tempos passados, a transmissão de saberes através da oralidade ocorria em dois momentos: o momento do

descanso e o momento do trabalho. Busatto (2013) pontua que comumente as narrativas aconteciam nas colheitas, nas lavagens de roupas e em tantas outras atividades. Atualmente, não difere muito, podemos estar realizando um determinado trabalho em uma página específica no computador e, ao mesmo tempo, abrimos outra página para ouvir uma história.

No que se refere à recepção da narração, a autora destaca que o meio interfere na produção de sentidos. Desse modo, a recepção da história no meio virtual é quase sempre uma ação individual, um sujeito desfrutando de uma história em frente a uma máquina. Aqui reforça-se a importância do contador, pois o mesmo continua exercendo o papel de ponte entre o ouvinte e as histórias, independente do meio onde essa história é contada. Ainda em relação ao oral e ao escrito no ciberespaço, a autora destaca que a narração oral modifica o texto primário, ou seja, a história passa por diversas etapas e alterações para ser contada no meio virtual.

Diante do que foi abordado acima, acreditamos que um bom contador de histórias não realiza uma narração engessada, mas o contrário, ele traz vazios que possibilitam ao ouvinte interpretar o que deixa de ser narrado, causando, assim, o encantamento e o envolvimento do ouvinte, permitindo, desse modo, que ele signifique o que fora narrado a partir de seus referenciais internos.

Na seção seguinte, discutimos as concepções de contação de histórias, refletindo sobre suas relações com as práticas de contação e a formação do leitor de literatura.

1.3 A contação de histórias: concepções, práticas e a formação do leitor

É comum muitas pessoas confundirem contar com mediar a leitura de histórias, no entanto, são ações distintas, que exigem interações diferentes com o objeto de trabalho. Isso porque a ação de contar histórias foca na enunciação oral (SISTO, 2012), enquanto a mediação de leitura parte do livro. Através da contação de histórias, é possível exercer na prática a tradição da cultura oral, cuja potência motiva a criança a desenvolver o gosto pela escuta dessas narrativas. De acordo com Gomes (2012, p. 23),

A arte de contar histórias é também uma arte de memória. Não é difícil perceber que a memória é sempre o encontro com a tradição. Tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade. Ou seja, a arte de contar histórias apresenta-se como um exercício social de oralidade que reaviva e atualiza a memória social [...].

Quando narramos uma história, podemos memorizá-la para contá-la e recontá-la para outras pessoas. Ao contarmos uma história, estabelecemos uma relação com o público através do olhar, dando vida à história através da criação e da improvisação.

Por outro lado, de acordo com Bortolin e Almeida Júnior (2007), o mediador de leitura é a pessoa responsável por aproximar o leitor do texto, é o facilitador da relação livro-leitor. Ele tem em suas mãos a oportunidade de conduzir o leitor a descobertas infinitas. Ao se fazer uma mediação de leitura, deve-se manter a fidelidade do texto, não podendo alterar, suprimir ou inserir informações, enquanto, nas contações de histórias, o contador pode usar a criatividade e realizar adaptações e modificações conforme a necessidade.

As duas práticas, contar e ler histórias, podem contribuir com o desenvolvimento e hábito da leitura, bem como estimular a fantasia que desperta o universo literário dos contos na infância, incentivando o desenvolvimento do potencial crítico e criativo.

Contar uma história usando a narrativa oral ou realizar a leitura de uma história utilizando o livro em mãos como suporte são ações distintas também no que diz respeito aos impactos que produzem nas crianças (STOCKER, 2022). No ato de narrar uma história, há uma comunicação visual direta e bem próxima entre a criança e quem conta a história. Já, ao se ler uma história, há o estabelecimento de uma relação permeada de emoção que possibilita à criança realizar a associação da leitura a um momento de comunicação prazerosa com quem lê a história.

Consideramos que a leitura mediada e a contação de histórias são importantes ferramentas que podem e devem ser exploradas nas escolas. Em relação à contação de histórias especificamente, sabemos que ela pode contribuir com o desenvolvimento intelectual das crianças, pois elas podem estimular o interesse pela leitura e incentivar a imaginação por meio da

construção de imagens interiores, bem como dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, personagens e ações narradas em cada história (ASSIS, 2012).

Dessa maneira, defendemos que as histórias têm um efeito benéfico na formação do gosto pela leitura, pois, ao aprender a gostar de histórias contadas ou lidas, a criança está dando o primeiro passo que, mais tarde, a levará ao encontro com o livro e a leitura, podendo estabelecer uma relação prazerosa com ambos.

A narrativa de histórias é uma das atividades mais antigas da humanidade. Essa atividade começou como uma tentativa de organização social e compreensão do mundo, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniam nas cavernas em torno das fogueiras para contar histórias sobre suas aventuras de sobrevivência (FARIAS, 2011).

Atualmente, os povos e culturas, de diferentes épocas e regiões do mundo, têm a prática de elaborar e compartilhar histórias, o que nos permite aprender mais sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor. Rodrigues (2005, p.4), por sua vez, destacando a relação entre realidade e ficção, presente na atividade de contar histórias, afirma:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e ao trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Assim, a contação de histórias desperta as capacidades que só o ser humano possui, como, por exemplo, de criar, de memorizar e de imaginar, além de despertar as emoções, o que nos torna mais humanos. Além disso, através da oralidade, o narrador conduz as crianças à compreensão da palavra escrita, o que as conduz às leituras dos livros que contêm as histórias. A escuta atenta de histórias pode despertar o desejo de conhecer/ler histórias diferentes e recontar essas histórias de forma simples para cada criança.

É preciso ressaltar que a palavra contada apresenta particularidades. Sobre essa questão, Matos (2009, p. 4) afirma que “A palavra contada não é simplesmente fala”. Ela é carregada de significados expressos por elementos, como o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela. “O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos.”

Várias podem ser as concepções de contação de histórias adotadas por contadores, profissionais ou não. Nesse sentido, Santos e Oliveira (2021) publicaram um trabalho fruto de uma pesquisa exploratória de base bibliográfica, realizada no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Portal de Periódicos, cujo objetivo de investigação foi saber quais concepções de contação de histórias emergiam dos trabalhos acadêmico-científicos produzidos nas Ciências Humanas e os aspectos da oralidade que subjaziam a essas concepções, na qual apontam seis concepções de contação de histórias: intersubjetiva, terapêutica, a que aborda a existência humana (indígena e africana), a contação como performance, educativa e de incentivo à leitura. Sobre essas concepções de contação de histórias, nos debruçamos a seguir.

As autoras destacam que a *concepção na perspectiva intersubjetiva* é vista como reafirmação da condição humana, pela relação entre sujeitos através da linguagem. Villarta-Neder e Ferreira (2019) pontuam que, quando contamos, estamos expressando nossa visão para o outro, uma visão sobre nós mesmos, num exercício de nos enxergarmos outros, como outros, pelos outros, nos outros.

Quando voltamos nosso olhar para as crianças, sabemos que elas muitas vezes possuem sentimentos perturbadores, confusos e dolorosos e que não é uma tarefa fácil administrá-los, e, com isso, às vezes elas acabam se sentindo tristes e infelizes. Toda essa carga emocional vivenciada por elas acaba sendo extravasada por meio de diversos sintomas, seja via sintomas físicos, comportamentais ou neuróticos, resultando muitas vezes em comportamentos cruéis, agressivos, falta de concentração, hiperatividade, ansiedade, dificuldade na aprendizagem, etc. Seja atuando na sala de aula ou

na coordenação, já presenciamos muitos comportamentos como esses citados acima e, muitas vezes, não sabíamos a causa ou como intervir para ajudar as crianças nessa questão. Realizando esse estudo, percebemos o quanto podemos usar a contação de histórias como uma interferência positiva para amenizar a carga emocional que muitas crianças carregam.

Estabelecer uma comunicação com as crianças através da contação de histórias é aproximar-se dela de forma mais efetiva, mais profunda. Recorrer à linguagem imaginativa, utilizando, por exemplo, bonecos, fantoches, caixas de histórias e tantos outros elementos para representar o que se quer dizer de uma forma natural, é falar a linguagem da criança.

Nas histórias contadas, geralmente é notória a presença do bem e do mal, principalmente nos contos de fadas. Como também, há vários obstáculos a serem superados, vencidos e daí surgem as possibilidades de escolhas para se chegar à vitória, à solução. Logo, esses aspectos estão atrelados à vida psíquica da criança, tornando formal o processo de identificação. A criança, muitas vezes, se coloca no lugar do herói, que apesar das dificuldades, conseguiu vencer seus desafios.

De acordo com Bettelheim (1980), os seres que remetem ao mal são criações do imaginário infantil, são fantasmas que a criança carrega dentro dela: medo do abandono dos pais, de ser devorada e da rivalidade com irmãos. As histórias contadas minimizam essas angústias e trazem paz às crianças porque essas energias maléficas são destruídas e “tudo acaba bem” no final do conto. Ele ainda destaca que a narração oral é uma ferramenta para o desenvolvimento da maturidade e desenvolvimento da individualidade, da autovalorização e da busca de um futuro próspero, deixando de lado as dependências infantis e constituindo espaço para a convivência com a obrigação moral e social focada na consideração ao outro.

Acreditamos que as histórias indicam caminhos, possibilidades para enfrentar os problemas criativamente, conduzindo a criança a um mundo maravilhoso onde as vivências dos personagens, assim como suas aventuras, são repletas de significados. A criança sente isso, ela entra no mundo da

história, um mundo de esperança, opções e possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilitando soluções criativas para lidar com suas emoções e superar seus problemas.

Desse modo, as histórias utilizadas em sala de aula podem ser ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças. O conto, por exemplo, permite que ela experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade. A história também oferece à criança uma nova maneira de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, dentre outros).

Em relação à concepção na *perspectiva terapêutica*, Santos e Oliveira (2021) destacam haver a possibilidade de a contação de histórias dialogar com as crianças sobre seus sentimentos, uma vez que ela possibilita uma profundidade de expressão que se configura no domínio da imaginação. De acordo com essa abordagem, as crianças apresentam dificuldades para expressar seus sentimentos ou até mesmo fazer com que esses sentimentos sejam compreendidos pelos adultos. Nessa perspectiva, Sunderland (2005) afirma que a contação de histórias é a melhor ferramenta para acessar esses sentimentos, pois as histórias são como sonhos, uma sequência imagética projetada mentalmente, possibilitando, assim, uma profundidade de expressão e de compreensão. A autora destaca que

Alguns sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administrá-los, quanto mais pensar sobre eles com clareza ou trabalhá-los até o fim. Mas, como a comida, esses sentimentos precisam ser bem digeridos. Senão, eles acabam nos assombrando de algum jeito, prejudicando nossos relacionamentos ou interferindo na nossa capacidade de trabalho. Eles podem nos trazer muita infelicidade porque a carga energética de sentimentos muito difíceis ou muito fortes não se vai com facilidade. (SUNDERLAND, 2005, p. 15).

O pensamento acima pode ser estendido a todas as fases da vida humana, porque, se não lidar com os conflitos emocionais de forma saudável durante a infância, pode acontecer de esses conflitos crescerem descontroladamente e se transformarem em perturbações ou até mesmo doenças psíquicas em qualquer idade. No que se refere às crianças, a autora aponta alguns temas emocionais que podem perturbá-las, como: sentir-se

indesejada, indefesa ou insignificante, sem importância ou invisível, desfavorecida, sempre uma estranha, não amada ou odiada, abusada, usada, odiada por si mesma, sozinha, com o coração partido, emocionalmente faminta, que o mundo é um lugar assustador, contaminada, que nada nem ninguém está seguro, irritada, com vontade de bater, ferir ou destruir, com medo de ser vítima da crueldade dos colegas dentre tantos outros.

Sunderland (2005) compara as histórias terapêuticas com “ingressos” para se ter acesso ao mundo interior da criança. Ela destaca que essas histórias abordam questões e problemas emocionais comuns, mas essa abordagem acontece dentro do domínio da imaginação e não da cognição. A autora aponta também que, após a criança ouvir com cuidado uma história escolhida para ela, a mesma passa a ter duas visões da situação que lhe causa dor: a antiga visão que antecede a história e a nova visão pós-história. Essa nova visão é enriquecida tanto pela empatia quanto pela possibilidade criativa que a história pôde proporcionar.

Lemos e Silva (2012) sinalizam que contar histórias para crianças com objetivos “terapêuticos” não pode ser realizada de qualquer modo, é necessário, antes de tudo, respeitar o tempo de processo e “digestão” de seus sentimentos inquietantes, porque a criança – diferentemente da maioria dos adultos – não possui recursos interiores suficientes e devidamente estruturados para sentir, pensar e falar de modo claro e pleno sobre seus dilemas subjetivos.

Diante do que foi exposto até aqui sobre os fins terapêuticos da contação de histórias, podemos perceber que as histórias, com todos os seus mistérios, bem como com o seu poder de encantamento, trabalham silenciosamente de forma invisível, fazendo uso de materiais internos tanto da mente quanto do ser de forma geral. Ao mesmo tempo que ela se torna parte do indivíduo, produz transformações no mesmo.

Tratando da *concepção que aborda a existência humana*, Santos e Oliveira (2021) destacam duas perspectivas, a indígena e a africana, que se confundem como fundantes e dizem respeito à maneira dos homens se relacionarem e de conhecerem a sua existência. Na perspectiva indígena, o

contador de histórias é visto como guardião da sabedoria, ou seja, tem um papel social e, geralmente, esse papel é assumido por uma pessoa mais velha. Munduruku (2015), nesse sentido, destaca que as histórias contadas pelos contadores indígenas são parte deles, dão sentido à sua existência e explicam aos mais jovens o sentido da existência humana.

Diante disso, percebemos o quanto a contação de história é importante para o povo indígena, pois transmite valores, crenças, cultura e conhecimento tendo como base a oralidade. Logo, as histórias contadas contribuem com a preservação do patrimônio cultural, com a construção da identidade das comunidades indígenas, bem como com a elaboração de um caminho de encontro entre diferentes gerações.

Por outro lado, Hampatê Bá (2010) aborda a perspectiva africana de contação de histórias, pontuando que

a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência (HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 169).

Desse modo, os aspectos mágicos e espirituais da palavra são enfatizados pela perspectiva do sagrado. Os contadores de histórias são conhecidos por griôs, que repassam através das histórias os conhecimentos transmitidos por seus ancestrais. Desse modo, a contação de histórias para o povo africano visa abordar sua cultura com foco no ensino de sua história e no fortalecimento de sua identidade vinculada ao divino. As histórias africanas buscam explicar o universo, a natureza e as relações humanas, tendo um grande potencial para destruir paradigmas e combater preconceitos de identidade, fortalecendo a luta por uma educação antirracista.

Em relação à *concepção de contação vista como performance*, Busatto (2013) considera que o ato de contar histórias pode se constituir como uma performance, pois aponta para um ato coletivo e interativo, no qual os interlocutores se combinam atualmente, envoltos por sons e silêncios, momentos de quietude e silêncio, permeados por afetos que ultrapassam o espaço físico onde a contação acontece.

Nessa direção, a performance do contador de histórias pode promover a ampliação do horizonte simbólico, bem como trazer conforto e aconchego para nosso mundo interior. Para alguns contadores de histórias, essa performance recebe um incremento maior, agregando elementos do teatro, com caracterização, preocupação com cenário, música, palco, iluminação e som de qualidade. A contação nessa perspectiva é realizada em eventos culturais, praças, feiras, aniversários, dentre outros.

Por sua vez, a *concepção educativa de contação de histórias* foca no ensino de conteúdos e confunde-se com a história da literatura infantil brasileira. É comum, principalmente nas escolas, a prática de contação de histórias anteceder atividades pedagógicas, servindo de base para interpretações escritas, exploração do vocabulário, produção textual, estudo linguístico, dentre tantas outras atividades.

Dessa perspectiva, o ato de contar histórias tem um objetivo: ser pretexto para a exploração de um determinado conteúdo curricular, sem que haja preocupação do mediador com a fruição da história contada. Perde, dessa forma, sua dimensão literária, para privilegiar objetivos outros.

A *concepção de contação de incentivo à leitura* materializa-se na busca de instigar as crianças a criarem o gosto de ler textos literários a partir de narrativas contadas. Parte, assim, do pressuposto de que a contação de histórias é uma ferramenta importante, pois pode contribuir com o acesso das crianças a diversos textos literários e, como consequência, despertar o interesse por livros e textos escritos.

Advogamos aqui que é importante considerarmos a possibilidade de contribuirmos para a formação de leitores por meio da utilização de atividades orais. Sendo assim, torna-se crucial um olhar responsivo para essas atividades. A linguagem oral, que é o instrumento principal do contador de histórias, tem o potencial de proporcionar aos alunos a experiência de leitura de livros que retratam histórias.

De acordo com Silva e Silva (2019), nas atividades nas quais se prioriza o trabalho com a oralidade, há de fato o funcionamento da palavra, que pode contribuir com a formação do ouvinte, do contador, do leitor, do escritor, pois o aluno é conduzido a despertar para a história, sonhando, visualizando a narrativa, tornando-se narrador de texto novo, resultando, assim, na formação de um aluno contador e um contador leitor.

Nesse sentido, as experiências literárias vivenciadas pelas crianças abrem portas para que elas possam experimentar ricas interações que relacionam questões subjetivas, a exemplo de alegria, tristeza, tranquilidade, criatividade e anseio. Assim, Zilberman (1994) destaca que as crianças podem vivenciar passeios por lugares mágicos, povoados por poderosos reis, rainhas belíssimas, príncipes valentes, fadas bondosas, bruxas malvadas, gnomos, animais falantes, duendes que gostam de ajudar, meninos espertos e garotas curiosas e tantos outros personagens, os quais convidam as crianças a vivenciarem incríveis aventuras que aguçam a criatividade e o imaginário. Zilberman (1994, p. 22) afirma que,

por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

Diante disso, Coelho (2000, p. 141) explica que “é pelo imaginário que o eu, pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si e do mundo em que lhe cumpre viver”. Logo, a narração de histórias configura-se como caminho para o estímulo ao hábito da leitura, levando as crianças ao endereço da imaginação e da criatividade. Para Abramovich, “ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (2001, p. 23).

Desse modo, vários são os benefícios do ato de contar e ouvir histórias, como, por exemplo, o desenvolvimento da linguagem e da criatividade, a troca afetiva, a segurança e o estímulo para a realização de uma leitura futura. As

histórias contadas podem, também, ampliar o horizonte da criança, bem como aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. Desse modo,

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 2006, p.17).

A estrutura de início, meio e fim das narrativas oferece subsídios para as crianças elaborarem suas próprias histórias. Sendo assim, o contar, além de propiciar uma atividade lúdica, influencia e contribui com o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e linguístico da criança, ou seja, incentiva as várias dimensões que constituem o ser humano, demonstrando a euforia, curiosidade, instigação e a estimulação da imaginação, promovendo, assim, o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo e da autonomia. Girardello (2011) afirma que

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. (GIRARDELLO, 2011, p. 76).

As crianças não só escutam as histórias, elas entram no universo do imaginário e vivenciam cada parte da história contada. Nesse sentido, de acordo com Araújo (2009), as narrativas orais literárias potencializam aspectos e saltos qualitativos no desenvolvimento da criança, ampliando e estendendo as diversas possibilidades de trabalho com a palavra e a capacidade criadora (imaginação e fantasia) da criança. Araújo (2009) explica ainda que, nos momentos de contação, um elo é estabelecido entre criança e história: há envolvimento emocional, algumas vezes, por meio da identificação com os personagens e, muitas vezes, da projeção da criança dentro da narrativa. É, assim, um envolvimento de natureza intelectual, emocional e imaginativo construído pelas possibilidades trazidas pela história: situações de conflito, prazer, raiva, medo, frustração, alegria, etc. Viver essas possibilidades,

temporariamente através do enredo e dos personagens, possibilita a ampliação das experiências da criança, pontua a autora.

A contação de histórias, portanto, quando focada na fruição literária, permite a descoberta de significados, revela vazios que o leitor é convidado a preencher. Isso porque as histórias ouvidas podem se transformar em uma nova história quando o ouvinte relata o que ouviu, expressando suas próprias impressões e sentimentos. Nesse sentido, Zeni (2018) destaca o poder que as histórias possuem e que podem interferir tanto na vida de quem conta quanto na de quem ouve. As histórias ampliam a sabedoria de vida e o conhecimento de mundo, ensinam a se relacionar com o outro, a se colocar no lugar do outro, preparam para as emoções da vida. Ajudam a compreender o diferente e a si mesmo.

Pudemos perceber que, atualmente, as crianças também passaram a assumir o papel de contadores, atribuindo novos significados aos textos narrados. A participação das crianças nas práticas de contação, a busca de histórias que agradassem aos ouvintes, a escolha das histórias e as próprias narrações permitiram chegar à conclusão de que o letramento literário é um caminho seguro para a formação do leitor. Consideramos relevantes algumas características da interação com histórias, como o contato das crianças com a história mediado pela voz da professora, que lê, canta ou narra; e o fato de a participação de crianças em roda de história proporcionar a formação de uma comunidade de ouvintes que compartilham histórias de forma sincrônica no sentido temporal e espacial.

Creemos que a contação de história pode aguçar o pensamento, as falas e opiniões das crianças, uma vez que são elas as personagens e protagonistas de sua própria história. Sempre que possível, é interessante propiciar momentos de falas e reflexões, por meio de discussões e recontos para promover interações e socialização. Diante disso, Muller (2006, p. 556) aponta que:

Os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade: elas não se limitam à simples imitação ou à mera reprodução, mas envolvem-se com a criação e a participação em todo o processo de transformação, apropriando-se de informações do mundo adulto e construindo ativamente, por meio da produção e de mudanças culturais.

Portanto, precisamos ficar atentos às falas das crianças, pois perceber as relações individuais e com seus pares durante uma atividade ajuda no processo de desenvolvimento e expressão de cada ser. Nessa direção, a contação de histórias, realizada na escola pode contribuir com a construção do conhecimento social da realidade junto à formação de conceitos e valores, pois o texto literário pode revelar a realidade social, possibilitando que a ficção e o real possam caminhar juntos na imaginação do leitor.

Acreditamos que contar e ouvir histórias atualmente pode ser visto como uma possibilidade libertária de aprendizagem, bem como de grande importância para o desenvolvimento ético e significativo da criança e para a construção do conhecimento. Isso porque as histórias proporcionam às crianças a coragem e a força para que elas possam enfrentar suas dificuldades pessoais, tornando as histórias estimulantes. É através das emoções e do prazer que as histórias permitem que o simbolismo que se encontra implícito nas tramas e nos personagens atue no inconsciente da criança.

Ao contarmos uma história, estamos contribuindo com a formação de leitores, fortalecendo a diversidade cultural, valorizando as etnias e a nossa ancestralidade, mantendo a vivacidade e a perpetuação das histórias, encantando e sensibilizando o ouvinte, estimulando o imaginário, tocando o coração, alimentando o espírito, curando e resgatando significados para nossa existência (STOCKER, 2022).

Entretanto, apontamos que, para que as histórias possam chegar até as crianças, é preciso considerar o modo como são levadas até o sujeito, uma vez que o contar histórias não é algo simples, fácil de fazer. Para se contar histórias, é preciso que anteriormente haja um bom planejamento, é necessário pensar em um ambiente convidativo e aconchegante, dar atenção especial ao suspense e à surpresa, bem como à emoção. O enredo e os personagens precisam ganhar vida e, com isso, conseguir tocar o coração e enriquecer a leitura de mundo de cada ouvinte/participante. Além disso, o contador de histórias precisa conhecer muito bem a história que irá contar, para contá-la de modo seguro. De acordo com Matos (2005, p. 28-29):

[...] na perfeita assimilação daquilo que pretende contar. Assimilação, aqui, no sentido de apropriação. Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo; é deixar-se impregnar de tal forma por ela que todos os sentidos possam ser aguçados e todo o corpo possa naturalmente comunicá-la pelos gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz, ritmo, etc.

Assim, ao planejarmos uma contação de histórias, além de considerarmos o ambiente, é preciso também atentarmos para a faixa etária dos ouvintes, bem como a área de interesse, materiais a serem utilizados e as histórias/livros.

(STOCKER, 2022) foca nas escolhas mais adequadas das histórias conforme a faixa etária do ser humano. Logo, ela destaca que as crianças na faixa etária de 1 a 2 anos focam nos movimentos e no tom de voz. O conteúdo abordado não é importante para eles. O tempo de concentração é bem reduzido e as histórias precisam ser curtas e rápidas. Objetos podem ser utilizados durante a contação. Livros de madeira, pano e plástico prendem a atenção. Os livros com textura são bem aceitos nessa fase, pois as crianças sentem a necessidade de pegar as histórias, bem como os objetos utilizados como suporte para contá-las.

Segundo a autora, as histórias contadas para as crianças na faixa etária de 2 a 3 anos devem ser rápidas, com enredo simples e vivo, com poucos personagens e texto curto. É fundamental explorar o ritmo e a entonação. Elas preferem histórias com bichos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Livros com gravuras grandes e poucos detalhes. Nessa fase, as crianças veem as histórias como algo real.

Já para as crianças na faixa etária dos 3 aos 6 anos (STOCKER, 2022), aponta que as histórias devem propor vivências do cotidiano familiar das crianças. Nos livros, o ideal é o predomínio de imagens, sem texto escrito ou com textos bem pequenos. Nessa fase, é comum que as crianças queiram ouvir as histórias mais de uma vez. Elas também acreditam que, de fato, o contador se transforma em personagens. A contação também pode ser incrementada com objetos. Os contos de fada são bem marcantes para o público em questão. A autora destaca que, a partir dos seis anos, as crianças continuam apreciando os contos de fadas, mas há espaço para a apresentação de outros textos. A

utilização de objetos para enriquecer a contação pode continuar. As crianças gostam de participar das contações dramatizadas.

Além de atentarmos à escolha das histórias considerando a faixa etária das crianças, também é preciso focarmos em outros pontos. Brandão e Rosa (2016) apontam que alguns professores escolhem histórias com o intuito de enfatizar a moral delas, focando, assim, em histórias que ensinem boas maneiras. No entanto, elas também destacam que escolher histórias priorizando o trabalho moralizante reduz as possibilidades de abordagem e apreensão do literário, deixando de propiciar às crianças o encontro com clássicos da literatura que abordam dramas, assim como sentimentos humanos fundamentais, entre outros aspectos da vivência das crianças.

Outro critério criticado pelas autoras é a escolha de histórias curtas e com um vocabulário conhecido pelas crianças. Segundo elas, isso limita o repertório de histórias, podendo deixar de fora excelentes histórias, apenas pelo fato de serem mais extensas e possuírem um vocabulário menos usual.

Brandão e Rosa (2016) apontam indicadores que orientam a escolha das histórias escritas em livros infantis, tomando como critério a qualidade. Elas apontam alguns indicadores. O primeiro deles é a sintonia da relação entre narrativa escrita e narrativa visual. Fazendo uma comparação com o que as autoras apontam, acreditamos que na contação de histórias que foca apenas na oralização, sem a utilização do livro impresso, podemos utilizar o texto oral e complementá-lo com o uso de objetos/elementos visuais que enriquecem a história.

As autoras destacam como segundo indicador de qualidade das histórias a sensibilização de leitores de diferentes faixas etárias, ou seja, uma história para ser considerada boa encanta, toca, emociona qualquer público, independentemente da idade.

A fortuna crítica é o terceiro indicador de qualidade na escolha das histórias, uma vez que a apreciação da qualidade pela crítica especializada constitui-se como um dado de credibilidade em relação à obra avaliada. No caso das histórias presentes nos livros literários infantis, as autoras sugerem a busca por opiniões de especialistas e leitores. No caso das narrativas orais,

acreditamos que ouvir a opinião e sugestões de contadores, bem como de ouvintes que possuam o hábito de ouvir histórias, seja um caminho para o encontro com boas histórias.

Elas também apontam que escolher histórias que façam parte do patrimônio imaterial é outro indicador de qualidade importante para termos contato com histórias de qualidade, por serem histórias que atravessam o tempo e tratam de temas relevantes.

Como último indicador de qualidade das histórias, Brandão e Rosa (2016) trazem a qualidade estética do texto, considerando a importância desse aspecto para conferir beleza e fruição à recepção da obra.

A respeito do sujeito que escolhe as histórias a serem contadas, Girardello (2014, p.19) observa:

No fim das contas, quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem! Como numa corrida de revezamento, a criança de uma geração recebe uma tocha e atravessa a vida carregando-a acesa na profundidade da memória para entregá-la à criança que espera ansiosa na próxima curva do caminho.

Como a autora citou acima, a respeito de quem escolhe as histórias a serem contadas, independente dessas contações acontecerem na sala de aula ou em outros espaços, não é pessoa adulta, mas sim a criança que habita aquele adulto, uma criança repleta de memórias, uma criança que, segundo a autora, busca cultivar o papel das histórias na vida do ser adulto a partir dessas memórias. Tal observação nos faz pensar que outro critério importante nessas escolhas é buscar histórias que agradem ao espírito infantil em qualquer época.

Stocker (2022, p.62-63) aponta alguns procedimentos e qualidades necessárias ao contador de histórias:

1. Verificar o local, o horário e as acomodações.
2. Conhecer o público a que se destina e ter o dom de encantar e dominar a plateia.
3. Conhecer o enredo com absoluta segurança.
4. Narrar com naturalidade, com voz clara e expressão viva.
5. Enfatizar os pontos emocionantes da história por meio das variações de tonalidade da voz e pausas oportunas.
6. Sentir/ Viver a história, emocionando-se com a própria narrativa.
7. Não romper com o fluxo da narrativa com conselhos e explicações.
8. Não perder o fio da meada quando estiver fazendo uso do livro ou outro elemento ilustrativo.
9. Tirar partido de pequenos incidentes, sem interromper a história.
10. Evitar tiques e cacoetes.
11. Tratar o ouvinte com simpatia e camaradagem, sem adotar um ouvinte predileto.
12. Não demonstrar irritação com a

presença de ouvintes desinteressados ou irrequietos. 13. Chegar ao desfecho sem apontar a moral ou aplicar lições. 14. Estar aberto para comentários após a narrativa.

Stocker (2022) aponta ainda requisitos importantes para a contação que possa propiciar o contato prazeroso da criança com a narração: sentir, viver a história; narrar com naturalidade, utilizando vocabulário adequado ao público; conhecer muito bem o enredo; dominar o interesse do público-alvo, escolhendo as histórias de acordo com a sua faixa etária; falar com voz adequada, clara e agradável; não exagerar nos gestos; ser original fazendo adaptações, usando a inventividade; ser espontâneo, contando de forma dramática; conhecer o ambiente da contação com antecedência, para identificar potencialidades e interferências; usar roupas discretas, pois a história é quem tem de chamar a atenção do público; buscar olhar nos olhos dos ouvintes e evitar movimentos repetitivos e exagerados.

É interessante também atentarmos para o início e o final da história. É fundamental que os ouvintes sejam convidados para ouvir a história criativamente, que isso os instigue a querer ouvir a história atentamente. Zeni (2018) diz que terminar uma história é pior que começar. Ao terminar a contação de uma história, é preciso mostrar que de fato ela terminou. A autora sugere que para iniciar uma história pode-se recorrer a recursos, como canções: *“Agora, minha gente, uma história vou contar, uma história bem bonita, toda a gente vai gostar (Ciranda, Cirandinha)”*, *“Vai começar a história, começar a contação, se prepara minha gente, abra o seu coração”*, *“Toque, toque, toque quem é pode entrar, é uma história que acaba de chegar”*, dentre outras.

Tocar um sino, criar uma história introdutória são algumas entre tantas outras possibilidades de se iniciar a contação de uma história. A autora destaca a importância da utilização de formuletes de início que podem substituir o *Era uma vez* e formuletes de término que podem substituir o *“Fim”*. São exemplos de formuletes de início: *“Há mais de mil anos, num lugar a mais de mil quilômetros daqui...”*, *“Na época em que os animais falavam...”*. *“Dentro da casa, há um quarto, dentro do quarto um armário; dentro do armário uma caixa,*

dentro da caixa uma mala; dentro da mala, um livro, dentro do livro, uma história, que agora eu vou contar...”.

Como formuletes para finalizar a contação de histórias, podemos destacar: *“Entrou por uma porta e saiu por outra. Quem quiser que conte outra.”*, *“E era uma vez a vaca Vitória que caiu no buraco e acabou-se a história.”*, *“E agora minha gente / Que a história terminou / Batam palmas bem contente / Batam palmas quem gostou.”*, *“O bruxo da corte perdeu a memória, deu três piruetas, acabou-se a história”*, *“Sim, sim, Salabim, esta história chegou ao fim.”*, *“Essa história entrou por uma porta e saiu pela janela, então batam palmas para ela.”*, *“Entrou por uma perna do pato, saiu por uma perna do pinto, quem quiser que conte cinco.”*, dentre outros.

Quando decidimos contar uma, é necessário termos a consciência de que, por mais simples que a história seja, é preciso planejar detalhadamente cada ação se, realmente, queremos que os ouvintes possam viver intensamente essa experiência significativa com as narrativas literárias.

Ao pensarmos em como contribuir para a formação literária das crianças na escola, pensamos que é preciso investir em estratégias que promovam o prazer da leitura, estratégias essas que não abordem o texto literário infantil exclusivamente para realizar atividades voltadas à escrita. Dessa forma, a contação de histórias pode ser um caminho possível para o encontro da criança com a arte literária infantil, permitindo que elas possam experimentar novas trilhas rumo ao conhecimento, à imaginação, à fantasia e à liberdade.

Na medida que o professor assumir o papel de mediador da experiência literária, é crucial que o mesmo promova o contato das crianças com os livros, as leituras e as contações de histórias, incentivando práticas sociointeracionais na escola, visando aproximar o imaginário e o real, propiciando reflexões sobre si e sobre o mundo ao seu redor. De acordo com Girardello (2014), o professor não pode esquecer de falar sobre o autor ou autora da obra, ou o contexto no qual aprendeu a história, precisa respeitar a autoria dos contos literários, proporcionar às crianças e adultos experimentação técnica e subjetiva para recriar histórias oral e, principalmente, não esquecer que ele pode abrir clareiras na sala de aula, seja a partir de uma história contada ou de qualquer

forma de arte. Nesse sentido, contar história na sala de aula é como iluminar um bosque escuro, é tornar a sala de aula um lugar de encontro e de luz.

Considerando a relevância da formação do professor para a contação de histórias, no próximo tópico refletimos sobre tal aspecto.

1.4 A formação do professor e a contação de histórias na escola

Diante do exposto até aqui, defendemos que a contação de histórias, quando bem planejada, pode se tornar uma ferramenta capaz de ampliar as oportunidades de letramento literário¹ na escola, contribuindo para a formação de leitores críticos, que, além de ler textos escritos, possam compreender o contexto em que estão inseridos. No entanto, precisamos voltar nosso olhar para o profissional que conduz esse trabalho, o professor.

No espaço da escola se encontram esses sujeitos, que estabelecem relações de troca, de intimidade, de tensão e de conflito (TEIXEIRA, 1996, p. 75), entrelaçando suas vidas diariamente, por anos a fio, e significando essas experiências dos modos mais diversos. A autora aponta o professor como sujeito repleto de singularidade em relação a outros grupos sociais, que vai se constituindo permanentemente, sujeitos contemporâneos em seu tempo e contexto, mas, ao mesmo tempo, também constituído de memórias.

Teixeira (1996) destaca que o professor integra uma categoria social que envolve pessoas vivas e reais, focando atributos de gênero, idade, cor, visões de mundo, dentre tantos outros. Ela também aponta algumas dimensões constitutivas do professor, como: a corporeidade (o corpo é algo que fala além do que se vê), a experiência cotidiana (são repletos de experiências significadas e ressignificadas que constituem a história humana, bem como a si), sujeito efetivo (penetrado pelo mundo e pelos outros), linguagem (sujeitos que revelam e escondem sentidos por meio de múltiplas linguagens), o tempo (sujeitos que se constituem na temporalidade), a ética (praticam o respeito

¹ Entendemos letramento literário como processo de apropriação da literatura enquanto linguagem específica do texto literário.

mútuo) e seres de ação (seres de ação política, dispostos a sempre começarem algo novo).

Como sujeitos sócios-culturais singulares, pode-se destacar em relação ao professor algumas circunstâncias que os tornam únicos, como, por exemplo, a relação professor-aluno, na qual o professor é visto como o detentor do saber sistematizado, formal. É aquele que ensina, enquanto o aluno assume o lugar de quem recebe o ensinamento, mas que também compartilha saberes da vida cotidiana. Essa relação é permeada de conflitos e tensões, pois se apresentam em diferentes posições, sendo que o professor assume a posição de poder. Essa relação também é permeada de sentimentos humanos, às vezes bons e outras vezes maus. O professor é um sujeito avaliado frequentemente, assim como a escola. Essa avaliação é geralmente realizada pelas famílias, pelas autoridades e pelos órgãos de política educacional.

A autora afirma que a expressão “o professor é o único profissional que leva trabalho para casa” nunca foi tão significativa, como na atualidade. Muitos professores reclamam de estarem se sentindo sufocados com tantas tarefas burocráticas atribuídas a eles. Essas tarefas invadem suas casas, sugando vorazmente uma parte de seu tempo, tempo esse que poderia ser dedicado a outras atividades, como, por exemplo, vivenciar momentos com a família, realizar atividades de lazer, praticar atividades físicas, dentre tantas outras atividades, ou simplesmente, desfrutar de tempo ocioso.

Ser professor no Brasil atualmente é um grande desafio, que pressupõe a formação para atuar em diferentes frentes da educação. Logo, é importante refletirmos: será que, diante de tantas tribulações vivenciadas por esses profissionais, eles conseguem dar conta do seu trabalho com eficiência? Será que nossos professores conseguem trabalhar de forma adequada com o texto literário e com a contação de histórias? Será que receberam alguma formação para realizarem esse trabalho? Será que compreendem a importância da leitura literária e da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo das crianças?

Entendemos a leitura literária como uma atividade social que está sempre envolvida em um contexto, que pode ser o contexto social do texto,

história ou obra, bem como o contexto social dos leitores, ou dos ouvintes, ou dos contadores de histórias. Nesse sentido, contar histórias também é uma atividade social, que permite que as vivências trazidas nas histórias se entrelacem com as vivências dos ouvintes, permitindo, assim, que esses ouvintes tenham a possibilidade de construir e reconstruir significados.

Dessa forma, é fundamental que os professores/contadores deixem a narração aberta à interpretação e ao posicionamento dos ouvintes, ponto crucial para uma atividade de letramento literário. Sobre essa questão, Ramos (2011) destaca que

A arte de contar histórias depende, frequentemente, do poder de sedução do contador, poder resultante das relações que ele, ao contar, faz com a vida dos seus ouvintes e do modo como trabalha o objeto, o texto narrado, nem sempre de sua autoria, que deu suporte para a sua ação. (RAMOS, 2011, p. 46).

Cosson (2006, p. 41) defende que, por meio da interpretação, o leitor/contador de história negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve a obra, o contador de histórias e a comunidade. Logo, interpretar é dialogar com o texto, onde o contexto é a fronteira, sendo tanto aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor/contador.

Portanto, reconhecemos o quanto a contação de histórias precisa estar presente na escola. No entanto, é interessante refletirmos se os professores estão preparados para trabalhá-la com seus alunos e se as escolas dão condições para que o trabalho com a contação ocorra de forma a aproximar as crianças dos textos efetivamente.

Souza (2011) destaca que, durante muito tempo, a contação de histórias em sala de aula era praticada exclusivamente com o intuito de distrair as crianças, buscando deixá-las mais relaxadas, e podemos afirmar que em algumas instituições de ensino a contação de histórias, quando praticada, ainda exerce essa função. No entanto, a figura do professor/contador foi ganhando espaço na sala de aula e esse profissional passou a ter um olhar diferenciado para a importância da contação no espaço educacional.

A prática de contar histórias pode ser desenvolvida na educação como estratégia para contribuir com a formação leitora da criança, pois consideramos que na formação do leitor é de grande relevância atividades que trabalhem a

escuta e o reconto. Diante disso, consideramos necessário que os professores do ciclo inicial da educação básica possam participar de formações que incluam em sua metodologia a preparação para contar histórias com planejamento e segurança.

As formas tradicionais de contar histórias foram incrementadas, os adereços passaram a ser usados e novas técnicas surgiram. Dessa forma, o professor precisa levar em conta sua competência profissional, deve estudar, se esforçar para que sua ação tenha qualidade. (FREIRE, 2019). Sendo assim, a pesquisa deve fazer parte da ação docente, pois não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. (FREIRE, 2019).

É interessante que o professor assuma o papel de pesquisador, pois é através da pesquisa que podemos encontrar a solução para vários problemas encontrados em sala de aula e, quando buscamos sanar algumas dificuldades através da pesquisa, geralmente, no caminhar até a solução, muitas habilidades e conhecimentos que irão contribuir para melhorar nossas práticas são adquiridos.

Atuar no espaço escolar como professor contador de histórias requer preparo, formação, profissionalização. É necessário estabelecermos uma reflexão sobre a formação literária docente, focando na formação inicial e na formação continuada, mediante ações que possam potencializar a formação de leitores.

Cosson (2016) destaca que o que vem sendo observado nos cursos superiores é a falta de mais prática na formação docente, pois faltam discussões sobre o que ensinar e a construção colaborativa do como ensinar, por meio de um eixo metodológico, de um norte. A maioria dos professores apresenta um conhecimento teórico, muitas vezes rebuscado, com propostas críticas, significativas, atualizadas em termos de pensamento literário, no entanto, lê pouco da literatura infantil e juvenil. Para o autor, geralmente, na formação superior, os professores têm contato com excelentes teóricos, mas o grande problema está, na prática, no como ensinar, no como desenvolver estratégias e possibilidades no “chão da escola”.

Daí, é interessante que o professor queira e busque estratégias e alternativas para trabalhar a leitura literária de forma eficaz e significativa, como

aponta Cosson (2016), ao descrever possibilidades de ações pedagógicas de como professor ensinar literatura e despertar o gosto pela escrita e leitura.

Em relação à formação continuada, busca-se contemplar ações formativas contínuas com foco no aprimoramento de conhecimentos teóricos em cursos de extensão, de aperfeiçoamento ou de pós-graduação, como também nas ações de leitura, no trabalho com a oralidade e estudos para elaboração de planejamento pedagógico eficaz.

Além disso, é necessário questionarmos as atividades da docência relacionadas às escolhas metodológicas e às possibilidades e estratégias de atuação com os conteúdos curriculares, levando em consideração o contexto de sala de aula e a heterogeneidade das turmas.

Por outro lado, é interessante refletirmos se uma boa formação literária possibilita ao docente proporcionar encontros entre a criança e os livros, contribui para que o leitor estabeleça, a partir de cada experiência com a leitura literária e a contação de histórias, relações de sentidos com as demais leituras já realizadas ou com as quais se deparará ao longo da vida, haja vista que “a experiência da literatura amplia e fortalece esse processo, ao oferecer múltiplas possibilidades de ser o outro sendo nós mesmos, proporcionando mecanismos de ordenamento e reordenamento do mundo de uma maneira tão e, às vezes, até mais intensa do que o vivido” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 69-70).

Dessa forma, consideramos relevante pensarmos sobre as formações iniciais e continuadas de professores, com base nas discussões teóricas e metodológicas que abordem o tema da leitura e da contação de histórias, e se essas formações podem de fato, contribuir para uma prática mais eficaz e que aumente a compreensão leitora e o trabalho com a oralidade por meio da literatura infantil.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apontamos como objetivo apresentar o delineamento metodológico utilizado no desenvolvimento da nossa pesquisa, no qual abordamos o modelo de investigação qualitativo. A pesquisa configura-se como um estudo de caso, com caráter descritivo-interpretativo, realizado em uma escola pública da rede municipal de ensino da cidade de Algodão de Jandaíra–PB, em turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Em seguida, descrevemos as características do contexto em que se deu a pesquisa e dos sujeitos participantes e, por último, discorremos sobre como ocorreu a geração dos dados, assim como os procedimentos de análise.

2.1. Natureza da pesquisa

Pode-se entender a pesquisa científica como “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 15). O estudo de caso aqui apresentado trilhou caminhos, na busca de cumprir etapas pré-estabelecidas para a investigação do evento contação de histórias, para, com base científica, investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaíra–PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.

A metodologia que utilizamos nessa pesquisa é o Estudo de Caso, baseado em uma investigação qualitativa. Dentre os métodos utilizados em pesquisa, Yin (2001) afirma que

O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. (Yin, 2001, p. 35)

Com base em Gil (2009), nossa pesquisa assume as características a seguir, que a definem como um estudo de caso:

- Preserva o caráter unitário do fenômeno pesquisado, sendo a unidade-caso estudada na totalidade: nossa pesquisa estuda as concepções de contação de histórias adotadas por seis professoras da rede municipal de Algodão de Jandaíra–PB e como elas influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na referida escola.
- Não se separa o fenômeno do seu contexto: investigamos as concepções de contação de histórias adotadas por professoras, dentro do contexto em que se realiza, em salas de aulas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental.
- É um estudo em profundidade, pois, a partir da obtenção dos dados, por meio de observação participante, análise documental e entrevistas semiestruturadas, buscamos aprofundar nossas informações a respeito do fenômeno investigado.
- Requer a utilização de múltiplos procedimentos para coleta de dados.

Sua abordagem qualitativa se justifica porque “se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (FONSECA, 2002, p. 20). No caso específico da nossa pesquisa, relaciona-se à investigação da contação de história e suas contribuições para a formação do leitor literário. O objetivo se apresenta como descritivo, porque, segundo Gil (2008, p. 28), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. O propósito foi investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaíra–PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.

A configuração se relaciona à pesquisa social, pois o contexto de ensino-aprendizagem é pleno de possibilidades para o desenvolvimento de estudos, visto que “lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos” (MINAYO, 1994, p.14).

A pesquisa em questão se configura como um caso a ser estudado porque buscamos conhecer a experiência de seis professoras(es) de uma escola municipal (Anos Iniciais) localizada no município de Algodão de Jandaíra–PB, atentando para como as concepções de contação de histórias adotadas por essas professoras influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na referida escola. Escolhemos esta escola para a realização da pesquisa porque tivemos conhecimento de que as professoras da mesma realizam um trabalho significativo utilizando a contação de histórias em suas aulas.

Para coletar os dados dessa pesquisa, realizamos entrevistas com as referidas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pesquisa documental (análise dos seus planos de aula), bem como observação participante em suas aulas.

A pesquisa documental apresenta muita semelhança com a pesquisa bibliográfica, no entanto, difere da mesma no que diz respeito à natureza das fontes. Sobre ela, Gil (2008) destaca que:

A pesquisa bibliográfica utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 2008, p. 51).

Para desenvolvermos uma pesquisa documental, é preciso considerar que, de início, faz-se necessária a exploração de fontes documentais que não receberam tratamento analítico, como documentos oficiais, diários, cartas, contratos, fotografias, dentre outros, e os documentos de segunda mão, aqueles que já foram analisados de alguma forma, destacando-se tabelas estatísticas, relatórios de empresas, relatório e pesquisa. Como documento para análise, utilizamos as rotinas (planos) semanais de aula das professoras da escola pesquisada.

De acordo com Gil (2008), a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Para ele, desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa.

A Observação Participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa (Correia, 2009, p. 31). Buscamos com a observação verificar como aconteceu a contação de histórias em uma escola de Ensino Fundamental Anos Iniciais no município de Algodão de Jandaíra–PB, entre os meses de maio, junho e julho de 2024.

Na observação participante, o observador não é apenas um espectador,

ele se une à cultura estudada para registrar ações, interações ou eventos que ocorrem, permitindo não só que os fenômenos sejam estudados à medida que surgem, mas também oferecendo ao pesquisador a oportunidade de obter informações por meio da experiência dos fenômenos por si mesmos (Campos; Silva; Albuquerque, 2021, p. 96-97).

Segundo Barros e Duarte (2006), a entrevista é considerada uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso. Ela tornou-se técnica clássica para obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia. O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, mas saber como o fenômeno estudado é percebido pelo conjunto dos entrevistados. Portanto, seu objetivo está relacionado “ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (DUARTE e BARROS, 2006, p.63). Logo, nosso intuito com a entrevista foi obter dados sobre as concepções e práticas de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre o contar histórias.

Utilizamos o procedimento de triangulação de dados para consolidarmos as conclusões a respeito do fenômeno investigado, a partir de informações obtidas nas entrevistas realizadas com os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na análise documental (planos/rotinas semanais) dos professores entrevistados e na Observação Participante das aulas das referidas professoras.

A triangulação é descrita por Denzin, Lincoln e Netz (2007) como uma ferramenta para assegurar a compreensão em profundidade do fenômeno em estudo, pois compreendem que é impossível captar objetivamente a totalidade

dos fenômenos. Desse modo, a triangulação aparece como uma alternativa para a validação de representações da realidade em investigação. De acordo com esses autores, assim como para Flick (2009), em uma mesma investigação, o uso da triangulação de fontes de evidência, métodos, perspectivas e observadores aumenta a qualidade da pesquisa, à medida que lhe atribui mais rigor, complexidade e profundidade.

A técnica de triangulação proposta por Triviños (1987) difere das demais, pois propõe uma triangulação por meio de diferentes níveis de análise que compõem um mesmo fenômeno. Para o autor, a técnica de triangulação

[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. (Triviños, 1987, p. 38).

Diante disso, o autor propõe que a coleta e análise de dados sobre um determinado tema ou sujeito abordem três níveis distintos: (i) os processos e produtos centrados no sujeito; (ii) os elementos produzidos pelo meio em que o sujeito se encontra inserido; e (iii) os processos e produtos originados pela estrutura social, econômica e cultural do macro-organismo social do sujeito, aqui relacionados principalmente ao modo de produção vigente, suas forças e relações de produção (Triviños, 1987).

Para a coleta de dados sobre os processos e produtos centrados no sujeito, o autor destaca a utilização de técnicas de coleta de dados primários, tais como entrevistas, observação, questionários, autobiografias e demais técnicas que permitam ouvir a voz do próprio sujeito. Para os elementos produzidos pelo meio, ele indica fontes de dados secundárias, tais como documentos, instrumentos oficiais, estatísticas, imagens e fotografias. Já no tocante aos processos e produtos originados da estrutura social, conquanto o autor não delimite as técnicas de coleta de dados, entende-se que podem ser verificados por meio de todas as técnicas de coleta já citadas e, inclusive, por exemplo, mediante pesquisa histórica, pois se tratam, basicamente, de dados que indicam características do modo de produção vigente e como elas se relacionam com o sujeito e os fenômenos estudados (Triviños, 1987).

Utilizaremos a Análise de Conteúdo como metodologia de trabalho. Essa análise refere-se a

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (Bardin, 2011, p. 42)

A análise de conteúdo tem um vasto campo de aplicação, oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. Com essa análise, estuda-se o dito, o não dito e o silêncio. Esse método de análise destaca quatro etapas principais: organização da análise, codificação, categorização e Inferência.

Em relação à ética no processo de pesquisa, nos preocupamos em organizar o estudo de forma sistemática e respeitar todos os critérios estabelecidos pela Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, que aborda as especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais. Mantemos preservada a identidade das participantes e as esclarecemos sobre os objetivos da pesquisa, assim como a participação era de caráter voluntário. Foram pontos estabelecidos e preservados através do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Ainda reforçamos o nosso compromisso com o caráter ético da pesquisa, uma vez que, ao realizarmos a pesquisa com seres humanos, procuramos proteger as participantes de danos simbólicos, em geral, causados pela pesquisa nas ciências sociais, como afirma Fonseca (2010), sempre respeitando as suas singularidades e as mantendo cientes de que podem desistir ou permanecer durante todo o processo investigativo.

2.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa em questão foi realizada no município de Algodão de Jandaíra–PB, situado na mesorregião do Agreste paraibano e na microrregião do Curimataú Ocidental, a 177,5 km da capital, João Pessoa–PB. Em 2022, o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimava 2.953 habitantes e a densidade demográfica era de 13,26 habitantes por quilômetro quadrado.

A Rede Municipal de Ensino, neste ano de 2024, é composta por 5 instituições de educação, sendo que na zona urbana há 1 unidade de Educação Infantil (não contempla turmas de berçário) onde estão matriculadas 150 crianças, 1 escola que atende as crianças do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, com 151 matrículas, 1 escola que atende o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com 91 matrículas, e 1 escola que atende alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com 197 alunos matriculados.

Na zona rural, funcionavam 5 escolas, todas com turmas multisseriadas. No entanto, atualmente, apenas uma escola está em funcionamento, uma vez que as demais foram fechadas devido ao número reduzido de matrículas. Os alunos dessas escolas foram transferidos para as escolas da zona urbana. A única escola que continua funcionando na zona rural atende a crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com turmas multisseriadas, totalizando 28 matrículas neste ano.

No município, há também uma escola da Rede Estadual que atende aos alunos do Ensino Médio, com 149 matrículas confirmadas. O município não possui escola particular. No total, este ano, foram efetuadas 617 matrículas na Rede Municipal de Ensino e 149 matrículas na Rede Estadual, totalizando 776 matrículas. Ver número de matrículas realizadas por segmentos da educação no município em 2024, distribuídas nos espaços urbano e rural do município, no quadro 1, a seguir:

Quadro 3 – Quantidade de alunos do município de Algodão de Jandaíra-PB, distribuída por segmentos.

Espaços do Município	Segmentos da Educação	Quantidade de matrículas
Espaço Urbano	Educação Infantil	150
	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	242
	Anos Finais do Ensino Fundamental	197
	Ensino Médio	149
Espaço Rural	Educação Infantil/ Anos do Ensino Fundamental (Multisseriado)	28

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de dados fornecidos pela secretária de Educação do Município pesquisado.

A escola onde a pesquisa foi realizada é a única do município que atende alunos dos anos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Encontra-se localizada no centro da cidade e recebe alunos tanto da Zona Urbana quanto da Zona Rural. Ela foi criada em 15 de dezembro de 2014 através da Lei 341/2014, devido à antiga escola que atendia os alunos de 1º, 2º e 3º não mais comportar a quantidade de matrículas por turma, necessitando assim de um espaço maior para funcionar.

Atualmente, a escola atende a 151 alunos, apenas no período da manhã, com 53 matriculados no 1º ano, 54 alunos no 2º ano e 44 alunos no 3º ano. A faixa etária dos alunos é entre seis e nove anos, conforme a documentação apresentada pela direção escolar. Ver o quadro abaixo:

Quadro 4 – Quantidade de alunos da escola pesquisada distribuída por Ano/turma.

Ano/Turma	Quantidade de alunos
1º ano A	26
1º ano B	27
2º ano A	30
2º ano B	24
3º ano A	24
3º ano B	20

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de dados fornecidos pela gestora escolar.

A escola em questão conta com 6 professoras, 1 porteiro, 2 colaboradoras na cozinha, 2 colaboradoras na limpeza, 1 secretária e 4 colaboradoras que dão apoio às crianças com deficiência.

No que se refere aos aspectos físicos e estruturais, pode-se destacar que a escola foi construída em uma área murada de 1154,21 m², sendo 679,866 m²

de área coberta, de acordo com as built² realizadas pelo setor de engenharia do município de Algodão de Jandaíra-PB.

Ela apresenta os seguintes espaços: 4 salas de aula, 1 biblioteca (atualmente está funcionando uma sala de aula), 1 sala de informática (onde funciona uma sala de aula), 10 banheiros, 1 cozinha, 1 pátio grande que serve também de refeitório, 1 despensa, 2 almoxarifados, 1 sala de professores que está emprestada para uma turma de Pré-II e 1 Sala de direção onde “funciona” também o “Cantinho da Leitura” coletivo.

Segundo a equipe gestora, o Projeto Pedagógico (PP) da escola está sendo reformulado.

Em relação aos materiais, bem como aos recursos tecnológicos, a escola conta com livros adquiridos através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com livros do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), incluídos aí os livros literários e livros teóricos, com livros da Coleção Veredas da Leitura e da Escrita e da coleção Leia Lá que eu Leio Cá, adquiridos através do Programa Alfabetiza + Paraíba (exclusivos para os alunos do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental). Tanto os livros didáticos quanto os livros conseguidos em parceria com o Programa Alfabetiza + Paraíba foram entregues aos alunos e professores da referida escola. As professoras utilizam os livros didáticos, fazendo adaptações, quando necessárias, levando sempre em consideração as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

O Cantinho da Leitura foi adquirido com recursos advindos do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada e dispõe de vários objetos, como estantes adequadas à altura das crianças, tapetes emborrachados, almofadas, caixas organizadoras, lousas mágicas para contação de histórias, teatro de fantoches, fantoches, aventais de histórias, fantasias e muitos livros de literatura infantil.

De início, esse espaço foi pensado para ser utilizado por agendamento das turmas durante a semana, no entanto, há turmas numerosas e isso impossibilita a utilização do espaço nessa proposta. A seguir, apresentamos a imagem do Cantinho da Leitura Coletivo:

² Projeto arquitetônico que contempla o levantamento total das construções, incluindo áreas internas e fachadas.

IMAGEM 1 – Sala de leitura da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Daí, segundo a equipe gestora, encontrou uma solução possível juntamente com as professoras e ficou acordado que passariam a utilizar os objetos do Cantinho da Leitura em suas próprias salas, seguindo o agendamento combinado anteriormente e, dessa forma, está acontecendo. Cada sala de aula tem seu próprio Cantinho da Leitura, com vários livros à disposição dos alunos, como veremos a seguir:

IMAGEM 2 – Cantinho da leitura da sala de aula de P1A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

IMAGEM 3 – Cantinho da leitura da sala de aula de P1B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

IMAGEM 4 – Cantinho da leitura da sala de aula de P2A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

IMAGEM 5 – Cantinho da leitura da sala de aula de P2B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

IMAGEM 6 – Cantinho da leitura da sala de aula de P3A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

MAGEM 7 – Cantinho da leitura da sala de aula de P3B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

No pátio, também há um cantinho onde encontramos livros literários infantis que podem ser manuseados por qualquer pessoa, sejam elas alunos, funcionários, pais e visitantes.

IMAGEM 8 – Espaço de leitura no pátio da escola



A escola é carente em relação a jogos pedagógicos. Os que existem são confeccionados pelas professoras. Segundo a gestora escolar, no primeiro semestre, não foi desenvolvido nenhum projeto coletivo específico de incentivo à leitura das crianças, apenas iniciativas isoladas em cada turma. Segundo ela, no segundo semestre, especificamente no mês de agosto, terá início um projeto de fomento à leitura das crianças que tem como tema geral “Ler uma história é uma aventura, contá-la é convidar pessoas para vivenciá-la com você!”. Cada professora está providenciando materiais lúdicos, alguns com a ajuda das famílias, que servirão de suporte para o transporte das histórias para serem lidas em casa. P1A trabalhará com o baú da leitura, P1B com a lata da leitura, P2A com a maleta da leitura, P2B com as caixas de leitura e P3A e P3B com as sacolinhas de leitura. A seguir, alguns objetos confeccionados para o projeto de leitura:

IMAGEM 9 – Alguns objetos confeccionados para o projeto de leitura



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ela pontuou que outra iniciativa de incentivo à leitura também terá início no mês de agosto e acontecerá mensalmente, com título “Posso ler para você?”,

reunindo toda a equipe escolar, Secretaria de Educação e pais na última sexta-feira do mês, para ouvir as crianças que quiserem ler.

No que diz respeito aos demais recursos e materiais da escola, apresentados pela gestora escolar, podemos verificá-los no quadro 3, a seguir:

Quadro 5 – Recursos e materiais

RECURSOS/MATERIAIS	QUANTIDADES
Televisão	1
Caixa de som	1
Microfone	1
Impressora	1
Notebook	1
Conjunto de mesa com cadeira	170
Birôs	8
Quadro branco	7
Mesas	3
Armários	10

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de dados fornecidos pela gestora escolar

Diante do que foi destacado anteriormente acerca da referida escola, é importante pensarmos sobre os espaços e suas condições de uso para realizar contação de histórias. Será que os espaços existentes na escola são adequados para tal finalidade? Algumas professoras relataram informalmente o quanto é difícil realizar contação de história no “Cantinho de Leitura” e também destacaram que criar um espaço acolhedor na sala de aula para tal finalidade também tem seus entraves, devido à superlotação da turma e, conseqüentemente, ao número de cadeiras distribuídas na sala.

A sobrecarga de trabalho também foi pontuada pelas docentes como um fator que dificulta o trabalho com a contação de histórias, pois, segundo elas, há uma exigência enorme em alfabetizar as crianças até o segundo ano e, atividades para treinar a fluência são prioridades, pois, é necessário obter bons

rendimentos nas avaliações oficiais, a exemplo do SIAVE (Sistema de Avaliação da Educação Básica da Paraíba) e as demais avaliações atreladas ao CNCA (Compromisso Nacional Criança Alfabetizada), a exemplo das avaliações do Alfabetiza + Paraíba.

As professoras também relataram que se sentem sufocadas com o trabalho burocrático que levam muitas vezes para realizarem em casa, a exemplo da inserção dos resultados das avaliações ligadas ao CNCA no sistema CAED (Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação) que são atribuídas a elas, sendo que algumas das educadoras precisam buscar ajuda por terem dificuldades para manusear a plataforma. Diante disso, é importante, além de refletirmos sobre os espaços de contação e as turmas numerosas, bem como se essas professoras têm apoio na escola para realizar atividades de contação de história, se há materiais disponíveis para utilizarem durante a contação, se elas planejam suas aulas em conjunto com a coordenação pedagógica e se participaram de algum curso sobre a temática em questão.

2.3 Participantes

Nossa pesquisa conta com a participação de 6 professoras da rede municipal de ensino do município de Algodão de Jandaíra–PB, que lecionam nas turmas de 1º ano A, 1º Ano B, 2º Ano A, 2º ano B, 3º ano A e 3º ano B. Ao escolhermos a escola para realizarmos a pesquisa, priorizamos que a mesma deveria ser municipal, pública e que atendesse crianças do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I.

Para a escolha das professoras, adotamos dois critérios de seleção: o primeiro critério foi serem formadas em Pedagogia e o segundo, estarem atuando nas turmas supracitadas.

Todas são formadas em Pedagogia, sendo que cinco são do quadro de professores efetivos do município e uma está em desvio de função, pois é efetiva como Educadora Social, lotada na Secretaria de Desenvolvimento Social. Para essa pesquisa, serão denominadas respectivamente de P1A, P1B, P2A, P2B, P3A, P3B e, com isso, preservamos suas identidades. Seguem informações sobre elas no quadro 4 abaixo:

Quadro 6 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

PROFESSORA COLABORADORA	IDADE	FORMAÇÃO-INTITUIÇÃO-ANO DE CONCLUSÃO	ESPECIALIZAÇÃO/INSTITUIÇÃO-ANO DE CONCLUSÃO	ANOS DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA
P1A	47	Pedagogia p- Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)- 2010	Psicopedagogia Clínica e Institucional -Faculdade Evangélica Cristo Rei (FACCREI) - 2012	13
P1B	52	Pedagogia p- Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)- 2006	Psicopedagogia Clínica e Institucional -Faculdade Evangélica Cristo Rei (FACCREI) - 2011	27
P2A	45	Pedagogia p- Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)- 2006	Educação Infantil - Faculdade Evangélica Cristo Rei (FACCREI) - 2014	26
P2B	58	Pedagogia- Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - 1994	Psicopedagogia Clínica e Institucional - Faculdade Evangélica Cristo Rei (FACCREI) - 2014	21
P3A	38	Pedagogia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - 2009	Gestão Escolar com ênfase em -Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC) - 2015	13
P3B	34	Pedagogia - Instituto Superior de Educação (ISE) - 2017	Psicologia Institucional e Clínica- Sociedade de Ensino Superior de Educação São Judas Tadeu (ISESJT) - 2019	2

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de dados fornecidos pelas professoras.

Com exceção de P3B, as demais professoras participaram das formações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), do SOMA - Pacto pela Alfabetização na Paraíba e do Integra Educação Paraíba. Atualmente, todas participam do programa Alfabetiza Mais Paraíba.

Quando questionadas sobre terem vivenciado algum momento de contação de histórias na infância, as professoras destacaram o seguinte: P1A relatou que na Pré-escola teve uma professora que costumava contar histórias para a turma e que apenas nesse espaço tinha momentos de contação de histórias; P1B disse que nunca vivenciou momentos de contação de histórias na escola, a sua mãe era quem contava histórias para ela, não eram histórias infantis, eram histórias de Trancoso; já P2A relatou que vivenciava a contação de histórias inventadas pela mãe, enquanto P2B se encantava com as histórias de Trancoso, também contadas pela mãe; P3A, por sua vez, afirmou que vivenciou experiências de contação de histórias propiciadas pelo pai e pelas professoras dos anos iniciais e P3B destacou que quem contava histórias para ela eram suas avós, porém não eram histórias infantis, mas histórias que elas vivenciaram.

2.4 Geração de dados

Antes de adentrarmos no campo da nossa pesquisa, buscamos um encontro com a Secretária Municipal de Educação, explicamos nosso intuito com a pesquisa e solicitamos o apoio para que pudéssemos desenvolvê-la, a qual recebeu a nossa proposta com entusiasmo e se colocou à disposição para o que precisássemos. Na sequência, de posse do termo de anuência, marcamos um encontro com a gestora e as professoras da escola, detalhamos os objetivos da pesquisa, bem como a metodologia que iríamos utilizar para realizá-la, e convidamos as mesmas a participarem conosco da mesma. Elas aceitaram, mas pontuaram que estavam com dificuldades de um apoio para planejarem, pois estavam sem coordenação pedagógica há aproximadamente um ano.

Deixamos em evidência que elas não eram obrigadas a participar, mas caso aceitassem e, em algum momento da pesquisa, quisessem desistir, não haveria problemas, bem como garantimos o sigilo identitário delas. Ambas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). Posteriormente, nos encontramos com as professoras para coletarmos

informações sobre a formação delas, bem como sobre o tempo de serviço de cada uma.

Foram realizadas três etapas para a geração de dados, no período de maio a julho de 2024. A primeira etapa consistiu na observação participante, que se iniciou em 02 de maio e foi até 26 de julho, três dias por semana, duas turmas por dia, como fora acordado com as professoras, durante três meses. No entanto, no mês de junho, tivemos que parar as observações devido ao recesso escolar, retomando-as no início de julho.

Para Minayo (2011), “a técnica da observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (2011, p. 59). Com ela, buscamos verificar com que frequência aconteceram contações de histórias nas turmas, se as professoras contaram histórias para as crianças durante o período de observação, que concepções de contação elas adotaram. Observamos, também, quais os lugares onde as contações aconteciam, se as professoras se caracterizavam para contar, quais critérios utilizavam para as escolhas das histórias e se as histórias eram exploradas de alguma forma após a contação.

De acordo com Gil (2008), a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. O roteiro de observação pode ser encontrado no APÊNDICE E.

Realizamos 61 observações no total, sendo 12 na turma de P1A, 11 na turma de P1B, 10 na turma de P2A, 10 na turma de P2B, 9 na turma de P3 A e 9 na turma de P3B. Ver no quadro 5, a seguir:

Quadro 7 – Observações realizadas para identificar o trabalho com a literatura infantil em sala de aula

Encontro	turma	Evento
02/05 (primeiro momento)	P1A	

		Leitura do poema O trabalhador
02/05 (segundo momento)	P1B	Leitura do texto Profissões Especiais
03/05 (primeiro momento)	P1A	Contação da história A cigarra e a formiga
03/05 (segundo momento)	P1B	Leitura do poema Pontinho de vista
06/05 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto a estrelinha do mar
06/05 (segundo momento)	P2B	Leitura do texto Toda mãe é uma fada
08/05 (primeiro momento)	P3A	Leitura do texto O monstrinho medonho
08/05 (segundo momento)	P3B	Leitura da história A cigarra e a formiga
09/05 (primeiro momento)	P1B	Leitura do texto Se as mães fossem iguais
09/05 (segundo momento)	P1A	Leitura da Parlenda Em cima do piano
10/05 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto a Borboleta azul
10/05 (segundo momento)	P2B	Leitura do texto Se as coisas fossem mães
13/05 (primeiro momento)	P3A	Não houve
13/05 (segundo momento)	P3B	Não houve
14/05 (primeiro momento)	P1A	Leitura da história O monstro das cores
14/05 (segundo momento)	P1B	Não houve
15/05 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto Alice no país das maravilhas
15/05 (primeiro momento)	P2B	Não houve
17/05 (primeiro momento)	P3A	Leitura do texto A família
17/05 (segundo momento)	P3B	Leitura do Poema As borboletas
20/05 (primeiro momento)	P1A	Não houve
20/05 (segundo momento)	P1B	Leitura do poema Leilão de jardim
22/05 (primeiro momento)	P2A	Contação dramatizada da história A galinha Ruiva
22/05 (segundo momento)	P2B	Não houve
		Leitura do poema Bolhas

24/05 (primeiro momento)	P3A	
24/05 (segundo. momento)	P1A	Leitura do poema A casa e seu dono
27/05 (primeiro momento)	P1B	Leitura do texto A casa e o seu dono
27/05 (segundo momento)	P3B	Não houve
29/05 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto A primavera da lagarta
29/05 (segundo momento)	P2B	Leitura do texto Os três porquinhos
31/05 (primeiro momento)	P1A	Leitura do poema A casa e o seu dono
31/05 (segundo momento)	P3B	Contação da história Chapeuzinho vermelho
03/06 (primeiro momento)	P1B	Contação de histórias O monstro das cores
03/06 (segundo momento)	P3A	Leitura do texto Meio ambiente
04/06 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto A tempestade passou e o amor ficou
04/06 (segundo momento)	P2B	Leitura do texto Arraiá da floresta
06/06 (primeiro momento)	P1A	Leitura deleite Fogo no céu
06/06 (segundo momento)	P1B	Não houve
11/06 (primeiro momento)	P3A	Leitura do texto Noite de São João
11/06 (segundo momento)	P3B	Leitura do cordel Festa junina
13/06 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto O casamento matuto dos animais
13/06 (segundo momento)	P2B	Contação de histórias O gato xadrez
14/06 (primeiro momento)	P3A	Leitura do texto O aniversário na sala de aula
14/06 (segundo momento)	P3B	Leitura do texto O aniversário na sala de aula
15/07 (primeiro momento)	P1A	Leitura da história João e Maria
15/07 (segundo momento)	P1B	Leitura da história João e Maria
17/07 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto O circo
17/07 (segundo momento)	P1A	Leitura da história João e Maria

18/07 (primeiro momento)	P2B	Leitura do texto Os três porquinhos
18/07 (segundo momento)	P3A	Leitura da história Chapeuzinho vermelho
19/07 (primeiro momento)	P3B	Contação de histórias improvisadas
21/07 (primeiro momento)	P1A	Leitura da história João e Maria
21/07 (primeiro momento)	P1B	Leitura da história João e Maria
23/07 (segundo momento)	P2A	Não houve
23/07 (primeiro momento)	P2B	Não houve
24/07 (primeiro momento)	P3A	Leitura do texto Super Amigos
24/07 (segundo momento)	P3B	Leitura do texto O patinho feio
25/07 (primeiro momento)	P1A	Leitura do texto As borboletas
25/07 (segundo momento)	P1B	Leitura do poema Leilão de Jardim
26/07 (primeiro momento)	P2A	Leitura do texto O elefante xadrez
26/07 (segundo momento)	P2B	Leitura do texto O elefante xadrez

Fonte: Produção da autora

Na segunda etapa, realizada de 22 a 26 de julho, foram analisados os Planos de Aula das professoras, com o intuito de verificar se nesses planos havia atividades de contação de histórias e, se sim, qual a frequência com que elas aconteciam.

Realizamos a análise documental dos planos de aulas das 6 professoras, totalizando 61 planos. Desses 61 planos analisados, só encontramos 6 eventos de contação, sendo 1 na turma de P1A, 1 na turma de P1B, 2 na turma de P2B, 1 na turma de P3A e 1 na turma de P3B. Nos planos de P2A, não encontramos nenhum evento de contação de histórias. Observamos também, 45 eventos de mediação de leitura e 10 momentos nos quais, não houve contação de histórias, nem mediação de leitura.

Na terceira e última etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas com as professoras com o intuito de obter informações sobre quais são as

experiências delas com contação de histórias quando crianças, que importância elas atribuem ao contar histórias, dentre tantos outros aspectos pontuados no Roteiro de Entrevista disposto no APÊNDICE D. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas nos dias 12 e 15 de julho deste ano. A entrevista semiestruturada é aquela que começa com alguns questionamentos básicos, que se baseiam em teorias e hipóteses relevantes para a pesquisa e que, posteriormente, abrem espaço para novas perguntas que surgem à medida que se percebe as respostas do entrevistado. (Triviños, 1987).

2.5 Procedimentos de análise dos dados

Neste capítulo, realizamos a análise dos dados obtidos na nossa investigação através da observação participante de 6 eventos de contação, da análise documental (planos de aula) e das entrevistas realizadas.

Utilizamos o procedimento de triangulação de dados para consolidarmos as conclusões a respeito do fenômeno investigado, a partir de informações obtidas nas entrevistas realizadas com os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na análise documental (planos de aula) dos professores entrevistados e na Observação Participante das aulas dos referidos professores.

A triangulação é descrita por Denzin, Lincoln e Netz (2007) como uma ferramenta para assegurar a compreensão em profundidade do fenômeno em estudo, pois compreendem que é impossível captar objetivamente a totalidade dos fenômenos. Desse modo, a triangulação aparece como uma alternativa para a validação de representações da realidade em investigação. De acordo com esses autores, assim como para Flick (2009), em uma mesma investigação, o uso da triangulação de fontes de evidência, métodos, perspectivas e observadores aumenta a qualidade da pesquisa à medida que lhe atribui mais rigor, complexidade e profundidade.

A técnica de triangulação proposta por Triviños (1987) difere das demais, pois propõe uma triangulação por meio de diferentes níveis de análise que compõem um mesmo fenômeno. Para o autor, a técnica de triangulação

[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. (Triviños, 1987, p. 38).

Diante disso, o autor propõe que a coleta e análise de dados sobre um determinado tema ou sujeito abordem três níveis distintos: (i) os processos e produtos centrados no sujeito; (ii) os elementos produzidos pelo meio em que o sujeito se encontra inserido; e (iii) os processos e produtos originados pela estrutura social, econômica e cultural do macro-organismo social do sujeito, aqui relacionados principalmente ao modo de produção vigente, suas forças e relações de produção (Triviños, 1987).

Utilizamos a Análise de Conteúdo como metodologia de trabalho. Essa análise refere-se a

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (Bardin, 2011, p. 42)

A análise de conteúdo tem um vasto campo de aplicação, oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. Com essa análise, estuda-se o dito, o não dito e o silêncio. Esse método de análise destaca 4 etapas principais: Organização da análise, Codificação, Categorização e Inferência.

Conforme os procedimentos destacados acima, elaboramos o quadro a seguir, onde buscamos correlacionar objetivo de pesquisa, instrumentos de pesquisa, categorias e subcategorias de análise.

Quadro 8: Objetivo de pesquisa, procedimentos de geração de dados e categorias de análise.

OBJETIVO	PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS	CATEGORIAS
----------	-----------------------------------	------------

Investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.	Observação participante	As concepções de professoras sobre o contar histórias na escola
	Análise dos planos de aula Entrevistas	As práticas das professoras quanto ao trabalho com a contação de histórias

No capítulo a seguir, realizamos a análise dos dados obtidos na nossa investigação através da observação participante de 6 eventos de contação de histórias, da análise documental (planos de aula) e das entrevistas realizadas e, com isso, buscamos atingir os nossos objetivos da pesquisa.

3. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo, buscamos, através das análises realizadas, investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.

Buscando atingir o objetivo de nossa pesquisa e com base na discussão teórica que defendemos, realizamos a análise de dados a seguir, organizada em duas seções: 1) As concepções de professoras sobre o contar histórias na escola e 2) As práticas das professoras quanto ao trabalho com a contação de histórias.

3.1 As concepções de professoras sobre o contar histórias na escola

Iniciamos por analisar as respostas das professoras à entrevista, que revelaram suas compreensões sobre a contação de histórias na escola. Em um primeiro momento, perguntamos sobre a importância de contar as histórias e os objetivos dessa prática quando desenvolvida por elas.

Quadro 9: Importância e objetivos da Contação de histórias

1) Qual a importância da contação de histórias? Com quais objetivos você utiliza a contação de histórias com seus alunos?
<i>É importante para desenvolver a oralidade e a criatividade da criança em sala de aula. Com o objetivo para eles despertarem o interesse pela leitura e assim, de folhear um livro, pegar. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>É muito importante porque a gente, ali a gente está aprendendo outras histórias, ficam lembrando assim pra gente. E também, com relação para as crianças também é muito importante. Assim, para umentar mais os conhecimentos das crianças, pra memória deles, para eles prestarem atenção. (P1B, grifo nosso)</i>

Assim, é importante porque a **gente sempre viaja**, né? Nas histórias, **é como se a gente fizesse parte, como se fosse um personagem**. E também incentiva para a gente **despertar o gosto**, né? O **prazer pela leitura**. É isso. Assim, o objetivo **de despertar o gosto pela leitura**, é, a criança que lê, ela também, não só a criança, todos que lê, né? Fala bem, escreve bem, né? Se expressa também, muito bem. Então, **é muito importante a leitura na escola**. (P2A, grifo nosso)

Ah, é muito importante, né? Para a criança principalmente, para nós professores e para a criança, pois **desenvolve o senso crítico, desenvolve a leitura, desenvolve a escrita**. A criança vai **perder um pouco da timidez**, porque hoje a gente vê muitas crianças tímidas. (P2B, grifo nosso)

É muito importante porque faz com que a criança, ela, tenha uma **imaginação** melhor, **se aproprie melhor da linguagem**. Tenha **interesse na leitura, na escrita**. Justamente para isso, para melhorar a linguagem oral, o interesse deles por leitura, por textos, livros. (P3A, grifo nosso)

Eu acho que ela ajuda **na imaginação, no desenvolvimento, e na aprendizagem**. É muito rica a contação da história. Eu utilizo para o desenvolvimento deles na **oralidade**, que é uma contação de história. **Na oralidade, na escrita e interpretação textual**. (P3B, grifo nosso)

Quando analisamos as respostas das professoras no que se refere à importância da contação de histórias na escola, bem como aos objetivos apontados, percebemos que as seis professoras consideram importante o trabalho com a contação de histórias na escola como apontam no quadro acima, embora justifiquem diferentemente tal importância, com argumentos como o desenvolvimento da oralidade, da atenção, da criatividade, do senso crítico e do gosto pela leitura. Tal posicionamento vai ao encontro do posicionamento de Assis (2012), quando aponta que a contação de histórias pode contribuir com o desenvolvimento intelectual das crianças, pois elas podem estimular o interesse pela leitura e incentivar a imaginação, por meio da

construção de imagens interiores, bem como dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, personagens e ações narradas.

Em relação aos objetivos que as professoras consideram importantes atingir com a contação, encontramos enfoques diferenciados.

P1A destaca o desenvolvimento da oralidade e da criatividade. Em relação ao objetivo, cita o despertar o interesse pela leitura e o incentivo do contato das crianças com os livros. Aqui, percebemos que a professora aponta duas concepções de contação de histórias, a Intersubjetiva, vista como reafirmação da condição humana, que se expressa por diferentes linguagens, focando na oralidade e na criatividade, e a concepção de Incentivo à Leitura, pois, busca instigar as crianças a criarem o gosto de ler textos literários, a partir de histórias contadas, concepções de contação de histórias abordadas por Santos e Oliveira (2021).

P1B foca, por sua vez, enfatiza a importância de se conhecer novas histórias a partir da contação e prioriza como objetivos ampliar o conhecimento das crianças, trabalhar a memória e a atenção. Esse posicionamento da professora aponta para um trabalho com a contação de histórias focado na Concepção de Contação Intersubjetiva, pois, a partir dessa relação contador e ouvinte pode ocorrer apropriação de conhecimento, memorização da história ou de fatos isolados que aconteceram na história, mas também indica o enfoque na atenção, pois para compreender a história é preciso estar atento. Vamos ao encontro do que a professora defende acerca do contar histórias, pois acreditamos que quanto mais histórias escutamos, mais aumentamos nosso repertório de histórias.

P2A, na mesma direção, destaca a importância da contação de histórias, pois ela permite que as crianças realizem viagens no mundo da fantasia, do imaginário, a partir do momento em que assumem os papéis dos personagens. Ela aponta para a contação na perspectiva Intersubjetiva. Esse posicionamento converge com o que defende Abramovich (1999), quando diz que é através da história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica.

Já P2B aponta que a contação de histórias na escola é importante porque desenvolve o senso crítico, a leitura e a escrita, e que as atividades voltadas para a contação têm por objetivo que as crianças vençam a timidez,

já que muitas delas sofrem com esse problema. Na fala da professora, pudemos perceber a presença de quatro concepções de contação histórias: a intersubjetiva quando ela aponta o desenvolvimento do senso crítico, a educativa, quando destaca o desenvolvimento da escrita, a de incentivo à leitura quando pontua o desenvolvimento da leitura e a terapêutica, quando foca na perda da timidez.

P3A considera a contação de história importante para o trabalho com a imaginação e apropriação da linguagem, o que aponta para a concepção Intersubjetiva de contação, também destaca a concepção de Incentivo à leitura e sinaliza para a concepção Educativa quando aponta a escrita como objetivo da contação. Também P3B aponta a concepção de contação de história intersubjetiva, quando diz que a contação de histórias contribui com a imaginação e com o desenvolvimento cognitivo da criança. Pontua ainda a concepção educativa quando destaca a influência dela na aprendizagem das crianças. Logo, para essa professora, contar histórias tem como objetivos desenvolver a oralidade, a escrita e a interpretação textual.

Diante do posicionamento das professoras, podemos perceber que geralmente elas não apontam exclusivamente apenas para uma concepção de contação de histórias, ou seja, há momentos em que duas ou mais concepções se entrelaçam nas falas delas, no entanto, percebemos a predominância das concepções de contação de histórias nas perspectivas Intersubjetiva, Educativa e de incentivo à leitura, em relação às demais em suas falas.

No que diz respeito às escolhas e aos critérios para escolher as histórias a serem contadas, as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 10: Escolhas das histórias a serem contadas pelas professoras

2) Quais as histórias que você gosta de contar para seus alunos e quais critérios você utiliza para escolhê-las?

*Esse ano a gente já contou várias, **Chapeuzinho Vermelho**, a gente fez a contação de poemas também. Agora há pouco, **João e Maria**, o conto [...] escolho ou um livro que chama a atenção deles que eles pegam num*

cantinho da leitura e pedem para a gente ler naquele dia da aula. **Ou alguma criança traz um livro de casa**, como uma trouxe Branca de Neve e os Sete anões, que **ela trouxe para a gente fazer a leitura em sala**. A escolha do aluno ou do professor. (P1A, grifo nosso)

São histórias infantis, contos, fábulas. Porque é mais fácil para as crianças entenderem tipo **poema**, essas assim que a gente, que eles ficam mais atentos, atenção, que a gente acha melhor para a criança, pra eles compreenderem mais a história. (P1B, grifo nosso)

É diferentes tipos de histórias, como **fábulas, contos, histórias infantis e poemas**, são diferentes gêneros. Para escolhê-las, eu sempre **procuro aquela história que tem a ver com o que estou trabalhando na sala de aula**, né? Aí então conto para eles e a gente **faz uma roda de conversa** e a gente discute sobre a história lida e principalmente, aquela **que traga alguma mensagem para o nosso dia a dia**, que a gente possa utilizar no nosso dia a dia. (P2A, grifo nosso)

Gosto de contar mais **contos infantis**. Por que eles gostam mais dos contos? Que têm aquelas histórias mirabolantes, né? Chapeuzinho, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, A Bela e a Fera. Eles gostam assim. Eles gostam. Eles querem ver o final. (P2B, grifo nosso)

Histórias infantis, poemas, esse tipo de história [...] Escolho levando em consideração autor, as ilustrações, os temas. (P3A, grifo nosso)

Eu gosto de contar **histórias infantis**. Eu gosto que eles tenham uma imaginação de um mundo imaginário, de um **mundo mágico**, né? **E também gosto de contar as fábulas**, que as fábulas sempre **têm uma moral da história pra eles entenderem o que acontece no final**. (P3B, grifo nosso)

Em relação às escolhas das histórias a serem contadas, as professoras destacaram que priorizam contos, fábulas, poemas narrativos e outras histórias

infantis. Algo que nos chamou a atenção foi a escolha de poemas para a contação de histórias, no entanto, vale ressaltar que alguns poemas apresentam a trama narrativa, como, por exemplo, O menino azul (Cecília Meireles), O gato xadrez (Bia Villela), A casa e seu dono (Elias José), dentre tantos outros, o que justifica a escolha das professoras por esse gênero, quando pretendem contar uma história.

No que diz respeito aos critérios de escolha das histórias, P1A não apontou nenhum critério específico para a escolha, só afirmou que quem escolhe as histórias às vezes é ela e, outras vezes, os alunos. Tal informação revela que a docente considera para as escolhas também o gosto e o interesse de seus alunos, o que é um aspecto positivo, à medida que respeita a voz e as escolhas das crianças. Nessa direção, P1B afirma também priorizar as histórias que prendem a atenção das crianças no momento da contação e que elas gostem de ouvir.

P2A, por outro lado, revelou preferir a escolha de histórias que passem alguma mensagem, que tenham utilidade no dia a dia e com as quais as crianças possam estabelecer relação. Esse posicionamento é reforçado por (STOCKER,2022) quando aponta que as histórias devem propor vivências do cotidiano familiar das crianças. Logo, ao ouvir uma história, as crianças relacionam o que é narrado com suas vivências e buscam encontrar meios e recursos para lidar com situações, emoções e conflitos.

Já P2B diz priorizar a seleção de contos para os momentos de contação, porque as crianças gostam e querem saber o que ocorre ao final de cada história. Crianças que vivenciam experiências literárias abrem portas para que elas possam experimentar ricas interações que relacionam questões subjetivas, como alegria, tristeza, tranquilidade, criatividade e anseio. Zilberman (1994) destaca que as crianças podem vivenciar passeios por lugares mágicos, povoados por poderosos reis, rainhas belíssimas, príncipes valentes, fadas bondosas, bruxas malvadas, gnomos, animais falantes, duendes que gostam de ajudar, meninos espertos e garotas curiosas e tantos outros personagens, os quais convidam as crianças a vivenciarem incríveis aventuras que aguçam a criatividade e o imaginário. Nas histórias contadas, é notório muitas vezes a presença do bem e do mal, especialmente

nos contos de fada. Também, há vários obstáculos a serem superados, daí surgem as possibilidades de escolha para alcançar a vitória.

P3A utiliza como critério de escolha das histórias a serem contadas aspectos como o autor, as ilustrações e os temas e foca em contar histórias infantis e poemas narrativos. Considera, dessa forma, critérios com o conhecimento da qualidade dos trabalhos dos autores, assim como as temáticas de interesse infantil e a qualidade das ilustrações, aspectos relacionados à dimensão artística das obras a serem lidas.

P3B, por seu lado, gosta de contar histórias infantis e fábulas, destacando a moral a ser explorada. Sobre a utilização das fábulas para trabalhar a moral, Brandão e Rosa (2016) criticam a escolha de histórias exclusivamente com o foco moralizante, pois, segundo elas, pode deixar de propiciar à criança o encontro com clássicos da literatura que abordam dramas, assim como sentimentos humanos fundamentais. Elas também destacam que priorizar apenas histórias curtas e com vocabulário conhecido pelas crianças limita o repertório de histórias, podendo deixar de fora excelentes histórias. Acreditamos que é importante que as crianças tenham contato com os mais variados tipos de histórias, que possam transitar em diferentes enredos, que tanto possam se identificar com eles como também descobrir o novo, as novas aprendizagens, a partir de cada história.

Percebemos que o posicionamento de algumas professoras acerca da escolha das histórias diverge do que é defendido por algumas estudiosas da área. Stocker (2022), por exemplo, defende que a escolha das histórias a serem contadas deve ser feita conforme a faixa etária do ser humano.

Brandão e Rosa, por outro lado (2016), apontam a qualidade da história como um critério significativo para escolhê-las, destacando alguns indicadores como: o aspecto intertextual (a relação de narrativa escrita e narrativa visual), a sensibilização dos leitores/ouvintes, a fortuna crítica (buscar a opinião de especialista, leitores e contadores) e qualidade estética do texto verbal. A respeito dessa escolha, Giradello (2014) sinaliza que:

No fim das contas, quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem! Como numa corrida de revezamento, a criança de uma geração recebe uma tocha e atravessa a vida carregando-a acesa na profundidade da memória para entregá-la à

criança que espera ansiosa na próxima curva do caminho.
(GIRARDELLO, 2014, p. 19)

Logo, para a autora, o professor é o principal responsável pela seleção das histórias na escola, no entanto, não é a pessoa adulta que escolhe as histórias e sim, a criança que habita aquele adulto, uma criança repleta de memórias, que busca cultivar o papel das histórias na vida do ser adulto, partindo de suas memórias. Portanto, escolher uma história para ser contada não é uma tarefa fácil e requer discernimento, sem deixar de ouvir a nossa criança interior.

Sobre a caracterização do contador de histórias, as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 11: Caracterização do contador de histórias

3) Você considera importante a caracterização do(a) contador(a) de história? Por quê? Você se caracteriza para contar histórias?
<i>Sim, pelo menos um adereço, um chapéu, uma blusa, algum acessório diferente. Que chama a atenção da criança e caracteriza sim o personagem principal. Ou não, né? Pode ser um chapéu de bruxa para trabalhar aquela história ou um de fada. Depende do contexto da história [...] às vezes me caracterizo, nem todas, porque às vezes não dá tempo. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Com certeza. É muito importante, é muito importante [...] não, eu tenho vontade de me caracterizar, mas na hora eu fico um pouco tímida (risos). (P1B, grifo nosso)</i>
<i>Acho muito importante, muito bonito [...] não. Sinto essa dificuldade. Como eu disse, não fui trabalhada na minha infância, né? Aí eu sinto uma dificuldade, mas eu acho muito bonito e com certeza chama muita atenção da criança. (P2A, grifo nosso)</i>
<i>É, acho muito importante, mas nem sempre a gente tem condições de se caracterizar porque tem gastos [...] E nem sempre a gente pode. Já me</i>

*caracterizei, ainda tenho roupa de Chapeuzinho Vermelho, da turma do Sítio do Picapau Amarelo. Nós temos. **Nós fizemos a dramatização.** (P2B, grifo nosso)*

***Sim, porque cria mais expectativa nas crianças.** Às vezes me caracterizo. (P3A, grifo nosso)*

***Eu acho muito importante. Gosto muito de me caracterizar quando eu vou fazer a contação de histórias. Mas nem sempre a gente tem material adequado para todas as histórias.** (P3B, grifo nosso)*

Quando questionadas se consideram importante a caracterização do contador para contar uma história, as seis professoras afirmaram que sim. P2A ressaltou que o contador caracterizado chama mais atenção das crianças e P3A enfatizou a expectativa que esse contador causa em quem vai ouvir histórias. Acerca da caracterização do contador de histórias, Busatto (2013) destaca que os contadores de história da atualidade utilizam roupas coloridas, adereços diversos e, muitas vezes, se caracterizam com um personagem ou uma personagem da história que irão contar, despertando uma maior atenção dos ouvintes.

Das 6 professoras, P1B e P2A disseram não se caracterizar para contar histórias, uma por ser tímida e a outra, porque nunca teve a caracterização como uma realidade em sua infância. P1A relatou que se caracteriza, mas nem sempre e a justificativa que ela usa é a falta de tempo.

P2B e P3B, por sua vez, apontam os gastos com os figurinos, bem como a impossibilidade de criar figurinos para cada história a ser contada, como empecilhos para que sempre se caracterizem para contar histórias. Durante as observações dos eventos de contação, apenas P3A e P3B se caracterizaram para contar histórias, utilizando um avental. Acreditamos que a caracterização do contador é muito importante porque atrai a atenção da criança, mas é preciso ter cuidado com exageros, pois a figura do contador não deve ser maior

que a história. Quando ao contarmos uma história utilizamos roupas muito coloridas, com muitas informações, corremos o risco comprometer a atenção de quem está participando da contação, ou seja, desviamos nossa atenção da história para quem está contando a história, para sua vestimenta, seus adereços e isso pode deixar a história em segundo plano, quando, na verdade, ela deve sempre estar em primeiro plano.

Sobre o papel da contação de histórias, para ampliar o contato com os livros literários, as professoras fizeram os seguintes comentários:

Quadro 12: A contação de história e sua influência na ampliação do contato das crianças com o texto literário.

4) Você considera que a contação de história pode estimular as crianças a buscarem por outras histórias nos livros literários infantis, ampliando, assim, seu contato com eles?

Sim, porque depois que eu comecei a ler todos os dias, desde o início do ano, eles vão sempre no cantinho da leitura, no final da aula ou no final de outras atividades, pegar livros pra ler, folhear, mesmo sem saber ler eles vão observando as imagens e a gente também para um pouquinho e conta com eles. (P1A, grifo nosso)

Considero, considero sim. É muito importante essa história nos livros literários, porque também eles procuram buscar ler através disso aí. Eles procuram ler, tentar ler, pelo menos através das imagens, né? Meus alunos ainda não ler texto, nem texto, nem frase, mas eles tentam buscar, eles estão interessados na leitura. Eles pedem para levar para casa a leiturinha, o livrinho de leitura. (P1B, grifo nosso)

Sim, com certeza eles têm que ler, porque cada dia mais que você tá lendo, você vai despertando o gosto pela leitura e quando você vai despertando aquele gosto, aquele prazer pela leitura, então você vai buscando leituras diferentes, né? Histórias diferentes, para que você possa ler cada dia mais. (P2A, grifo nosso)

<p>Sim, através de outros livros, através de textos, estimula a contação. <i>Em casa mesmo mando, mando relatos para os pais contarem para eles em casa e para eles no outro deles virem contar aqui para gente, o que aconteceu, como foi. Tem pai que vem contar a história com filho aqui. Os que não sabem ler ainda, os pais vêm contar com eles e assim sucessivamente.</i> (P2B, grifo nosso)</p>
<p>Com certeza. <i>Porque elas vão criando o gosto pela leitura e ficam curiosas para aprender outras histórias.</i> (P3A, grifo nosso)</p>
<p>Sim, sim, <i>porque quando eu conto uma história, eles já ficam curiosos pra saber qual vai ser a próxima história que eu vou contar. Isso faz com que eles tenham uma curiosidade de querer mais um pouco, saber um pouco mais de outras histórias.</i> (P3B, grifo nosso)</p>

Quando questionadas sobre a possibilidade de a contação de histórias estimular as crianças a buscarem por outras histórias nos livros literários infantis, as professoras responderam positivamente à questão. Esse posicionamento das professoras vai ao encontro do que é defendido por Silva e Silva (2019), ao afirmarem que nas atividades em que prioriza o trabalho com a oralidade, há de fato o funcionamento da palavra, que pode contribuir com a formação do ouvinte, do contador, do leitor, do escritor, pois o aluno é conduzido a despertar para a história, sonhando, visualizando a narrativa, tornando-se narrador de texto novo, resultando, assim, na formação de um aluno contador e um contador leitor.

Acreditamos que a prática de contar histórias pode ser desenvolvida na educação como estratégia para contribuir para a formação leitora, pois consideramos que na formação do leitor são de grande relevância atividades que exercitem a escuta e o reconto e o interesse pelos textos. Entendemos que, ao contarmos uma história, estamos não só contribuindo para a formação de leitores, mas fortalecendo a diversidade cultural, valorizando as etnias e a nossa ancestralidade, mantendo a vivacidade e a perpetuação das histórias, encantando e sensibilizando o ouvinte, estimulando o imaginário, tocando o

coração, alimentando o espírito, curando e resgatando significados para nossa existência. (STOCKER, 2022).

3.2 As práticas das professoras quanto ao trabalho com a contação de histórias

Aqui trazemos o posicionamento das professoras sobre suas práticas de contação de histórias durante a entrevista, bem como abordamos 6 (seis) eventos de contação observados durante a pesquisa, confrontando as declarações das professoras com os dados provenientes dos eventos observados por nós.

Os eventos de contação de histórias apresentados contemplam as histórias: A cigarra e a formiga, uma adaptação do texto de Esopo, na turma de P1A; O monstro das cores, de Anna LLenas, na turma de P1B; A galinha ruiva escrita, de Elza Fiúza, e Chapeuzinho Vermelho, uma adaptação do conto escrito por Charles Perrault e os Irmãos Grimm, na turma de P3A; o poema narrativo O gato xadrez, de Iza Mara Landus, na turma de P2B; bem como a história improvisada O mundo encantado, na turma de P3B. Ver histórias contadas nos ANEXOS A, B, C, D, E e F.

Com relação à priorização das histórias, as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 13: Priorização de histórias a serem contadas

1) Quando você decide contar uma história, prioriza as repassadas através da oralidade ou também faz uso do livro impresso?
<i>Do livro e áudio para prender a atenção deles. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Eu faço bastante a leitura da história sobre livros impressos e também da oralidade. A gente trabalha mais o livro do que a oralidade. (P1B, grifo nosso)</i>

<i>Também faço uso do livro impresso. (P2A, grifo nosso)</i>
<i>Faço uso do livro impresso também. (P2B, grifo nosso)</i>
<i>Faço uso também do livro impresso. (P3A, grifo nosso)</i>
<i>Eu faço. Eu uso os 2 tipos, a oralidade e o livro. Porque assim eles vão ter um conhecimento tanto de figuras do que aconteceu na história, no livro. E na oralidade, eles vão aprender a desenvolver o, falar, o agir. (P3B, grifo nosso)</i>

Quando questionamos as professoras se, ao contarem histórias, priorizam as repassadas através da oralidade ou também se usam o livro literário infantil, todas apontaram que realizam contação tanto de histórias repassadas por meio da oralidade, mas também contavam utilizando o livro impresso. P1A destacou também a utilização de áudios de histórias.

Consideramos importante trabalhar tanto com as histórias repassadas oralmente quanto com as histórias escritas nos livros, pois ambas proporcionam atos de acolhimento do outro. O interessante dessa arte é que, quando o livro é utilizado para uma contação de história, a leitura, que na maioria das vezes pode acontecer de forma solitária, se transforma em um ato coletivo. Fleck e Cunha (2017) apontam que:

A palavra escrita, usualmente, serve de matéria-prima ao narrador, que lhe oferece uma nova roupagem para que possa ser transmitida oralmente. A forma oral, por sua vez, confere à palavra novos significados e produz novas formas de narratividade.

No que se refere à contação de histórias utilizando os livros, observamos nos eventos dos quais participamos que as professoras confundem o contar histórias utilizando o livro com o mediar a leitura de histórias. Quando contamos uma história utilizando o livro, fazemos isso sem ler a história como está escrita

no mesmo, mas conforme o que compreendemos da história. Já mediar a leitura de histórias é diferente, precisamos ler a história da forma que ela aparece no livro, considerando todos os seus aspectos visuais e escritos.

Ao longo da nossa pesquisa, observamos 61 (sessenta e um) eventos nos quais a literatura infantil foi enfatizada na sala de aula, porém apenas 6 (seis) foram eventos de contação de histórias de fato. As histórias contadas, como já citado, foram: A cigarra e a formiga, O monstro das cores, A galinha ruiva, O gato xadrez, Chapeuzinho Vermelho e o Mundo Encantado, os demais foram eventos de mediação de leitura. As professoras realizaram muitos eventos de mediação de leitura, achando que estão contando histórias na sua essência. Das 6 histórias contadas, apenas a “O mundo encantado” não estava na forma escrita, presente nos livros, ou seja, foi uma história criada pela professora juntamente com seus alunos no momento da contação. Ver transcrição da história no anexo F. As outras cinco histórias são histórias que circulam na forma escrita.

A seguir apresentamos algumas imagens de mediações de leitura observadas:

Imagem 10 – Mediação da leitura O casamento matuto dos animais, na turma de P2A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 11 – Mediação da leitura João e Maria, na turma de P1B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 12 – Mediação da leitura A primavera da lagarta, na turma de P3A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Bortolin e Almeida Júnior (2007) nos ajudam a compreender melhor essa diferenciação, ao observarem que o mediador de leitura é a pessoa responsável por aproximar o leitor do texto, é o facilitador da relação livro-leitor. Ele tem em suas mãos a oportunidade de conduzir o leitor a descobertas infinitas. Ao se fazer uma mediação de leitura, deve-se manter a fidelidade do

texto, não podendo alterar, suprimir ou inserir informações, enquanto, nas contações de histórias, o contador pode fazer uso da sua criatividade e realizar adaptações e modificações, conforme a necessidade.

Contar uma história usando a narrativa oral ou realizar a leitura de uma história utilizando o livro em mãos como suporte são ações distintas também no que diz respeito aos impactos que produzem nas crianças (STOCKER, 2022). Sobre esses impactos acreditamos que ao ouvir uma história lida por alguém, a criança vai desenvolvendo o comportamento leitor. Elas passam a conhecer o portador e seus elementos, como o texto e as imagens, e elas passam a distinguir o estilo de cada autor, etc. Já em relação às histórias contadas, cremos que elas impactam as crianças por contribuírem com a ampliação do repertório da cultura oral, por permitir uma comunicação mais pessoal e emotiva entre contador e ouvintes.

Logo, acreditamos que as duas práticas são importantes, podem incentivar a fantasia que desperta o universo literário na infância, incentivando o desenvolvimento do potencial crítico e criativo.

Com relação à frequência da atividade de contar histórias, as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 14: Inserção da contação de histórias nos planos de aulas

2) Com que frequência a contação de história é inserida em seu plano de aula?
<i>Todos os dias têm a leitura deleite. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Todos os dias, é diariamente na rotina, todos os dias trabalho as historinhas. Eu não me caracterizo, porque, eu não sou bem chegado a essas coisas não, eu sou um pouco tímida, (risos) aí eu só faço ler a historinha, aí às vezes eu uso outros instrumentos. (P1B, grifo nosso)</i>
<i>Todos os dias. Todos os dias a gente tem que é principalmente, no início da aula, com a leitura deleite. Quando a gente vai trabalhar, por exemplo,</i>

um conteúdo, a gente parte de um texto, de uma história ou de um poema. (P2A, grifo nosso)

*Aqui agora é assim, é difícil esse ano aqui, tá mais difícil a gente inserir a **contação de história, porque a gente não tem um suporte**. A nossa coordenadora afastou-se já faz mais de ano e assim fica a critério da gente. Como a gente tem uma sala de aula com 25 alunos para alfabetizar, **a contação de história é importante sim, mas a gente tem muitas cobranças, aí, deixa a contação de história de lado por achar que tem que dar os conteúdos**, que as crianças aprendam a ler e a escrever [...] a gente trabalhou muita contação de história, na pandemia. A gente fazia aquelas aulas em vídeos, aulas ao vivo. E tivemos um suporte muito bom da nossa coordenadora. E a gente trabalhava a contação de histórias semanalmente. (P2B, grifo nosso)*

*Diariamente tem a **leitura de leite**, então, todos os dias têm leitura para as crianças. (P3A, grifo nosso)*

Quinzenalmente. (P3B)

Ao questionarmos as professoras sobre a frequência com que elas inserem a contação de histórias em suas aulas, P1A, P1B, P2A e P3A, assim como na questão anterior, confundem contar histórias com mediar a leitura de histórias, nesse caso, com a mediação da leitura “deleite”, ou seja, a prática de ler com o objetivo de provocar a fruição do texto. Segundo elas, inseriam a contação de histórias nos planos de aula diariamente, quando na realidade, nos planos de aula de P1A, P1B e P3A verificamos apenas um evento de contação e nenhuma nos planos de P2A. Os demais eventos que apareceram nos planos delas eram mediações de leitura.

P2B destaca que a contação de histórias acontece raramente em sua sala de aula, pois ela sente falta de suporte da coordenação pedagógica, pois, durante as observações, a escola não contava com esse profissional. Ela relatou que é muito cobrada para alfabetizar as crianças, deixando a contação um pouco de lado para focar nos conteúdos. Durante o período de observação,

não só essa professora falou sobre as cobranças atribuídas a elas, como as demais também concordaram com a colega de profissão, destacando além da cobrança para alfabetizar todas as crianças da turma, os treinos de Fluência que fazem com as crianças, e necessidade de inserção dos resultados das provas oficiais, aluno por aluno, na Plataforma do CAED (Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação). Essa inserção de dados, muitas vezes, é realizada em casa, fora do seu expediente de trabalho, dentre tantas outras tarefas.

Ouvir essas queixas nos fez refletir sobre o posicionamento de Teixeira (1996) acerca do trabalho do professor. Ela diz que “o professor é o único profissional que leva trabalho para casa”. Segundo ela, muitos professores reclamam de estarem se sentindo sufocados com tantas tarefas burocráticas atribuídas a eles. Essas tarefas invadem suas casas, sugando vorazmente uma parte de seu tempo, tempo esse que poderia ser dedicado a outras atividades, como vivenciar momentos com as famílias, realizar atividades de lazer, praticar atividades físicas, dentre tantas outras, ou desfrutar de tempo ocioso.

P2B relatou ainda que, durante a pandemia, no período em que foram canceladas as aulas presenciais, trabalhava com a contação semanalmente mediante vídeos e aulas ao vivo. Foi um tempo em que se contou muitas histórias virtualmente, pois essa contação prendia a atenção das crianças em frente às telas do celular. Isso nos remete a um terceiro tipo de contador de histórias, o contador virtual, que conta as histórias no ciberespaço. Voltando aos tipos de contadores, podemos destacar um terceiro tipo, os contadores virtuais, que se articulam através da interferência direta de um navegador, como vemos bastante nas redes sociais. As histórias que, anteriormente, permaneciam nas mentes das pessoas agora estão armazenadas na memória física de um computador, de um telefone celular ou de um tablet. Nesse sentido, é preciso considerar que aspectos como memória, tempo, espaço e recepção na contação virtual são ressignificados.

Muitos são os contadores que realizam as contações nas redes sociais atualmente.

P3B, por seu lado, disse inserir a contação de histórias quinzenalmente em suas aulas, no entanto, presenciamos apenas um momento de contação durante nossa estadia na escola.

Durante as observações, percebemos uma certa confusão de algumas professoras em ter bem definido o que é contar histórias e o que é mediar a leitura de uma história. Reiteramos que contar histórias e mediar a leitura de histórias são ações diferentes. No ato de narrar uma história, há uma comunicação visual direta e bem próxima entre a criança e quem conta a história. Já, quando se lê uma história, há o estabelecimento de uma relação permeada de emoção que possibilita à criança realizar a associação da leitura a um momento de comunicação prazerosa com quem lê a história. Consideramos que tanto a leitura mediada quanto a contação de histórias são importantes ferramentas que podem e devem ser exploradas nas escolas, no entanto, são atividades distintas.

Quanto às dificuldades sentidas pelas professoras no planejamento de situações de contação de história, obtivemos as respostas a seguir.

Quadro 15: Dificuldades para planejar situações de contação de histórias

3) Você sente dificuldades em planejar atividades que trabalham a contação de histórias? Em caso afirmativo, quais são as dificuldades que você destaca?

*Não, porque pega a história, em cima da história **pode trabalhar a partir do título da história**. Dalí, você pode tirar para trabalhar a **sílaba, as vogais, outras palavras que se iniciam com aquela palavra, como chapeuzinho vermelho, o ch**. Trabalha a ortografia. Dependendo da história, também pode se trabalhar até a matemática. (P1A, grifo nosso)*

*Não, assim, às vezes eu sinto sim, mas tem, tem momento que não, mas você sente. **A gente para trabalhar contação de história, tem que estar preparada, tem que planejar. E às vezes também tem que se caracterizar**. E nesse momentinho, aí é o momento que eu sinto dificuldade, que é no momento de caracterização. (risos) (P1B, grifo nosso)*

*Não, **planejar a atividade eu não sinto tanta dificuldade**, não. Assim, o que **eu não tenho é muito o hábito de contar aquela história dramatizada**, entendeu? Essa eu sou um pouco..., tenho um pouco de dificuldade de dramatizar a história, **mas de preparar as tarefas, não.** (P2A, grifo nosso)*

***Sim, já porque a gente não é acostumado a trabalhar.** A gente não é acostumado, a gente não tem aquela planilha, de você trabalhar, como você trabalhar, é, um objetivo, entende? **Não temos aqueles objetivos de trabalhar a contação de histórias, a gente trabalha solta.** A dificuldade que eu sinto é exatamente me sentar, e ver, e olhar que objetivo eu vou passar para aquelas crianças, é, desenvolver algo, é, em cima daquela história que eu vou contar. Porque **não adianta contar uma história e não repassar nada, né? Tem que contar e ficar algo, a criança aprender algo daquela história.** (P2B, grifo nosso)*

***Não muita, porque a gente lê o livro e trabalha em cima daquele tema que a gente leu. Explora o livro, a interpretação, leitura oral, a linguagem oral, interpretação escrita.** (P3A, grifo nosso)*

Sim, muitas vezes pela falta dos materiais, né? Que procuramos às vezes para fazer uma contação de história bem-feita. Precisamos de muitos, muitos materiais e às vezes não temos. É uma fantasia, um material concreto para eles entenderem o que está acontecendo na história. Aí, **muitas das vezes a gente se detém só ao livro por conta da falta de imateriais.* (P3B, grifo nosso)*

Quando questionadas se sentiam dificuldades de planejarem atividades que envolvam a contação e, em caso afirmativo, quais seriam essas dificuldades, as professoras se posicionaram de formas diferentes. P1A disse não sentir dificuldades, no entanto, percebemos que ela confundiu o planejar a atividade de contação em si com atividades para explorar a história contada. Ela destacou explorar o título da história, vogais, sílabas, formação de palavras

que aparecem na história, ortografia e, em algumas situações, até noções da matemática.

Durante as observações, notamos que ela planejou sim a contação realizada em sua turma, criou cenário, ensaiou com as crianças, pois a contação observada na sala dela foi realizada pelas crianças, confeccionou material sozinha e alguns momentos com as crianças, organizou o espaço e delimitou o tempo da contação. A contação ocorreu na forma de dramatização (Contação como Performance) realizada pelas crianças. A narração foi gravada na voz da professora.

P2A também destaca que não sente dificuldades em preparar tarefas que explorem a história, assim como P1A, mas que sente dificuldade em preparar atividades para dramatizar a história. Realmente, durante as observações, não presenciamos nenhum evento de contação, indicando que, possivelmente, a professora tem dificuldade para realizá-la.

P3A também segue o mesmo pensamento de P1A e P2A, ou seja, o planejar apontado por elas foca em atividades que sucedem à contação, com foco educativo e não em planejar o evento de contação em si. P3A reforça em sua fala a não diferenciação entre contar histórias e mediar histórias, quando utiliza o livro literário.

P1B, por outro lado, aponta um meio-termo em relação ao planejar atividades de contação. Ela disse não ter dificuldade em planejar a contação de histórias, mas sentir dificuldades para se caracterizar durante a contação. Ao observarmos a contação da história “O monstro das cores”, realizada em sua sala, verificamos que houve uma preocupação com a escolha da história para trabalhar as emoções das crianças, ou seja, a história foi utilizada como pretexto para atingir o objetivo da professora. Vimos também que ela estudou a história, incluiu os alunos no evento, mas sentimos falta de uma preparação do espaço.

Assim como P1A, pudemos observar que a professora planeja atividades de contação onde as crianças contam as histórias, pois a professora demonstra timidez para contar. Ela reforça a importância de se preparar para contar histórias, de planejar de fato.

Stocker (2022) aponta requisitos importantes para a contação que possa propiciar o contato prazeroso da criança com a narração: sentir, viver a história; narrar com naturalidade, utilizando vocabulário adequado ao público; conhecer muito bem o enredo; dominar o interesse do público-alvo, escolhendo as histórias de acordo com a sua faixa etária; falar com voz adequada, clara e agradável; não exagerar nos gestos; ser original fazendo adaptações, usando a inventividade; ser espontâneo, contando de forma dramática; conhecer o ambiente da contação com antecedência, para identificar potencialidades e interferências; usar roupas discretas, pois a história é quem tem de chamar a atenção do público; buscar olhar nos olhos dos ouvintes e evitar movimentos repetitivos e exagerados.

Compactuamos com o que é defendido pela autora, pois, acreditamos que, para que as histórias possam chegar até as crianças, é preciso considerar o modo como são levadas até o sujeito, uma vez que o contar histórias não é algo simples, fácil de fazer. Para se contar histórias, é preciso que anteriormente haja um bom planejamento, é necessário pensar em um ambiente convidativo e aconchegante, dar atenção especial ao suspense e à surpresa, bem como à emoção. O enredo e os personagens precisam ganhar vida e, com isso, para se conseguir tocar o coração e enriquecer a leitura de mundo de cada ouvinte/participante. Além disso, o contador de histórias deve conhecer muito bem a história que irá contar, para contá-la de modo seguro.

P2B e P3B dizem sentir dificuldades de planejar atividades de contação. A primeira sugere a falta de objetivos definidos para trabalhar a contação e planejar a partir deles. No período de observação em sua sala, ela reclamou da falta de momentos para a realização de planejamento, pois, estavam sem coordenação. Já P2B destaca a falta de materiais para planejar as atividades de contação em sua turma.

Contudo, pudemos constatar uma variedade de materiais lúdicos na escola, tanto na sala das outras professoras quanto no Cantinho da Leitura, espaço coletivo da escola. Observamos materiais diversos para contação, como fantoches, dedoches, sombrinhas, aventais, maletas, latas de histórias, lousas magnéticas, caixas, baús e tantos outros. Acreditamos que o que falta de fato é um planejamento para trabalhar com esses materiais. Durante os 6

eventos de contação, nenhuma das professoras se caracterizou para contar histórias, bem como as crianças que participaram das contações.

Também é preciso oferecer condições favoráveis para que a contação aconteça de forma satisfatória, sem interferências. Diante disso, os autores que destacam o planejamento da contação reforçam a necessidade de o docente atentar para os momentos que antecedem a contação, assegurando-se de que as crianças estão alimentadas e não necessitam ir ao banheiro. Caso contrário, são fatores que podem prejudicar a contação. Sobre esse assunto, Stocker (2002, p. 62-63) destaca alguns pontos que precisam de atenção e planejamento quando se decide contar uma história, são eles:

1. Verificar o local, o horário e as acomodações.
2. Conhecer o público a que se destina e ter o dom de encantar e dominar a plateia.
3. Conhecer o enredo com absoluta segurança.
4. Narrar com naturalidade, com voz clara e expressão viva.
5. Enfatizar os pontos emocionantes da história por meio das variações de tonalidade da voz e pausas oportunas.
6. Sentir/ Viver a história, emocionando-se com a própria narrativa.
7. Não romper com o fluxo da narrativa com conselhos e explicações.
8. Não perder o fio da meada quando estiver fazendo uso do livro ou outro elemento ilustrativo.
9. Tirar partido de pequenos incidentes, sem interromper a história.
10. Evitar tiques e cacoetes.
11. Tratar o ouvinte com simpatia e camaradagem, sem adotar um ouvinte predileto.
12. Não demonstrar irritação com a presença de ouvintes desinteressados ou irrequietos.
13. Chegar ao desfecho sem apontar a moral ou aplicar lições.
14. Estar aberto para comentários após a narrativa.

Creemos que planejar a atividade de contação é essencial para que ela aconteça eficientemente, e um dos pontos primordiais é que o contador conheça muito bem a história que será contada, observando se ela é coerente e adequada ao público ouvinte. Independentemente de onde a contação vai acontecer, precisa ser planejada. Contar uma história em um espaço como a sala de aula é totalmente diferente de contar histórias em um ginásio, uma praça ou uma festa de aniversário, por exemplo. Muitos são os fatores que podem atrapalhar o bom andamento da contação, como não conhecer profundamente a história, não conhecer um pouco do público para quem vai contá-la, não se preocupar em delimitar o tempo, não se preocupar com o local onde a história será contada, dentre outros. Logo, se o contador desconhecer esses fatores e não se planejar para minimizá-los, a contação pode não acontecer a contento.

No que diz respeito ao conhecimento sobre a história contada, as professoras apresentaram as respostas a seguir.

Quadro 16: Estudo da história a ser contada

<p>4) Você realiza um estudo sobre a história a ser contada? Em caso afirmativo, o que é importante focar nesse estudo?</p>
<p><i>Leio antes, pesquiso as atividades antes para ver se está adequada para a turma e, também assim, para ver se traz alguma mensagem para trabalhar valores. Eu foco assim, valores, para falar com eles. Para socializar, também, que a história, trago para a realidade deles, comparando o dia a dia com a história, família, união, essas coisas. Dependendo da história e do assunto que seja tratado dentro da história. (P1A, grifo nosso)</i></p>
<p><i>Realizo, sim. Porque às vezes a gente, a gente, professor, sente dificuldade quando vai ler a historinha, quando vai. Assim, de acordo com as conversas que tem, a fala da dos personagens, aí a gente tem que ler bastante, porque senão, na hora, nem as crianças entendem o que é que a gente está lendo, no momento. (P1B, grifo nosso)</i></p>
<p><i>Sim, eu acho que a gente deve, primeiramente ler a história, entender e analisar o que ela quer passar para gente. E depois a gente vai contar para o aluno obedecendo a pontuação, a entonação. Tudo isso porque é para ele entender de uma forma clara. (P2A, grifo nosso)</i></p>
<p><i>Com certeza. O enredo da história, é, os personagens. Os personagens são muito importantes porque a criança quando ouve uma história, ela já quer saber como é que vai ser o final, quais são os personagens da história? E a gente trabalha. (P2B, grifo nosso)</i></p>
<p><i>Sim, o autor e o tema. (P3A, grifo nosso)</i></p>

Sim, com certeza. Eu tenho que fazer o estudo, eu tenho que fazer a leitura da história, porque para passar para as crianças, eu tenho que estar sabendo o que está acontecendo naquela história. Os acontecimentos, o que acontece na história. Eu vou e vejo o que eu posso mudar para contar de um jeito que eles possam entender. (P3B, grifo nosso)

Em relação à realização de estudos das histórias a serem contadas e o que é importante focar nesse estudo, todas as professoras entrevistadas afirmaram que realizam estudos sobre elas. P1A afirma que ler a história antes e que também pesquisa atividades adequadas para a turma e que foca o estudo nos valores trazidos na história, buscando aproximá-la da realidade das crianças, que trabalhem família e união. Na sala de P1A observamos o evento de contação da história A cigarra e a formiga. A contação foi realizada por duas crianças da sala, uma interpretava a cigarra e a outra a formiga. Percebemos que houve um estudo da história por parte da professora, bem como uma preparação para as crianças dramatizarem a história contada por ela através da gravação de um áudio.

Na turma de P1B, observamos o evento de contação da história “O monstro das cores”. Nesse evento, a professora utilizou o livro como suporte durante a contação e 7 alunos representaram os monstros da história com fantoches. De acordo com ela, é preciso ler bastante a história antes, para que faça uma boa leitura para as crianças, de modo que ela compreenda o que foi lido. Observamos que ela de fato conhecia bem a história, ela não mediou a leitura, mas contou a história utilizando as imagens dos livros e os fantoches como suporte.

P2A considera importante ler a história, analisar a mensagem que ela transmite para depois contar para os alunos, obedecendo à “pontuação” e à entonação, para que as crianças entendam de forma clara. Novamente, a professora confunde mediar a leitura de uma história com contar uma história. Na turma de P2A não observamos nenhum evento de contação de histórias.

P2B diz que é importante estudar o enredo da história e os personagens. No entanto, nos dois eventos de contação observados na sua turma, um com a história A galinha ruiva e o outro com o poema narrativo O gato xadrez,

observamos que ela não tinha muita segurança para realizar as contações sem o apoio do texto escrito, recorrendo aos mesmos quando necessário.

Na turma de P3A observamos a contação da história Chapeuzinho Vermelho. A professora considera essencial estudar o autor e o tema, no entanto, se mostrou insegura para contar a história e recorreu ao livro para contar a parte da história na qual o lobo adentra a casa da vovó. Estudar o autor foi algo que nos chamou a atenção, pois apenas essa professora focou nesse aspecto. Mas será realmente importante estudar o autor de uma história que iremos contar? Girardello (2014) afirma que sim. Ela diz que o professor não pode esquecer de falar sobre o autor ou a autora da obra, ou o contexto no qual aprendeu a história, precisa respeitar a autoria dos contos literários, proporcionar às crianças e adultos experimentação técnica e subjetiva para recriar histórias oralmente. Na concepção da autora, o professor pode abrir clareiras na sala de aula a partir de uma história contada. Isso seria como iluminar um bosque escuro, seria tornar a sala de aula um lugar de encontro e de luz.

P3B, por seu lado, afirma que é importante estudar a história a ser contada para conhecer a história e ver a melhor forma de contar para seus alunos, de modo que eles compreendam. Ela foca nos acontecimentos ao longo da história, atentando para como pode contá-los para que se tornem mais compreensíveis. Na turma dessa professora vivenciamos o evento de contação da história O mundo encantado. Esse evento de contação prezou pelo imprevisto. Apesar de não haver uma história a ser estudada, a professora se apoderou do material com antecedência para conhecê-lo melhor e planejar a contação, material este composto por um quadro magnético e figuras de personagens e objetos também magnéticos. Também foi interessante observar que a professora, apesar de não ter utilizado uma cantiga ou um formulete para iniciar a história, foi a única que planejou um formulete para finalizar a história. O formulete utilizado foi o seguinte: *essa história entrou pela porta e saiu pela janela, batam palmas para ela.*

Precisamos considerar que, na contação de histórias, a palavra contada apresenta particularidades e, ao decidirmos contar uma história, precisamos conhecer essas particularidades. A história precisa ser esmiuçada, “mastigada”

e estudada a fundo para ser contada com eficiência. Matos (2009, p. 4) afirma que “A palavra contada não é simplesmente falada”. Ela é carregada de significados expressos por elementos, como o gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando-se ao discurso, integra-se a ela. “O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjugação harmoniosa de todos esses elementos.”

Durante os momentos de observação, notamos que P1A e P1B realizaram um estudo mais aprofundado das histórias. P2B e P3A precisaram de suporte do texto escrito para contarem algumas partes das histórias citadas anteriormente. P3B por trabalhar com uma história improvisada, não teve como estudá-la, mas buscou explorar o material que seria usado na contação com antecedência, enquanto P2A, embora não tenha contado nenhuma história, conhecia muito bem a história que seria lida na turma. Observamos também que, quando foi realizada pelas professoras, os gestos, o ritmo, a entonação e expressão facial, as pausas, os silêncios eram mais explorados do que quando as histórias eram contadas pelas crianças. Isso é totalmente normal, devido à timidez delas.

Quanto aos instrumentos usados como suporte para a contação, as professoras responderam:

Quadro 17: Instrumentos utilizados como suporte para contar histórias

5) Você utiliza instrumentos/ objetos como suporte para realizar contações de histórias? Se sim, que instrumentos/objetos são esses e como você tem acesso a eles?
<i>Utilizo. Eu gosto de confeccionar os palitos que é mais simples pra a contação, os dedoches também, eles mesmos as vezes criam o próprio desenho para contar a história. Também, produzo com eles, para eles também ter a oportunidade de construir. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Utilizo dedoches. A latinha de leitura também que eu trabalho. Palitoches também. Confecciono, consigo também com uma amiga minha, que é</i>

professora também, que a gente trabalha a mesma série, aí a gente trabalha, aí procuro com ela, ela procura comigo e eu gosto de confeccionar também, porque já fico guardadinho, no momento que a gente precisa, já tem. (P1B, grifo nosso)

Às vezes a gente utiliza a lata, a **lata da leitura, a caixa da leitura. Produzidos por nós mesmos**. Eu mesmo que produzo. (P2A, grifo nosso)

Sim, utilizo principalmente **os aventais** que a gente confecciona em cima da historinha que a gente vai contar. **Caixa de leitura, Maleta da Leitura**. A gente. A gente tem que usar alguma coisa para fazer a contação de história, porque senão não chama a atenção da criança. A gente confecciona na escola ou paga para confeccionar. (P2B, grifo nosso)

Às vezes sim, como tem todos os dias, a gente não, não planeja todos os dias nesse sentido. Mas, tem uns dias que a gente planeja utilizando **caixa de leitura, sacola, lata, avental** e por aí vai. **A escola às vezes tem, os colegas de trabalho também. A gente confecciona**. (P3A, grifo nosso)

Eu utilizo o **livro didático**, como eu já falei. Às vezes eu utilizo materiais que eu confecciono, como um **avental, uma caixa da leitura, a lata da leitura**. Sempre que posso **eu tento fazer o possível para mostrar o concreto**. Eu confecciono, **avental, lata e às vezes eu pego dos colegas** que sempre disponibilizam uma caixa, um material. (P3B, grifo nosso)

Acerca da utilização de instrumentos/objetos como suporte para realizar contações de histórias, as seis professoras afirmaram utilizar. Elas compreendem a importância da utilização de objetos/instrumentos para enriquecer a contação, o que vai ao encontro do que é defendido por Néri (2022), quando ressalta a importância da presença de cores no ambiente e de objetos para compor o espaço, pois isso desperta sensações em quem ouve a história, aguçando a sua imaginação.

De acordo com P1A, ela utiliza palitoches e dedoches, desenhos confeccionados por ela e pelas crianças com seu auxílio. Observamos na sala da referida professora outros materiais de contação de histórias confeccionados por ela, a exemplo de cenários com casas e personagens e maquetes com personagens. Na contação da história, a cigarra e a formiga, ela utilizou um painel feito com um cavalete de madeira, TNT e E.V.A, para representar o milharal, a réplica da frente de uma casa feita de isopor, cartolina e E.V.A, um pequeno violão, um casco e um prato, como podemos ver na imagem abaixo:

Imagem 13 – Contação da história A cigarra e a formiga na turma de P1A



Fonte: Acervo da pesquisadora

P1B afirmou utilizar dedoches, lata de leitura (que também pode servir como lata de contação, na medida que fazem uso das imagens presentes na lata para contar a história). Essa professora possui muitas habilidades manuais. Ela dispõe de muitas latas de histórias em sua sala. Apesar da timidez para contar histórias, ela estimula os alunos a o fazerem. Ela também toma material emprestado com P1A sempre que precisa e ela tem disponível. Na contação de “O monstro das cores”, realizada em sua turma, ela utilizou, além do livro de histórias, fantoches representando os monstros da narrativa, como podemos ver nas imagens abaixo:

Imagem 14 – Contação da história O monstro das cores na turma de P1B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

P2A disse utilizar caixas de leitura e latas de leitura produzidas na escola em parceria com as colegas. Nos momentos de observação em sua turma, percebemos que ela estava organizando maletas literárias para cada aluno. No entanto, o foco de utilização das maletas era na leitura e não na contação, bem como nas atividades que iam dentro das maletas explorando as histórias. Há muitas possibilidades de uso das maletas, inclusive a de contar histórias, desde que para isso haja um bom planejamento.

P2B, por sua vez, afirmou utilizar aventais, caixa de leitura e maleta de leitura. Ela diz que, para adquirir esses materiais, confecciona ou paga para alguém confeccionar. Nos momentos em que estivemos em sua sala, observamos vários materiais de contação que ela encomendou e pagou por eles, como aventais, casa, luvas, dentre outros. Na contação da história “A galinha ruiva”, a professora utilizou um painel de TNT com duas árvores e fantoches dos personagens da história: a galinha, 3 pintinhos, o gato, o cachorro, o pato e o porco. No poema narrativo “O gato xadrez”, ela utilizou uma caixa contendo imagens dos gatos, personagens da história. Essas imagens continham o texto referente a cada personagem escrito no verso. Ver imagens abaixo:

Imagem 15 – Contação da história A galinha ruiva na turma de P2B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 16 – Contação da história do poema narrativo O gato xadrez na turma de P2B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

P3A disse utilizar como suporte para contar histórias objetos como: caixas, sacolas, latas e aventais disponíveis na escola ou confeccionados por ela. Presenciamos a contação da história em sua sala, quando utilizou um avental da história e o livro. No entanto, o livro era utilizado de fato como suporte para a contação, ou seja, ela não lia a história tal qual estava escrita no livro. Apenas, quando o lobo conseguiu entrar na casa da vovó, a professora recorreu ao livro para dar continuidade à contação. Ver imagem abaixo:

Imagem 17 –Contação da história Chapeuzinho Vermelho na turma de P3A



Fonte: Acervo da pesquisadora.

P3B pontuou que gosta de contar histórias fazendo uso de material concreto. Disse utilizar aventais, caixa de leitura e maleta de leitura como suporte para contação. No evento de contação da história “O mundo encantado”, realizado pela referida professora, foi utilizado um painel magnético e figuras magnéticas, como montanhas, dinossauros, casas, nuvens, rinoceronte, pássaro, vulcão, peixe e mapa, para criar a história de forma improvisada, como podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 18- Contação da história improvisada O mundo encantado na turma de P3B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Geralmente, em relação a esses materiais, ela confecciona, usa os disponíveis na escola ou pede emprestado às colegas.

Há uma variedade de objetos/instrumentos que podem ser utilizados nas contações, desde um simples pedaço de papel a objetos mais elaborados. Busatto (2012) afirma que

Um simples lenço poderá ser muito versátil [...] Além de ser um objeto de uso pessoal que você poderá estar usando naquele instante, ele irá brincar com o imaginário. No momento oportuno, irá indicar o vento soprando, uma flor desabrochando, uma pena caindo, um barco navegando, uma criança crescendo. (BUSATTO, 2012, p. 77).

O modo de contar uma história pode utilizar diversos recursos (bonecos, tecidos, teatro de sombra, avental, objetos variados, máscaras, etc.), como elementos poéticos e estéticos da cena. Esses materiais são valiosos, pois incentivam o acesso a narrativas de diferentes formas. Se tomarmos como exemplo a história Chapeuzinho Vermelho, podemos contá-la fazendo uso de diversos elementos como: avental, luvas, palitoches, tapetes, sombrinhas, painéis, nos quais podem aparecer vários personagens da história, bem como cenário, mas também contar a história utilizando apenas um pedaço de tecido vermelho, que representa tanto a capa, quanto o vestido da personagem principal. A utilização desses elementos contribui para despertar a imaginação dos ouvintes de formas diferentes.

No que diz respeito aos espaços para contar histórias, as professoras apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 18: Espaços para contar histórias

6) Que características um espaço adequado para contar histórias deve ter? Quais espaços você utiliza para contar histórias com seus alunos?

Silêncio primeiro, é para a criança se sentirem bem. Uma sala acolhedora e sim, um cantinho adequado para eles sentarem e se sentir bem aconchegantes. Agora no momento, como tem na escola o Cantinho da Leitura, já vim pra a sala da leitura com eles para fazer uma contação, apresentação de fantoche, e o pátio as vezes, mas a maioria das vezes é na sala de aula. (P1A, grifo nosso)

É um espaço bem colorido, tipo cantinho da leitura. Mas sabe no momento que é na sala de aula, a gente também tem que preparar a sala de aula para a leitura, para contar historinha. E quem gosta também, deve

se caracterizar. Esse momento é bem importante que chama bastante atenção as crianças na hora da leitura, da historinha. (P1B, grifo nosso)

Eu acho que primeiramente **deve ser um canto, um lugar assim, é, que tem silêncio**. É um lugar onde, principalmente, eu acho muito legal embaixo de **uma árvore**. Um lugar que seja adequado para que a gente possa se voltar totalmente para **aquela leitura**, se concentrar totalmente **na leitura**. Eu utilizo mais **a sala de aula** mesmo. Utilizado também a sala da leitura. (P2A, grifo nosso)

Deve ser colorido, com bastante material, letras e figuras. Que seja um ambiente calmo. Além da minha **sala de aula**, eu utilizo o **Cantinho da leitura**. (P2B, grifo nosso)

Um ambiente **harmonioso, ventilado, de preferência que as crianças consigam ficar em roda**. Utilizo a **sala de aula**, o **pátio** e a **sala de leitura**. (P3A, grifo nosso)

É um **espaço alegre, cheio de figuras, de coisas que encantem as crianças**. Que chamem a atenção delas. Na maioria das vezes utilizo minha **sala de aula** mesmo, mas tem o **pátio da escola** também, que a gente utiliza como **contação de história**. A **sala da leitura da escola**, eu já comecei a utilizar também, que antes estava desativada, mas agora foi reativada. Então a gente está utilizando a sala de leitura. (P3B, grifo nosso)

Em relação a como deve ser um espaço adequado para contar histórias e quais espaços as professoras utilizam para realizarem contações, P1A pontuou que o espaço deve ser silencioso e acolhedor. Ao presenciarmos a contação da história “A cigarra e a formiga” em sua sala, pudemos perceber que, de fato, ela buscou manter a sala em silêncio para que os alunos prestassem atenção à história e trouxe elementos dela que enriqueceram o espaço, a exemplo do painel representando o milho, a casa, representando a moradia da formiga, o violão, a comida e o casaco. Em relação à organização

das crianças para ouvir a história, elas permaneceram em suas cadeiras, nas quais sempre se sentam durante as aulas.

P1B destacou que esse ambiente deve ser colorido. No entanto, não observamos nenhum preparo do ambiente para que a contação da história “O monstro das cores acontecesse”. As mesas da sala de aula são dispostas no formato de U e, assim, permaneceram durante a contação. O colorido que pudemos perceber foi apenas nos fantoches dos personagens da história.

Já P2A enfatiza que o espaço tem que ter silêncio e que acha legal que a contação aconteça em uma árvore. Apesar do posicionamento da professora, não identificamos nenhum evento de contação de histórias na sua sala e, nos momentos de mediação leitora observados, os mesmos sempre aconteceram na sala de aula, com os alunos dispostos em fila indiana.

P2B afirma que o ambiente deve ser colorido e ter bastante material como letras e figuras. Quando estávamos no período de observação em sua turma, pudemos constatar que realmente ela preza por um ambiente com cores alegres. Para a contação da história “A galinha ruiva”, que aconteceu no pátio da escola, a professora colocou um painel com duas árvores simbolizando um cenário no campo. Já a contação do poema narrativo “O gato xadrez” aconteceu na sala de aula. Enquanto a professora realizava a contação, os alunos ficaram sentados em suas cadeiras. O espaço da sala de aula é muito colorido e contém muitos elementos para a realização de contação de histórias. Ver na imagem abaixo alguns elementos que podem ser utilizados para contar histórias:

Imagem 19 – Elementos de P2B que podem ser utilizados para contar histórias



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A contação realizada na sala de aula ocorreu tranquilamente, no entanto, a contação realizada no pátio da escola, contada por alguns alunos da turma para os demais alunos da escola, teve muita interferência e a professora precisou intervir várias vezes, devido ao fato de as crianças conversarem e circularem no espaço. Daí a gente percebe como é importante atentarmos tanto para o espaço quanto para o público que participará da contação, pois espaço muito aberto e com um público grande pode acabar interferindo negativamente no momento de contar história, desviando a atenção do público. A seguir, pudemos observar os dois espaços utilizados pela professora para realizar as contações que observamos:

Imagem 20 – Contação de história A galinha ruiva, realizada no pátio da escola pelos alunos de P2B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 21 – Contação do poema narrativo O gato xadrez, realizada na sala de aula por P2B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

P3A diz que o lugar deve ser harmonioso e ventilado e que as crianças devem ficar dispostas em uma roda. Contudo, na contação de “Chapeuzinho Vermelho”, a professora manteve os alunos na sala de aula em fila indiana, não havendo nenhuma mudança no espaço.

P3B, por seu lado, afirmou que um ambiente adequado para contar histórias deve ser alegre, cheio de figuras e de coisas que encantam. A contação da história “O mundo encantado”, realizada pela professora juntamente com sua turma, ocorreu no espaço de leitura da escola. Esse espaço é bem colorido, com tapetes, teatro de fantoches, fantoches, livros de literatura infantil, dedoches, fantasias, dentre outros elementos que podem ser utilizados na contação. É realmente um espaço atrativo para as crianças devido à presença de elementos lúdicos, no entanto, o espaço é pequeno para comportar uma turma de 25 alunos, como podemos ver na imagem abaixo:

Imagem 22 – Contação da história O mundo encantado, realizada na sala de leitura da escola por P3B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em relação aos espaços utilizados para contar histórias para os alunos, as professoras apontaram o cantinho de leitura da escola, as salas de aula e o pátio. P2A destacou também que é interessante contar histórias embaixo de uma árvore, mas não visualizamos nenhum evento de contação na sua turma. No período em que estivemos observando as práticas das professoras,

verificamos que dos 6 eventos de contação analisados, 4 (quatro) aconteceram nas salas de aula, 1 (um) no Cantinho de Leitura da escola e 1 (um) no pátio.

Néri (2022) reforça que alguns contadores reúnem seu público em rodas, assim como os povos antigos faziam em volta das fogueiras. Ela destaca que há aqueles contadores que contam histórias em ambientes com pouca luz, utilizando uma simples luminária no centro da roda de contação. Ela reforça a importância de preparar o cenário que traga encantamento e da presença de cores no ambiente e de objetos para compor o ambiente no intuito de provocar sensações de equilíbrio, tranquilidade no público. Como exemplo, ela destaca o cheirinho do café, que pode nos transportar para a casa de nossos avós.

Quanto aos procedimentos adotados após a contação de histórias, as professoras responderam:

Quadro 19: Procedimentos adotados após a contação de histórias

7) Após a finalização da contação de uma determinada história, você adota algum procedimento? Em caso afirmativo, justifique.
<i>Questões, fico questionando, instigando-os para saber como foi a história. Até mesmo quando está no meio da história, eu paro a história, digo o que vai acontecer agora? Já para ir estimulando-os, para imaginar o que vem, o que poderá acontecer na história, a seguir. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Realizo os estudos do texto, oral e escrito também. Atividade, bastante atividade, tipo, a gente faz uma sequência, dependendo da historinha que a gente fica trabalhando na sala de aula. (P1B, grifo nosso)</i>
<i>Sim, a roda de conversa, e a discussão sobre o texto. Faço perguntas relacionadas ao texto. Para que? Para ver se eles realmente entenderam o que a história passou para cada um deles. (P2A, grifo nosso)</i>
<i>Converso com eles sobre a contação. O que foi que eles acharam mais importante? O que foi que eles acharam da história? Os personagens e o local. Ah, com certeza. (P2B, grifo nosso)</i>

*Sim, sempre **fazemos a interpretação moral da história**, mesmo que ela **não seja trabalhada nos demais conteúdos**. (P3A, grifo nosso)*

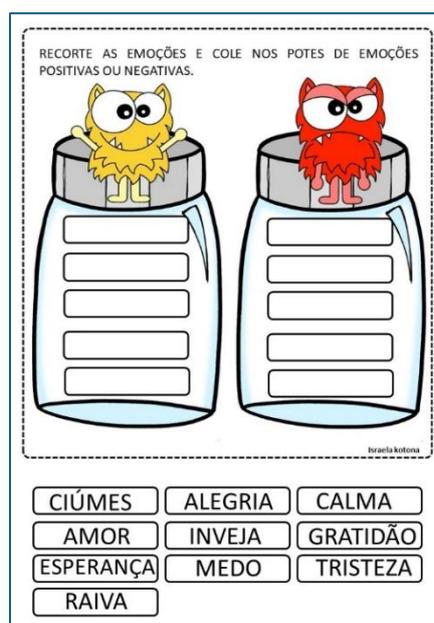
*Após a contação de história **eu levo mais para o lado de leitura, escrita, oralidade, a interpretação** daquela história que eu li. **Sempre faço o relato da história**. (P3B, grifo nosso)*

Quando perguntamos às professoras se elas adotam algum tipo de procedimento após contar uma história para seus alunos e, se sim, quais são os procedimentos adotados, todas afirmaram que sim, que realizam alguma atividade após a contação. P1A relatou que questiona as crianças, instigando-as para saber se compreenderam a história. Reforçou que, às vezes, interrompe a contação da história no meio para levantar hipóteses sobre a continuidade da história.

Após a contação da história “A cigarra e a formiga”, a professora questionou as crianças se elas gostaram da história e todas responderam que sim. Ela também perguntou sobre os personagens e o que eles acharam deles e a resposta foi que acharam legais, mas uma aluna disse que não gostou da cigarra porque ela era muito preguiçosa. Nesse momento, a professora falou sobre a preguiça, que ser preguiçoso não era legal, principalmente na escola. E que, para eles não atrasarem na realização das tarefas, era preciso deixar a preguiça de lado e finalizou focando na moral da história. Percebemos aqui um trabalho com enfoque doutrinário após a contação da história, que direciona para uma concepção de contação educativa.

P1B, por sua vez, disse que realiza o estudo do texto oral e escrito e realiza muitas atividades. Ela destaca a utilização de sequências, entendidas aqui como sequências didáticas que exploram a história contada. Diante do que foi observado na sua turma após a contação da história “O monstro das cores”, a professora realizou questionamentos sobre a história e sobre o sentimento que as crianças estavam vivenciando no momento. Na sequência, ela orientou as crianças a realizarem as seguintes atividades:

Imagem 23 – Primeira atividade realizada pelos alunos de P1B após a contação da história O monstro das cores



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Imagem 24 – Segunda atividade realizada pelos alunos de P1B após a contação da história O monstro das cores



Fonte: Acervo da pesquisadora.

P2A afirmou que, após a “contação”, realiza a roda de conversa para discutir o texto. Na turma dela, só observamos eventos de mediação de leitura e, em todos os eventos de leitura, as crianças sempre estiveram em suas cadeiras, em fila indiana e, não presenciamos a exploração das histórias lidas a partir de atividades escritas.

P2B relatou que realiza uma conversa com as crianças a respeito da história contada, procura saber o que elas acharam da história, fala sobre os personagens e sobre o local onde a história acontece. Em relação à contação da história “A galinha ruiva”, não houve discussão sobre a história, bem como também não foi realizada nenhuma atividade escrita sobre ela. Já quanto à contação do poema narrativo “O gato xadrez”, especificamente durante a contação, a professora questionava sobre as rimas que apareciam no texto. [...] *Era uma vez um gato amarelo, esqueceu de comer e ficou bem magrelo. Amarelo rima com?* [...]. Observamos que o questionamento acerca das rimas presentes no texto seguiu durante toda a contação.

Na sequência, a professora dialogou com as crianças sobre o mesmo. Durante o diálogo, uma criança questionou: *Quem disse que existe gato colorido?* A professora se posicionou dizendo que na imaginação ela tem um gato azul lindo e grandão. Aí, cada criança foi dizendo que também tinha um gato na sua imaginação e foram atribuindo características aos seus gatos. Usando a imaginação, elas apontaram diversos tipos de gato: gato brilhante, gato invisível, gato lilás, dentre outros. A respeito da imaginação, Girardello (2011) afirma que

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. (GIRARDELLO, 2011, p. 76).

P3A apontou que, após a contação de uma história, costuma fazer, juntamente com os alunos, a interpretação moral da história, buscando identificar a mensagem e os ensinamentos que a história transmite. Logo, observamos que a professora adota a concepção de Contação Educativa. Detectamos que, durante o evento de contação da história Chapeuzinho Vermelho, a discussão foi focada na desobediência de Chapeuzinho e no que isso poderia acarretar, nos malefícios dos doces para a saúde, na preocupação com as pessoas idosas, o absurdo de vovó viver sozinha, dentre tantos outros pontos discutidos. Desse modo, o texto foi utilizado como pretexto para trabalhar temáticas diversas, como as apontadas acima. A professora solicitou

que a turma realizasse uma atividade de interpretação da história e recontasse a mesma por meio de uma produção textual. Seguem abaixo as atividades propostas pela professora para sua turma após a contação:

Imagem 25 – Primeira atividade realizada pelos alunos de P3A após a contação da história Chapeuzinho vermelho

<h2>INTERPRETAÇÃO</h2>		
1- QUAL É O TÍTULO DA HISTÓRIA?	_____	
2- O QUE A MÃE PEDIU PARA CHAPEUZINHO LEVAR PARA A AVÓ?	_____	
3- QUAIS SÃO OS PERSONAGENS QUE APARECEM NO TEXTO?	_____ _____	
4- QUEM CHAPEUZINHO VERMELHO ENCONTROU NA FLORESTA?	_____	
5- O QUE O LOBO DISSE PARA A CHAPEUZINHO LEVAR PARA A AVÓ?	_____	
6- O QUE O LOBO FEZ ENQUANTO CHAPEUZINHO COLHIA FLORES?	_____ _____	
7- O QUE O LOBO DISSE QUANDO CHAPEUZINHO FALOU QUE SUAS ORELHAS ERAM GRANDES?	_____	
8- O QUE O LOBO DISSE QUANDO CHAPEUZINHO FALOU QUE SEUS OLHOS ERAM ENORMES?	_____	
9- O QUE O LOBO DISSE QUANDO CHAPEUZINHO FALOU QUE SEU NARIZ S ERA COMPRIDO?	_____	
10- QUEM SALVOU A CHAPEUZINHO VERMELHO?	_____	

Fonte: Acervo da pesquisadora.

história “O mundo encantado”, realizada no espaço do cantinho de leitura da escola. Foi um momento muito rico. Nesse evento, a professora criou a história em conjunto com as crianças utilizando placas magnéticas, bem como personagens e cenários magnéticos. Após a contação, estabeleceu-se um diálogo sobre o enredo criado e sobre os personagens, oralmente.

Imagem 27 – Momento de discussão acerca da história O mundo Encantado com a turma de P3B



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ela questionou as crianças sobre o lugar onde a história acontece, quem eram os personagens, sobre a opinião das crianças acerca da história e como poderiam mudar o final da história. Uma criança falou que seria legal se a turma ficasse no mundo, porque tudo lá é muito lindo. Outra criança disse que a turma poderia voltar para buscar a família para morar no lugar mágico. Logo após a discussão, a professora reforçou que ao criarmos uma história podemos dar vários finais a ela, é utilizar a imaginação. A professora não realizou nenhuma atividade escrita sobre a história.

Creemos que a contação pode aguçar o pensamento, as falas e opiniões das crianças, uma vez que são elas as personagens e protagonistas de sua própria história. Sempre que possível, é interessante propiciar momentos de falas e reflexões, por meio de discussões e recontos para promover interações

e socialização. Brandão e Rosa (2011) destacam que se preocupar em escolher boas histórias é interessante, mas também é necessário conduzir uma conversa produtiva sobre a história. Segundo elas, essa conversa amplia nossa possibilidade de compreensão e de apreciação das histórias, daí a necessidade da mediação por parte da professora, engajando as crianças ouvintes na atividade de construção de sentidos.

Quanto aos alunos serem estimulados a assumirem o papel de contadores de histórias, as professoras pontuaram:

Quadro 20: Os alunos como contadores de histórias

8) Seus alunos são estimulados a assumirem o papel de contadores de histórias? Se sim, explique como isso acontece.
<i>No momento, sim, estou trabalhando mais com eles. Depois da sequência didática, durante a semana, na sexta, a contação de histórias, dramatização feita pelos alunos. (P1A, grifo nosso)</i>
<i>Eles recontam oralmente, na hora da roda de conversa. (P1B, grifo nosso)</i>
<i>Assim, eu não vou dizer que são estimulados totalmente. Como eu disse, eu sempre tive essa dificuldade, mas estou lendo todos os dias. De certa forma tá estimulando eles a leitura. (P2A, grifo nosso)</i>
<i>Nem sempre, porque tem uns que não querem, tem uns que não querem de forma alguma. Mas tem uns que vão. Tem poucos que querem assumir o papel de contador. (P2B, grifo nosso)</i>
<i>Sim, quando eles levam livros para casa e têm que trazer no dia posterior, ler para as outras crianças ou apresentar o livro. (P3A, grifo nosso)</i>
<i>Sim, quando eu faço o reconto da história, quando eu peço para eles fazerem o reconto da história, eles estão envolvidos nos papéis da história. (P3B, grifo nosso)</i>



Quando questionadas se seus alunos são estimulados a assumirem o papel de contadores de histórias, P1A, P1B, P3A e P3B afirmaram que estimulam, sim, seus alunos a contarem histórias. Durante as contações, observou-se que realmente elas estimulam as crianças para que elas contem histórias. Zeni (2018) destaca o poder que as histórias possuem e que podem interferir tanto na vida de quem conta quanto na de quem ouve. As histórias ampliam a sabedoria de vida e o conhecimento de mundo, ensinam a se relacionar com o outro, a se colocar no lugar do outro, preparam para as emoções da vida. Ajudam a compreender o diferente e a si.

Ainda sobre a importância de as crianças vivenciarem experiências de contação de histórias, Brandão e Rosa (2011) destacam a importância das vivências nas rodas de contação. Elas pontuam a importância da participação das crianças em diferentes papéis ou atribuições, como, por exemplo, escolher os livros, solicitar que uma história seja recontada, participar da organização do espaço onde a história será contada ou recontada, iniciar o ritual de contação com uma frase expressiva, narrar uma que ela ouviu, viveu ou criou. Dessa forma, seus modos de atuar no grupo são ampliados, tornando seu aquilo que inicialmente era uma ferramenta sociocultural.

No período em que estivemos em campo, observamos 4 contações de histórias realizadas pelas professoras com o apoio das crianças, sendo as seguintes: “A cigarra e a formiga”, na turma de P1A, “O monstro das cores”, na turma de P1B, “A galinha ruiva”, na turma de P2B e “O mundo encantado”, na turma de P3B. Outras duas contações realizadas apenas pelas professoras foram as seguintes: “O gato xadrez”, na turma de P2B, e “Chapeuzinho Vermelho”, na turma de P3A.

P2A enfatizou a sua dificuldade para contar histórias, logo, seus alunos não são estimulados a realizarem atividades nesse sentido, mas reforça que estimula as crianças a lerem todos os dias, o que de fato presenciamos. P2B, por seu lado, aponta a resistência de alguns alunos para contarem histórias, uma vez que poucos querem assumir o papel de contador e a timidez, segundo ela, é algo que atrapalha muito.

A timidez das crianças, por vezes, impossibilita que vivenciem momentos de contação como contadoras e acreditamos que a escolha de histórias terapêuticas que foquem na timidez possa ajudar bastante a superar esse problema. Sunderland (2005) compara as histórias terapêuticas com “ingressos” para ter acesso ao mundo interior da criança. Ela destaca que essas histórias abordam questões e problemas emocionais comuns, mas essa abordagem acontece dentro do domínio da imaginação. Ela aponta que, após a criança ouvir com cuidado uma história escolhida para ela, ela passa a ter duas visões da situação que lhe causa dor: a antiga visão que antecede a história e a nova visão pós-história. Essa nova visão é enriquecida tanto pela empatia quanto pela possibilidade criativa que a história pôde proporcionar.

Apesar de algumas crianças se recusarem a contar histórias, seja por timidez ou outro motivo, percebemos um movimento interessante por parte dos professores no intuito de incentivá-las a mergulharem nessas vivências. Ao assumirem o papel de contadoras, elas atribuem novos significados aos textos narrados.

Notamos que, com base na análise de 61 planos de aula das professoras, apenas 6 eventos de contação de histórias foram encontrados, sendo a contação da história A cigarra e a formiga, na turma de P1A, a história O monstro das cores, na turma de P1B, a história A galinha ruiva e o poema narrativo O gato xadrez, na turma de P2B, a história Chapeuzinho Vermelho, na turma de P3A e a história O mundo encantado, na turma de P3B. Não identificamos nenhum evento de contação nos planos de P2A. Podemos afirmar que os eventos de contação encontrados nos planos foram exatamente os eventos identificados durante as observações nas turmas.

Observamos também que P1A aponta que realiza o trabalho com a contação de histórias no intuito de desenvolver a oralidade e a criatividade de seus alunos, bem como incentivar a leitura e incentivar o contato das crianças com o livro de literatura infantil. No entanto, ao observarmos o evento de contação da história A cigarra e a formiga, após a contação, a professora questionou se as crianças gostaram da história, realizou uma interpretação oral da mesma e utilizou a contação como pretexto para trabalhar valores, focando

na moral da história. O trabalho de contação realizado pela professora foi embasado na concepção educativa de contação.

P1B pontua que, ao trabalhar a contação de histórias com seus alunos, prioriza o conhecimento de novas histórias, a ampliação do conhecimento e o trabalho com a memória e a contação. Logo, ao observarmos o evento de contação da história O monstro das cores, detectamos que a mesma, após a contação, discutiu com as crianças sobre emoções e as orientou para a realização de duas atividades na folha de ofício, identificando e formando as palavras que indicam as emoções. A concepção de contação de história que embasou esse evento foi a educativa.

P2A afirma que, ao contar histórias, o professor permite que as crianças realizem viagens no mundo da fantasia, podendo assumir o papel dos personagens. Portanto, durante as observações na turma da referida professora, não identificamos nenhum evento de contação.

P2B, destaca que ao contar histórias na escola promove o desenvolvimento do senso crítico, da leitura e da escrita, além disso, trabalha a timidez das crianças, no entanto, no evento de contação da história A galinha ruiva, a professora realizou a contação e algumas crianças da turma dramatizaram a história. Não houve nenhuma discussão sobre a história. Esse evento foi embasado pela concepção de contação como performance. O outro evento de contação realizado com a turma foi relacionado ao poema narrativo O gato xadrez. Verificamos que, durante a contação, a professora questionava os alunos sobre as rimas que apareciam na história. Esse evento foi embasado pela concepção educativa de contação.

P3A afirma que o trabalho com a contação de histórias foca no desenvolvimento da imaginação e apropriação da linguagem, bem como no incentivo à leitura e à escrita. Ao observarmos o evento de contação da história Chapeuzinho Vermelho, identificamos que, após a contação, a professora focou na interpretação moral da história, bem como na realização de duas atividades escritas, uma focada na interpretação textual e a outra na produção textual da história contada. A concepção educativa de contação embasou esse evento de contação.

P3B aponta que, ao contar histórias, incentiva o desenvolvimento da imaginação e da cognição, da oralidade, da escrita, bem como a interpretação

textual. Durante a observação do evento de contação da história improvisada O mundo encantado, notamos que a professora instigou seus alunos a criarem uma história em conjunto. A professora iniciou a história e as crianças iam contribuindo com a contação. Ao mesmo tempo que eram ouvintes nesse evento, também assumiam a posição de contadores. Após a contação, foi realizada uma discussão sobre a história e alguns alunos apontaram outros possíveis finais para a história. Diante disso, verificamos que esse evento de contação foi embasado pela concepção intersubjetiva de contação de histórias.

Dos 6 (seis) eventos de contação observados, 4 (quatro) foram embasados pela concepção educativa de contação de histórias, 1 (um) evento pela concepção de contação como performance e 1 (um) pela concepção de contação intersubjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho consistiu em um estudo de caso, tendo como referência concepções de contação de histórias apontadas por Santos e Oliveira (2021), sendo elas: intersubjetiva, terapêutica, a que aborda a Existência humana (indígena e africana), a contação como performance, a educativa e a de incentivo à leitura. A partir delas, investigamos as concepções de contação de histórias adotadas por professores (as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaíra–PB, e como elas influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.

Com base nos resultados, e em consonância com os objetivos estabelecidos, pudemos destacar em relação às práticas de contação de histórias das professoras pesquisadas que há uma priorização da concepção educativa de histórias, seguida da concepção de contação enquanto performance. As professoras, ao escolherem as narrativas a serem contadas, priorizam contos, fábulas, histórias infantis e poemas narrativos presentes nos livros. Apenas uma professora destacou a importância de trabalhar histórias transmitidas e/ou produzidas oralmente. Ela acredita que é uma forma de se manter viva as histórias contadas por seus avós, por exemplo.

Elas consideram importante a caracterização para se contar histórias, no entanto, apontam obstáculos para justificarem o porquê não se caracterizam: a falta de tempo, a timidez, o gasto financeiro e a falta de material para confeccionar vestimentas e adereços.

Um aspecto que também identificamos e que nos chamou a atenção foi em relação à frequência de contação presente nos planos das professoras. Dos 54 eventos que elas consideravam como contação de histórias, apenas 6 desses eventos, de fato, eram eventos de contação de histórias. Percebemos que algumas professoras apresentam dificuldades para diferenciar o que é contar uma história do que é mediar a leitura de uma história, pois apontaram todos os eventos de mediação de leitura como contação de histórias.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelas professoras para planejarem eventos de contação de história, observamos que três apontaram não sentirem dificuldades em planejar atividades de contação, no entanto, as

atividades de contação a que elas se referiram, foram atividades de exploração das histórias contadas. As demais professoras sentem dificuldades para planejar eventos de contação de histórias e apontam a falta de preparo, a caracterização, a ausência de objetivos e de materiais como as principais dificuldades. Diante disso, passamos a refletir se seria necessária uma formação na área, pois muitos professores acabam não realizando um trabalho eficaz e consciente com a contação de histórias por falta de conhecimento nessa área.

Em relação ao estudo das histórias, as professoras destacaram que estudam as histórias para entendê-las, para respeitar a pontuação e focar na entonação, para conhecer o enredo, o autor e o tema, para ver se as histórias focam em valores, abordam o tema família, união, bem como se as histórias se aproximam da realidade dos alunos. Nesse caso, estudam-se as histórias visando atender/trabalhar a contação focada na Concepção Educativa de Contação.

Em relação ao uso de objetos/ instrumentos que podem ser utilizados na contação de histórias, as professoras utilizam palitoches, aventais, painéis, elementos como casas fictícias, pratos, painéis e imagens magnéticas e imagens com os personagens da história. Percebemos, também, que a escola dispõe de vários materiais que podem ser utilizados nas contações, como deboches, caixas de histórias, latas de histórias, fantoches, dentre outros. Sabemos que há uma imensa gama de objetos que podem ser utilizados nas contações, desde um simples pedaço de papel a objetos mais elaborados.

Ao contar uma história, podemos fazer uso de diversos recursos (bonecos, tecidos, teatro de sombra, avental, objetos variados, máscaras, etc.). Reconhecemos a importância desses recursos, mas não devemos esquecer que o elemento principal da contação é a história, logo, esses recursos precisam ser usados com cautela e planejamento.

No que se refere aos espaços utilizados pelas professoras para contar histórias, verificamos três espaços: as salas de aula, o pátio da escola e a sala de leitura. No entanto, é preciso um planejamento para contar histórias em cada um desses espaços, para que a contação não seja prejudicada por alguma

interferência, como barulho, por exemplo, fato observado durante a nossa pesquisa de campo.

Observamos também que, após a contação, as professoras discutem as histórias contadas, focando na moral da história e/ou realizam atividades pedagógicas voltadas para uma determinada temática ou conteúdo.

Em relação às crianças serem estimuladas a contarem histórias, observamos que as professoras vêm incentivando, sim, seus alunos tanto a lerem quanto a contarem histórias, o que não é fácil, pois, por vezes, precisam lidar com dificuldades como a timidez das crianças.

Logo, concluímos que as professoras colaboradoras da pesquisa consideram a contação de histórias uma importante aliada para aproximar as crianças das narrativas literárias infantis, no entanto, percebemos que, com a falta de políticas públicas voltadas para o incentivo as práticas de contação de histórias nas escolas, somada à pouca frequência de eventos de contação nos planos de aula, a falta de um planejamento bem elaborado para que isso de fato ocorra, não têm colaborado com essa aproximação de forma efetiva.

Além disso, os resultados da pesquisa apontam para a importância de discutirmos a contação de histórias na escola, buscando, com isso, refletirmos sobre aspectos como concepções, conceitos, planejamento e elaboração de materiais que permitam que elas trabalhem com propriedade e aprofundamento sobre o assunto. Logo, reconhecemos o quanto a contação de histórias precisa estar presente na escola. No entanto, é interessante refletirmos se os professores estão preparados para trabalhá-la com seus alunos e se as escolas dão condições para que o trabalho com a contação ocorra com o intuito de aproximar as crianças dos textos literários efetivamente.

Diante disso, esperamos que a pesquisa tenha cumprido seu papel e possa contribuir para além das práticas das professoras participantes, alcançando outros/as profissionais da educação e que possa se refletir em transformações necessárias ao trabalho com a contação de histórias nas escolas. Além disso, visamos que outras pesquisas possam ser empreendidas a partir deste estudo e que possam ampliar os conhecimentos sobre nosso objeto de investigação.

Para finalizar, destacamos a importância de se trabalhar a contação de histórias na escola, pois ela proporciona a ativação de recursos que só o ser humano possui, como, por exemplo, a capacidade de memorizar e de imaginar, também fazendo com que possamos despertar nossas emoções, contribuindo com nossa formação cultural e nossa humanização. Acreditamos que a contação de história pode aguçar o pensamento, as falas e opiniões das crianças, uma vez que são elas as personagens e protagonistas de sua própria história. Sempre que possível, é interessante propiciar momentos de falas e reflexões, por meio de discussões e recontos para promover interações e socialização. Reiteramos, assim, que a prática de ouvir e contar histórias nos instiga a buscar por outras histórias, seja as repassadas através da oralidade ao longo do tempo, seja as presentes nos livros literários, ecoando no processo de formação leitora das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991

_____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

_____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5° ed. São Paulo: Scipione, 2006.

AGUIAR et al., Vera Teixeira de. Descobrimo o leitor. In: AGUIAR et al., V. T. (coord). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. p. 35-60.

ALVES, Lúcia de Fátima. **A contribuição da transmídia storytelling no desenvolvimento da leitura proficiente das crianças em processo de alfabetização**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

fundamental contando histórias. Recanto das Letras, 2012. Disponível em: [https:// www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3495520](https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3495520). Acesso em: 12 mai.2024.

BAKHTIN, M. (1992) **Os gêneros do discurso**. In.: _____. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Entrando na roda: as histórias na educação infantil**. In: Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. p. 33-51.

Busatto, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar. Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, R.J: Vozes. 2012.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da Informação e da Leitura**. In II Seminário em Ciência da Informação - UEL, Londrina, 2007.

CARDOSO, Tereza; ALARCÃO, Isabel; ANTUNES, Celorico J. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento**. Porto: Porto, 2010.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: Narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980.

BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C.S. **Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil**. In: _____. Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-51.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <568http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 02 ago. de 2024.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. 4ª. Petrópolis: Vozes, 2013.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças**. Dissertação (Mestrado em literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CAMPOS, Juliana LA; SILVA, Taline C.; ALBUQUERQUE, Ulysses P. **Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar. Métodos de pesquisa qualitativa para etnobiologia**. Recife: Nupeea, p. 95-112, 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. **A observação participante enquanto técnica de investigação**. Pensar Enfermagem. Journal of Nursing, v. 13, n. 2, p. 30-36, 2009.

CORSINO, P. Infância e Literatura: Entre conceitos, palavras e imagens. **Revista Teias** v. 16, n. 41, p. 108-123, abr./jun., 2015. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 09 jan. 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

D'ÁVILA, Fernanda Martins; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Breve histórico da literatura infantil brasileira**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. João Pessoa. Vol.14, nº 2, p. 245-258. 2019.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y.; NETZ, S. **O planejamento da pesquisa qualitativa teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUARTE, M. Y. M. **Estudo de caso**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade**. In: PRIETO, Benita (org.) Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed., 2011.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Vieira da. **Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do sul do Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ENANCIB 18, 2017, Marília. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/58896>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2019.

FLICK, U. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Claudia. Que ética? Que Ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Orgs.). **Ética e Regulamentação na Pesquisa Antropológica**. Brasília: LetrasLivres: Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 39-70.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2014.

GOMES, Lenice. Cantares e contares: brincadeiras faladas. A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: GOMES, L.; MORAES, F. (org.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares.** São Paulo, SP: Cortez, 2012. p. 23-30.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. **A tradição viva.** In: História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África. P. 167-212. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010. Acesso: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/algodao-de-jandaira/panorama> Acesso em 14 de Jun 2024.

KIRCHOF, Edgar R.; BONIN, Iara T.; SILVEIRA, Rosa Maria H. **Apresentação literatura infantil e diferenças.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, out. /dez. 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362013000400002>. Acesso em: 11 abr. 2024.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LEMOS, A. C.; SILVA, N. C. G. A função terapêutica da arte de contar histórias. Intermiose: Revista digital, ano I, v 1, n 1, 2012. Disponível em: <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/06/01.pdf> Acesso em: 17 de Out. 2024.

LIBARDI, Franciele Lucia. **Práticas docentes para sujeitos de ação: a contação de histórias pela estética da recepção no ensino fundamental I.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2023.

LIMA, Elisângela. **Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATOS, Gislayne Avelar de. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A Palavra do Contador de Histórias**. 1ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MELIAN, Valdivina Telia Rosa de. **A formação do Leitor literário: um olhar sobre a Escola Municipal Léia Raquel Dias Mota**. Dissertação (Mestrado). Fundação Universidade Federal Do Tocantins. Palmas, 2016.

MINAYO, Maria Cecília S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-15.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MULLER, Fernanda. **Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006

MUNDURUKU, Daniel. **Contar histórias e tradição indígena**. In: MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M. B. V.; MORAES, T. M. R. (org.). **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

NÉRI, Ângela. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Telha, 2022)

PAIVA, Antonia Sara Sammilly Regis. Expressão criativa e imaginação na infância: relações entre a contação e o reconto de história na formação leitora. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, 2023.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Em defesa da literatura**. Caderno mais! Folha de São Paulo. 2000.

PIRES, O. S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. Maringá: UEN, 2011.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Londrina, 2011.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SAN MARTIM, Carla Alessandra Garibaldi. **Contação de histórias: uma prática para o letramento literário**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande. São Lourenço do Sul, 2021.

SANTOS, A. de A.; OLIVEIRA, R. L. de. **Contação de histórias: Algumas considerações sobre suas concepções**. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 159–175, 2021. DOI: 10.34024/olhares. 2021.v9.11124. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11124>. Acesso em: 19 set. 2023.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, 12(21), 51-69. 2003

SARMENTO, Manuel. **“A reinvenção do ofício de criança e de aluno”**. Atos de pesquisa em educação, Furb, v 6, n. 3, pp. 581-602, 2011.

SILVA, Jordania Quirino de Souza e. **A contação de histórias como ferramenta para a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 2020.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Neide Figueiredo de. **A Contação de História como Recurso para a Formação de Leitores: Proposição de Práticas Leitoras para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Rio grande do Sul, 2021.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educare et educare, \v. 6, n. 12, p. 235-249. 2011.

STOCKER, Claudia. **O incentivo à leitura por meio da arte de contar histórias**. 2. Ed. Curitiba: Appris, 2022.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias para crianças, pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.

TEIXEIRA, I.A.C. **Os professores como sujeitos sócio-culturais**. In: Dayrell, J.T. (Org). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* Belo Horizonte: UFMG, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLARTA-NEDER, Marco Aantonio; FERREIRA, Helena Maria. **Contar para o outro é falar de si: intersubjetividade e ato responsável na vídeo animação** bridge. In: GOULART, Ilsa do Carmo Vieira.; LOBO, Dalva de Souza.

(org). **Os encantadores de histórias**: sobre práticas orais, memórias e arte narrativa. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico livro para professores**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

YIN, Robert K. **Estudo de caso-planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZENI, Adriane de Fátima. **Prof, conta uma história!: manual para o professor que tem desejo de contar histórias**. 1ª ed. Curitiba: Aprpris, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 9ª ed. São Paulo: Global, 1994.

ANEXOS

ANEXO A – HISTÓRIA A CIGARRA E A FORMIGA

A Cigarra e a Formiga

Era uma vez, em um lindo bosque, uma cigarra muito alegre e uma formiga muito trabalhadora.

Durante todo o verão, a cigarra passava seus dias cantando e tocando sua pequena viola. Ela adorava sentar-se em uma folha verde e cantar suas melodias favoritas. "La-la-la", cantarolava ela, "que dia lindo para cantar!"

Enquanto isso, a formiguinha trabalhava sem parar. Ela ia e vinha, carregando grãos e pedacinhos de comida para seu formigueiro. Estava sempre ocupada, preparando-se para o inverno que estava por vir.

A cigarra via a formiga trabalhando e dizia: "Ei, formiguinha! Por que você trabalha tanto? Venha cantar e se divertir comigo!" Mas a formiga respondia: "Não posso, cigarra. Preciso guardar comida para o inverno. Você deveria fazer o mesmo."

A cigarra apenas ria e continuava a cantar:
"O inverno ainda está longe.
Há tempo de sobra!"

Os dias passaram, as folhas ficaram amarelas e caíram das árvores. O ar ficou frio e a neve começou a cair. O inverno havia chegado.



A cigarra, tremendo de frio e com muita fome, foi até a casa da formiga. Bateu na porta e pediu: "Por favor, formiguinha, você pode me dar um pouco de comida? Estou com muita fome e não tenho nada para comer."

A formiga abriu a porta e disse: "Oh, cigarra! Durante todo o verão você cantou enquanto eu trabalhava. Se tivesse pensado no futuro, não estaria passando fome agora."

A cigarra ficou muito triste e arrependida. Percebeu que deveria ter se preparado para o inverno, como a formiga fez.

Vendo a tristeza da cigarra, a formiga ficou com pena. Ela convidou a cigarra para entrar, ofereceu-lhe um pouco de comida e disse: "Venha, vamos compartilhar o que tenho. Mas prometa que no próximo verão, você também vai trabalhar um pouquinho, além de cantar."

A cigarra prometeu que sim, agradeceu à formiga pela sua bondade e aprendeu uma importante lição: é bom se divertir, mas também é importante pensar no futuro e se preparar para os tempos difíceis.

E assim, a cigarra e a formiga passaram o inverno juntas, compartilhando comida e histórias. Quando a primavera chegou, as duas eram grandes amigas e decidiram trabalhar juntas, com a cigarra animando o trabalho com suas belas canções.



O MONSTRO DAS CORES

ANNA LLENAS

Este é o monstro das cores.
Hoje ele acordou se sentindo estranho,
Confuso, aturdido...
Não sabe muito bem o que lhe passa.



Enrolado de novo?
Você não aprende nunca...
Quanta bagunça você fez com suas emoções!
Assim, todas emboladas, não funcionam.

Você tem que separá-las
E colocá-las cada uma em seu pote.
Se quiser eu te ajudo a organizar.



A alegria é contagiante.
Brilha como o sol,
Pisca como as estrelas.
Quando está alegre, você ri, pula, dança, brinca...
E tem vontade de compartilhar sua alegria
Com todo mundo.

A tristeza está sempre sentindo falta de algo.
É suave como o mar,
Doce como os dias de chuva.
Quando está triste, você se esconde
E quer ficar só...
E não tem vontade de fazer nada.



A raiva arde como vermelho vivo
E é feroz como o fogo,
Que queima forte e é difícil de apagar.
Quando está com raiva,
Você sente que cometeram uma injustiça
E quer descarregar a fúria nos outros.



O medo é covarde
Se esconde e foge
Como um ladrão na escuridão.
Quando tem medo,
Você se sente pequeno e insignificante...
E pensa que não conseguirá fazer o que te pedem.



A calma é...
Tranquila como as árvores,
Leve como uma folha ao vento.
Quando você está calmo,
Respira pouco a pouco e profundamente,
Você se sente em paz.



Estas são suas emoções,
Cada uma tem uma cor diferente...
... e organizadas funcionam melhor.
Veja que bom! Já estão todas em seus lugares!
Amarelo → alegria
Azul → tristeza
Vermelho → raiva
Preto → medo
Verde → calma
Mas... E agora?
Sabe dizer o que você está sentindo?



ANEXO C – HISTÓRIA A GALINHA RUIVA

A Galinha Ruiva

Era uma vez uma galinha ruiva, que morava com seus pintinhos numa fazenda.

Um dia ela encontrou umas espigas de milho e pensou que se o semeasse e quando estivesse maduro, pronto para colher, podia virar um bom alimento.

A galinha ruiva teve a ideia de fazer um delicioso pão de milho. Todos iam gostar!

Era muito trabalho: ela precisava de bastante milho para o pão.

Quem podia ajudar a semear o milho?

Quem podia ajudar a colher a espiga de milho no pé?

Quem podia ajudar a debulhar todo aquele milho?

Quem podia ajudar a moer o milho para fazer a farinha de milho para o pão?

Foi pensando nisso que a galinha ruiva encontrou seus amigos:

- Quem pode me ajudar a semear o milho para fazer um delicioso pão?

- Eu não, disse o gato. Estou com muito sono.

- Eu não, disse o cachorro. Estou muito ocupado.

- Eu não, disse o porco. Acabei de almoçar.

- Eu não disse a vaca. Está na hora de brincar lá fora.

A galinha semeou, colheu, debulhou, moeu, amassou e cozeu o pão sozinha.

Aquele cheirinho bom de pão foi fazendo os amigos chegarem. Todos ficaram com água na boca.

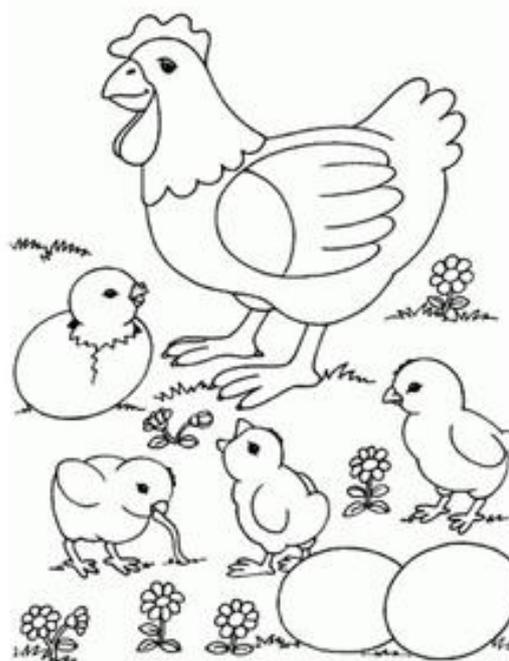
Então a galinha ruiva disse:

- Quem foi que me ajudou a colher o milho, preparar o milho, para fazer o pão?

Todos ficaram bem quietinhos. (Ninguém tinha ajudado.)

- Então quem vai comer o delicioso pão de milho sou eu e meus pintinhos. Vocês podem continuar a descansar olhando.

E assim foi: a galinha e seus pintinhos aproveitaram a festa, e nenhum dos preguiçosos foi convidado.



CHAPEUZINHO VERMELHO

ERA UMA VEZ UMA MENINA MUITO GRACIOSA CHAMADA CHAPEUZINHO VERMELHO.

UM DIA SUA MÃE CHAMOU CHAPEUZINHO VERMELHO E PEDIU QUE FOSSE ATÉ A CASA DA VOVOZINHA LEVAR GULOSEIMAS, PORQUE ELA ESTAVA DOENTE.

A MÃE DA MENINA PEDIU QUE FOSSE PELO CAMINHO MAIS LONGO, POIS PELO CAMINHO DA FLORESTA HAVIA UM LOBO MUITO MAU.

CHAPEUZINHO DESOBEDECEU, FOI PELO CAMINHO DA FLORESTA E ENCONTROU O LOBO.

O LOBO MAU, SABENDO QUE CHAPEUZINHO IRIA LEVAR DOCES PARA VOVÓ, CORREU ATÉ LÁ, COMEU A VOVOZINHA E DEITOU EM SUA CAMA PARA FINGIR QUE ERA A VOVÓ.

CHAPEUZINHO CHEGOU, ENTROU, ACHOU A VOVÓ DIFERENTE E SE ASSUSTOU AO PERCEBER QUE NÃO ERA A VOVÓ.

CHAPEUZINHO COMEÇOU A GRITAR PEDINDO SOCORRO.

PASSAVA POR ALI UM CAÇADOR QUE, AO OUVIR OS GRITOS DA MENINA, ENTROU, ATINGIU O LOBO MAU, ABRIU SUA BARRIGA E SALVOU A VOVOZINHA.

AS DUAS AGRADECERAM MUITO AO CAÇADOR E SE TORNARAM GRANDES AMIGAS DELE.



ERA UMA VEZ UM GATO XADREZ...

BIA VILLELA

ERA UMA VEZ UM GATO XADREZ.
CAIU DA JANELA E FOI SÓ UMA VEZ.
ERA UMA VEZ UM GATO AZUL.
LEVOU UM SUSTO E FUGIU PRO SUL.
ERA UMA VEZ UM GATO VERMELHO.
ENTROU NO BANHEIRO E FEZ CARETA NO ESPELHO.
ERA UMA VEZ UM GATO AMARELO.
ESQUECEU DE COMER E FICOU MEIO MAGRELO.
ERA UMA VEZ UM GATO VERDE.
ELE ERA PREGUIÇOSO E FOI DEITAR NA REDE.
ERA UMA VEZ UM GATO COLORIDO.
BRINCAVA COM OS AMIGOS E ERA MUITO DIVERTIDO
ERA UMA VEZ UM GATO LARANJA.
FICOU DOENTE E SÓ QUERIA CANJA.
ERA UMA VEZ UM GATO MARROM.
OLHOU PRA GATA E FEZ “ROM ROM”.
ERA UMA VEZ UM GATO ROSA.
COMEU UMA SARDINHA DELICIOSA.
ERA UMA VEZ UM GATO PRETO.
ERA TEIMOSO E BRINCOU COM UM ESPETO.
ERA UMA VEZ UM GATO BRANCO.
ERA TÃO SAPECA QUE PULOU DO BARRANCO.
ERA UMA VEZ UM GATO XADREZ...
QUEM GOSTOU DESTA HISTÓRIA QUE CONTE OUTRA VEZ



ANEXO F – HISTÓRIA CRIADA POR P3B E SUA TURMA

O MUNDO ENCANTADO

Turma de P3B

Professora: Um certo dia uma professora e seus alunos resolveram viajar para um lugar muito distante. Nesse lugar existiam o que?

Crianças: Existiam montanhas mágicas.

Professora: Montanhas mágicas? Olha que legal! Vamos lá. Nesse mundo encantado, a gente encontrou...

Crianças: Dinossauros, dinossauros encantados.

Professora: Lá também poderemos encontrar...

Crianças: Uma casa mágica cheia de doces.

Professora: E muitas nuvens de algodão doce.

Criança A: Eita! Que delícia!

Criança B: Lá também tem um coelho bem sapeca que pula pra todo lado.

Professora: Durante a estadia da turma nesse mundo mágico, todos puderam passear por diversos lugares, como florestas, parque de diversões e praias. Todo esse passeio foi feito em que?

Crianças: Nas asas do passarinho.

Criança B: De um pássaro bem colorido.

Professora: Eles puderam ver de longe um imenso...

Criança C: Um vulcão com muitas larvas de ouro.

Professora: Larvas de ouro, muito bem!

Professora: A viagem estava muito boa, mas a turma precisava voltar para casa e encontraram um amigo muito especial, esse amigo era um...

Criança A: Era um peixe voador.

Professora: Isso mesmo, um peixe voador que mostrou para a turma um..

Crianças: Mapa.

Professora: Um mapa! Muito bem! Um mapa que indicava o caminho de volta pra casa. A turma se despediu dos novos amigos, subiu no peixe voador e voltou para casa. Como foi que a turma voltou pra casa?

Crianças: Feliz!

Criança B: Alegre!

Professora: Essa história entrou por uma porta e saiu pela janela, batam palmas pra ela!

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFPG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO – HUAC



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO

Contação de histórias: concepções e práticas de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu _____, profissão _____
_____ residente _____
_____, portador da Cédula de identidade, RG _____, e inscrito
no CPF/MF _____ nascido(a) em ____/____/_____
, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a)
do estudo “**Contação de histórias: concepções e práticas de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental**”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

1) A pesquisa possui os seguintes objetivos:

Objetivo geral

1. Investigar como as concepções de contação de histórias de professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaira-PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola.

Objetivos específicos:



que trabalham nas turmas de 1º, 2º e 3º ano, que participarem da pesquisa. A pesquisa apresenta como benefícios: Ampliação do conhecimento sobre o assunto pesquisado e contribuições para a prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental (Anos Iniciais).

- IV) Acompanharemos os participantes da pesquisa no período de quatro meses;
- V) Caso decida a qualquer momento, desistir da pesquisa, isso não causará nenhum prejuízo a você e também não resultará em necessidade de qualquer explicação ou penalização;
- VI) Garantimos manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa, exceto para fins de divulgação científica;
- VII) Autorizo o uso de áudios .

Sim Não

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa

- Desejo conhecer os resultados desta pesquisa
- Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

- VIII) O participante da pesquisa receberá uma via do TCLE;
- IX) As despesas da pesquisa serão cobertas pelo Pesquisador responsável pela pesquisa;
- X) Não haverá prejuízo financeiro aos participantes desta pesquisa e não haverá qualquer procedimento que poderá ocasionar danos físicos ou financeiros ao voluntário. Deste modo, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável;

XI) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande- PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br; Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande - PB, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante: _____



APÊNDICE B: TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR (ES)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO

Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP

Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José. CEP: 58107 – 670.

Tel: 2101 – 5545, E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.



TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo–assinados, Orientador e Orientando(s) respectivamente, da pesquisa intitulada “Contaçon de histórias: concepções e práticas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental”, assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº510, de 07 de Abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde/ MS e suas Complementares, homologada nos termos do Decreto de delegaçã de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outros sim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das fichas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta.

Apresentaremos sempre que solicitado pelas instâncias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da mesma, assumindo o compromisso de:

- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

Em cumprimento às normas regulamentadoras, **declaramos que a coleta de dados do referido projeto não foi iniciada** e que somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande (CEP-UFCG), os dados serão coletados.

Campina Grande-PB, 22 de Novembro de 2023.

Fabiana Ramos

Orientadora

Josicleide Cabral da Silva Guedes

Orientanda

APÊNDICE C: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

Pesquisador: Josicleide s Guedes

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75960723.6.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.586.676

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador a finalidade da presente pesquisa é investigar como as concepções de contação de histórias adotadas por professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaira-PB, influenciam a abordagem das narrativas literárias infantis na escola. Diante disso, atentaremos para concepções de contação de histórias adotadas pelos (as) respectivos professores (as), a frequência que as contações aparecem nos planos de aulas e são executadas na prática, locais e instrumentos utilizados para que a contação de histórias se efetive e caracterização dos(as) professores (as) durante o ato de contar, atentando também para o momento pós contação. A referida pesquisa se constitui com um Estudo de Caso. Realizaremos entrevistas com 6 professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pesquisa documental (planos de aula) das referidas professoras, bem observação participante em suas aulas. Utilizaremos o procedimento de Triangulação de dados e utilizaremos a Análise de Conteúdo como metodologia de trabalho.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador descreve como objetivos da pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como as concepções de contação de histórias de professores(as) do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no município de Algodão de Jandaira-PB, influenciam a abordagem das narrativas

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José CEP: 58.107-870
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

Continuação do Protocolo: 6.506.676

literárias infantis na escola

Objetivo Secundário:

- Identificar que concepções de contação de histórias são adotadas pelos (as) professores(as) em suas respectivas turmas;
- Observar com que frequência as contações de histórias estão inseridas nos planejamentos semanais de cada professor(a);
- Averiguar quais os locais utilizados pelos(as) professores(as) para realizar contações de histórias e se eles estudam as histórias para realizarem a contação;
- Verificar quais são os instrumentos/objetos utilizados pelos(as) professores (as) para contar histórias;
- Investigar se os professores (as) se caracterizam para contar histórias;
- Perceber se após a contação de histórias há espaço para o diálogo sobre as histórias e se as crianças são incentivadas a se posicionarem criticamente sobre elas.

avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador elenca como riscos e benefícios da pesquisa:

Riscos:

Desconforto, Quebra de sigilo, Estresse, Aborrecimento, Quebra de anonimato, Invasão de privacidade, Possibilidade de constrangimento, Exposição de dados e fotos do participante que possam resultar na sua identificação, Divulgação de dados confidenciais, Interferência na vida e na rotina dos participantes.. Esta pesquisa objetiva contribuir com a etapa do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), principalmente com os professores que trabalham nas turmas de 1º, 2º e 3º ano, que participarem da pesquisa.

Benefícios:

Ampliação do conhecimento sobre o assunto pesquisado e contribuições para a prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema:

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José CEP: 58.107-870
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG**



Continuação do Parecer: 6.566.676

- Projeto completo
- Folha de rosto
- Termo de compromisso dos pesquisadores
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Cronograma
- Orçamento
- Termo de Anuência Institucional
- Instrumento de coleta de dados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem Inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações BÁSICAS DO PROJETO 2231849.pdf	22/11/2023 14:04:11		Acelto
Declaração de Pesquisadores	Compromissopesquisador.pdf	22/11/2023 14:02:20	Josicleide s Guedes	Acelto
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMações BÁSICAS DO PROJETO 2231849.pdf	10/11/2023 16:58:22		Recusado
Cronograma	Cronogramaok.pdf	10/11/2023 16:52:16	Josicleide s Guedes	Acelto
Outros	Roteiroobservacao.pdf	10/11/2023 16:49:08	Josicleide s Guedes	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo.pdf	10/11/2023 16:44:34	Josicleide s Guedes	Acelto
Orçamento	FinancelroJosicleideok.pdf	10/11/2023 16:43:41	Josicleide s Guedes	Acelto
Outros	Roteirodeentrevista.pdf	10/11/2023 16:16:35	Josicleide s Guedes	Acelto
Declaração de Pesquisadores	Termodecompromissodospesquisadores.pdf	10/11/2023 16:14:02	Josicleide s Guedes	Recusado
Projeto Detalhado	PROJETOJOSICLEIDEok2023.pdf	10/11/2023	Josicleide s Guedes	Acelto

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
 Bairro: São José CEP: 58.107-870
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.595.670

/ Brochura Investigador	PROJETOJOSICLEIDEok2023.pdf	15:20:40	Josicleide s Guedes	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEJosicleideok.pdf	10/11/2023 15:19:51	Josicleide s Guedes	Acelto
Folha de Rosto	Folhaderoctok.pdf	10/11/2023 15:17:52	Josicleide s Guedes	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 17 de Dezembro de 2023

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José CEP: 58.107-870
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Você vivenciou experiências de contação de histórias na sua infância? Em caso afirmativo, quais histórias eram contadas e quem contava essas histórias para você?
- 2) Qual a importância da contação de histórias? Com quais objetivos você utiliza a contação de histórias com seus alunos?
- 3) Quando você decide contar uma história, prioriza as repassadas através da oralidade ou também faz uso do livro impresso?
- 4) Quais as histórias que você gosta de contar para seus alunos e quais critérios você utiliza para escolhê-las?
- 5) Com que frequência a contação de história é inserida em seu plano de aula?
- 6) Você sente dificuldades em planejar atividades que trabalham a contação de histórias? Em caso afirmativo, quais são as dificuldades que você destaca?
- 7) Você realiza um estudo sobre a história a ser contada? Em caso afirmativo, o que é importante focar nesse estudo?
- 8) Você utiliza instrumentos/ objetos como suporte para realizar contações de histórias? Se sim, que instrumentos/objetos são esses e como você tem acesso a eles?
- 9) Que características um espaço adequado para contar histórias deve ter? Quais espaços você utiliza para contar histórias com seus alunos?

- 10) Você considera importante a caracterização do(a) contador(a) de história? Por quê? Você se caracteriza para contar histórias?
- 11) Após a finalização da contação de uma determinada história, você adota algum procedimento? Em caso afirmativo, justifique.
- 12) Seus alunos são estimulados a assumirem o papel de contadores de histórias? Se sim, explique como isso acontece.
- 13) Você considera que a contação de história pode estimular as crianças a buscarem por outras histórias nos livros literários infantis, ampliando, assim, seu contato com eles?

APÊNDICE E: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. Quais as concepções de contação de histórias são adotadas nas práticas das professoras?
2. Com que frequência a contação de histórias é inserida nos planos de aula das professoras?
3. Quais são os espaços utilizados pelas professoras para a contação de histórias? Há uma preparação prévia desses espaços?
4. Quais os instrumentos/objetos adotados pelas professoras como suporte para contar histórias?
5. As professoras se caracterizam para contar as histórias?
6. Quais os critérios adotados na escolha das histórias a serem contadas?
7. Após a finalização da contação de uma história, as professoras adotam algum procedimento para explorar a mesma?
8. As professoras estimulam e dão condições a seus alunos de assumirem o papel de contadores de histórias?
9. Quando os alunos são incentivados a contarem histórias, percebe-se um interesse por parte deles, na busca dos livros literários infantis presentes na escola?